

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Beatriz Schmidt

**RELACIONAMENTO CONJUGAL E TEMPERAMENTO DE  
CRIANÇAS COM IDADE ENTRE QUATRO E SEIS ANOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi

Coorientador: Prof. Dr. Mauro Luis Vieira

Florianópolis  
2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

S349r Schmidt, Beatriz

Relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos [dissertação] / Beatriz Schmidt ; orientadora, Maria Aparecida Crepaldi. - Florianópolis, SC, 2012.

193 p.: il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Casamento. 3. Temperamento. 4. Pais e filhos. 5. Crianças - Desenvolvimento. I. Crepaldi, Maria Aparecida. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

Beatriz Schmidt

**RELACIONAMENTO CONJUGAL E TEMPERAMENTO DE  
CRIANÇAS COM IDADE ENTRE QUATRO E SEIS ANOS**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi  
Departamento de Psicologia, UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Beatriz Martins Linhares  
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
Departamento de Psicologia, UFSC

Florianópolis, 26 de março de 2012.



*Ao meu amor, Fernando.  
Aos meus maravilhosos pais, Rosa e Valdemar.*



## AGRADECIMENTOS

À Professora Cida, pela orientação e por todos os ensinamentos, realizados de forma tão competente e generosa; por me incentivar a buscar desafios; por me escutar e me acolher nos momentos de ansiedade; e, sobretudo, por seu exemplo como pesquisadora e como pessoa.

Ao Professor Mauro, pela disponibilidade para a co-orientação; pelas perguntas inquietantes que me auxiliaram a refletir sobre pontos importantes da dissertação, contribuindo para a melhoria da mesma e para o meu processo de formação profissional.

À Professora Jadete, pelos ensinamentos e pelo carinho desde a graduação. Obrigada também, Jade, pelo estímulo à realização do mestrado e pela oportunidade do estágio de docência.

Às Professoras Carmen, Lucienne e Magda, bem como aos colegas do LABSFAC, pelas discussões teóricas e metodológicas.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de realizar o curso de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos durante todo o período de realização do mestrado.

Às famílias que aceitaram participar da pesquisa, pela disponibilidade e pela confiança. Sou grata ainda pela recepção em suas residências, majoritariamente no período noturno, depois de um intenso dia de trabalho dos pais e das mães que responderam aos instrumentos.

Às Secretarias Municipais de Educação e às Instituições de Educação Infantil parceiras no projeto de pesquisa.

Às companheiras de projeto, Natalia, Carolina e Elisângela, e aos bolsistas de iniciação científica, Mariana, Vitor, Liziará e Marina. Agradeço pela disponibilidade e pela companhia durante a coleta de dados nas residências das famílias participantes do estudo.

Às colegas de grupo de pesquisa que se tornaram excelentes amigas: Simone, Carina e Lauren. Muito obrigada por me auxiliarem no processo de seleção para o mestrado; nas discussões teóricas e metodológicas; nas análises estatísticas; e na leitura atenta dos resultados da pesquisa. Agradeço ainda pelos encontros, visitas e cafés, sempre muito divertidos!

À querida amiga Vivi, por compartilhar comigo as alegrias e as angústias desse processo; pelo apoio; pelos inúmeros momentos de descontração e de risadas; e pela generosidade em dividir seus conhecimentos sobre estatística (o que foi fundamental para a efetivação dessa dissertação!).

Às amigas Pricila e Janete que, mesmo de longe, acompanharam de perto o desenvolvimento desse trabalho.

À minha querida avó Alaíde (*in memoriam*), pelo modelo de determinação e de organização, bem como pelos valiosos “conselhos” que repercutem até hoje em minha vida.

Aos meus amados pais, Rosa e Valdemar, pelos valores transmitidos e por todo o apoio, investimento e incentivo, possibilitando-me chegar até aqui e fazendo-me acreditar que sempre posso ir mais longe. Essa conquista é também de vocês!

Ao Fernando, meu marido amado, muito obrigada pelo estímulo e pelo suporte, desde os meus primeiros passos como bolsista de iniciação científica; pela leitura e pelas maravilhosas dicas de melhoria à dissertação; pelo carinho e pela paciência nos meus momentos de angústia; pelo bom humor e pela excelente companhia em todas as situações.

SCHMIDT, Beatriz. **Relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos.** Florianópolis, 2012. 193 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi

Co-orientador: Prof. Dr. Mauro Luis Vieira

Data da defesa: 26/03/2012

## RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo verificar a relação entre relacionamento conjugal de pais e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos. A pesquisa abrangeu uma amostra não-clínica, composta por 104 famílias biparentais residentes em quatro municípios do estado de Santa Catarina, perfazendo o total de 208 entrevistados. Os seguintes instrumentos foram aplicados ao pai e à mãe das crianças focais: Questionário Sociodemográfico, Questionário sobre Relacionamento Conjugal (QRC), FLOREAL e *Children's Behavior Questionnaire* (CBQ). Os dados obtidos foram compilados e tabulados em uma planilha do programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). Realizou-se análise quantitativa, com base na estatística descritiva e inferencial. Os dados receberam tratamento estatístico não-paramétrico, uma vez que nem todas as variáveis obedeceram à distribuição normal. Por meio da análise dos dados constatou-se que: a) a relação de casal dos participantes se caracterizou, em média, pela harmonia conjugal, sendo que os membros da díade consideram o seu relacionamento marital satisfatório e pouco conflituoso; b) quanto ao temperamento infantil, o fator controle com esforço foi o que recebeu os maiores escores médios, de acordo com as respostas de pai e de mãe; c) identificou-se relações entre os fatores do temperamento da criança, notadamente o afeto negativo, e o relacionamento conjugal dos pais, especialmente nas variáveis ligadas à qualidade do relacionamento conjugal, ao conflito conjugal, à reciprocidade negativa e à evitação; há indicativos de que quanto maiores são as reações de raiva, desconforto, tristeza, medo e baixa capacidade de se acalmar dos filhos, também mais o relacionamento de casal é caracterizado por interações conflitivas, evitação e reciprocidade negativa. Os resultados apontam para o fato de que as relações conjugais

e o temperamento das crianças afetam-se recursivamente. Destaca-se, assim, a importância de se considerar a bidirecionalidade das relações entre pais e filhos em intervenções profissionais e em programas de promoção de desenvolvimento saudável de crianças e de famílias.

**Palavras-chave:** *Relações Conjugais; Temperamento; Relações Familiares; Desenvolvimento Infantil; Relações Pais-Criança.*

## ABSTRACT

This dissertation aims at determining the relationship between temperament of children aged between four and six years and the marital relationship of their parents. The survey covered a non-clinical sample composed of 104 two-parent families living in four municipalities in the state of Santa Catarina - Brazil (a total of 208 respondents). The following instruments were applied to the father and mother of the focal children: Socio-demographic Questionnaire, Questionnaire on Marriage (QRC), FLOREAL and Children`s Behavior Questionnaire (CBQ). The data were compiled and tabulated in the software Statistical Package for Social Sciences (SPSS). A quantitative analysis based on descriptive and inferential statistics has been carried out. A nonparametric analysis has been chosen since not all variables obey the normal distribution. With the data analysis it was found that: a) the relationship of the couples were characterized, on average, by marital harmony, with the members considering their marital relationship satisfactory and little conflicted, b) in respect to the child temperament the effortful control was the factor that received the highest mean scores according to the answers of both father and mother, c) relationships were identified between factors of the child's temperament (especially negative affect) and marital relationship (especially in variables related to the quality of the marital relationship, marital conflict, the negative reciprocity and avoidance). There is evidence that the greater the reactions of anger, discomfort, sadness, fear and low soothability the children, the more frequent the couple relationship is characterized by conflicting interactions, avoidance and negative reciprocity. The results point to the fact that the children temperament and marital relationships affect each other. It is noteworthy, therefore, the importance of considering the bidirectionality of the relationship between parents and children in professional interventions and programs to promote healthy development of children and families.

**Keywords:** *Marital Relations; Temperament; Family Relations; Childhood Development; Parent Child Relations.*



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Fatores componentes do temperamento, suas dimensões e definições.....	59
Quadro 2 –	Etapas do procedimento de coleta de dados.....	80
Quadro 3 –	Descrição do tipo de análise realizada para responder aos objetivos da pesquisa.....	88
Figura 1 –	Diagrama do procedimento de revisão da literatura sobre relacionamento conjugal e temperamento de crianças.....	64



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Resumo das principais características sociodemográficas das famílias participantes.....	93
Tabela 2 –	Correlações de Spearman entre as variáveis sociodemográficas das famílias.....	96
Tabela 3 –	Médias e desvios-padrão do QRC (escore geral e itens).....	98
Tabela 4 –	Médias e desvios-padrão das dimensões do relacionamento conjugal do FLOREAL.....	99
Tabela 5 –	Correlações de Spearman entre as dimensões <i>harmonia conjugal</i> , <i>reciprocidade negativa</i> e <i>evitação</i> do FLOREAL.....	100
Tabela 6 –	Médias e desvios-padrão das dimensões referentes às interações conflitivas do FLOREAL.....	101
Tabela 7 –	Correlações entre o QRC (escore geral) e o FLOREAL (dimensões) de mãe e de pai.....	102
Tabela 8 –	Correlações entre o relacionamento conjugal e as variáveis sociodemográficas das famílias.....	105
Tabela 9 –	Indicadores do temperamento da criança avaliados pelas respostas de pai e de mãe ao CBQ.....	107
Tabela 10 –	Correlações entre as variáveis sociodemográficas das famílias e o temperamento das crianças.....	110
Tabela 11 –	Correlações entre o relacionamento conjugal dos casais de pais e o temperamento das crianças.....	112
Tabela 12 –	Respostas de mulheres e de homens à dimensão <i>reciprocidade</i> do FLOREAL.....	193
Tabela 13 –	Respostas de mulheres e de homens à dimensão <i>ciúmes</i> do FLOREAL.....	193



## LISTA DE ABREVIATURAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
BVS-Psi	Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil
CBQ	<i>Children`s Behavior Questionnaire</i>
CCEB	Critério de Classificação Econômica Brasileira
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CPC	Conflito na presença da criança
EAS	Emocionalidade, Atividade e Sociabilidade
FCC	Fontes de conflito entre o casal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEI	Instituição de Educação Infantil
LABSFAC	Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade
NEPeDI	Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil
NYLS	<i>New York Longitudinal Study</i>
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPCT	Processo, Pessoa, Contexto e Tempo
QRC	Questionário sobre Relacionamento Conjugal
SAPSI	Serviço de Atendimento Psicológico
SME	Secretaria Municipal de Educação
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIV	Projeto de pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos”
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UM	Universidade de Montreal
UQÀM	Universidade do Québec em Montreal



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	21
2. OBJETIVOS .....	29
2.1 Objetivo geral .....	29
2.2 Objetivos específicos .....	29
3. REVISÃO DA LITERATURA.....	31
3.1 Modelo bioecológico do desenvolvimento humano .....	31
3.2 Casamento e conjugalidade .....	38
3.3 Relacionamento conjugal e desenvolvimento de crianças .....	48
3.4 Abordagens teórico-conceituais sobre temperamento .....	54
3.5 Relacionamento conjugal e temperamento de crianças .....	61
4. MÉTODO.....	71
4.1 Desenho da pesquisa.....	71
4.2 Contextos .....	72
4.3 Participantes.....	72
4.4 Instrumentos para coleta de dados .....	73
4.5 Procedimentos para coleta de dados .....	79
4.6 Tratamento e análise de dados .....	86
4.7 Aspectos éticos da pesquisa.....	91
5. RESULTADOS .....	93
5.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes .....	93
5.2 Caracterização do relacionamento conjugal dos participantes....	97
5.3 Relações entre as variáveis sociodemográficas e o relacionamento conjugal dos participantes.....	103
5.4 Caracterização do temperamento das crianças focais .....	106
5.5 Relações entre as variáveis sociodemográficas e o temperamento das crianças.....	108
5.6 Relações entre o temperamento das crianças e o relacionamento conjugal dos pais .....	111
6. DISCUSSÃO.....	115
6.1 Caracterização sociodemográfica das famílias .....	115
6.2 Características do relacionamento conjugal e suas relações com as variáveis sociodemográficas das famílias.....	118

6.3 Características do temperamento das crianças e suas relações com as variáveis sociodemográficas das famílias .....	127
6.4 O relacionamento conjugal e suas relações com o temperamento das crianças.....	132
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
7.1 Principais conclusões e contribuições da Dissertação de Mestrado .....	139
7.2 Considerações metodológicas e limitações .....	141
7.3 Desdobramentos para a prática.....	145
7.4 Desdobramentos para a pesquisa – questões futuras .....	147
8. REFERÊNCIAS.....	149
9. ANEXOS .....	171
10. APÊNDICES.....	187

## 1. INTRODUÇÃO

A família exerce um importante papel no processo de desenvolvimento humano, por promover a sobrevivência e a socialização do indivíduo desde as fases mais primevas de sua vida. É a família que proporciona à criança os cuidados iniciais que essa necessita e que, em virtude de sua dependência e imaturidade, não é capaz de realizar sozinha. A maioria das pessoas vivencia nesse ambiente as primeiras experiências gratificantes e, também, as aversivas. Por se tratar do nicho ecológico primário de socialização, o contexto familiar é fundamental para o desenvolvimento humano.

No decorrer da história da humanidade, a família se constituiu e manteve-se como uma instituição social permanente. Tal fato pode ser explicado pela sua capacidade de adaptação, mudança e resistência, bem como por ser positivamente qualificada pela sociedade (Ribeiro, 2004). Essa capacidade de adaptação e de mudança da família relaciona-se à dificuldade para conceituá-la de modo definitivo. Definir o que é família não se trata de uma tarefa fácil, tendo em vista a complexidade que a envolve. Isso porque existe uma diversidade de composições sob a denominação de família. Contemporaneamente, tem-se considerado nessa definição a pluralidade de arranjos, que incluem laços consanguíneos ou não, relações não formalizadas por parentesco, sentimentos de pertença, vínculos afetivos, intimidade e proximidade entre os membros (Antoni, Barone & Koller, 2007; Cervený & Berthoud, 2009; Dessen & Braz, 2005a; Szelbracikowski & Dessen, 2007).

À medida que há dificuldades para definir o que é família, apresenta-se também como complexa a delimitação de um único perfil para a família brasileira (Wagner, Tronco & Armani, 2011). Especialmente a partir das décadas de 1960 e 1970, passaram a acontecer mudanças na organização familiar: a família intacta ou original, ou seja, família nuclear composta por pais biológicos de todos os filhos (Wagner & Féres-Carneiro, 2000), conhecida também como “família tradicional”, com estrutura nitidamente hierarquizada, começou a perder espaço para uma organização familiar mais democrática e igualitária (Aun, 2006). O ingresso da mulher no mercado de trabalho, antes exclusivamente masculino, levou ao aumento da sua colaboração financeira para a manutenção da economia familiar; os progressos técnico-científicos permitiram a diferenciação entre reprodução e

sexualidade, contribuindo para o decréscimo do número de filhos<sup>1</sup>; novas formas de compartilhar atividades domésticas e de cuidado com os filhos surgiram; houve também um aumento significativo no número de separações, divórcios e recasamentos (IBGE, 2011b; Wagner & cols., 2011). Evidenciam-se, de tal maneira, mudanças nas crenças, valores e padrões de relacionamento familiar, constituindo-se em uma pluralidade de organizações que não se restringe mais a um rótulo único (Aun, 2006).

Essas mudanças ocorridas na família se relacionam a transformações no contexto social mais amplo no qual ela se insere, e vice-versa (Coelho, 2006). Sendo assim, de acordo com o pensamento sistêmico, é possível entender a família como um sistema aberto em constante transformação, ou seja, como um sistema complexo que enfrenta uma série de tarefas desenvolvimentais, necessitando, continuamente, de adaptação e de reestruturação (Minuchin, 1982). Nessa perspectiva a família pode ser compreendida como um sistema dinâmico, composto por um grupo de pessoas que interage por meio de vínculos afetivos, políticos, dentre outros, estabelecendo uma rede comunicacional com influência mútua (Wagner & cols., 2011).

O sistema familiar é composto por subsistemas, que se referem ao reagrupamento dos membros do sistema geral, com base na vinculação e no tipo de relacionamento estabelecido entre eles (Wagner & cols., 2011). Os subsistemas contribuem para que a família se diferencie e realize suas funções. Os membros de uma família pertencem, ao mesmo tempo, a distintos subsistemas, nos quais aprendem diferentes habilidades, exercem diferentes níveis de poder e participam de diferentes relações complementares. A organização dos subsistemas fornece um valioso treinamento no processo de emancipação emocional, ao propiciar que o indivíduo se torne autônomo e, simultaneamente, conectado aos membros do grupo. Os indivíduos podem ser considerados subsistemas, da mesma forma que as díades constituídas, por exemplo, por mãe-filho, pai-filho, esposa-esposo, irmão-irmão. Os subsistemas familiares, que são formados por função,

---

<sup>1</sup> De acordo com os resultados do censo 2010, a média de moradores por domicílio no Brasil passou de 3,8 em 2000 para 3,3 em 2010, consistindo em um declínio de 13,2% no último período censitário. Houve persistência desse comportamento tanto na área urbana quanto na rural. O declínio constatado no Censo 2010 foi mais acentuado do que os 9,6% obtidos entre os Censos de 1991 e 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2011a).

geração, interesse ou sexo, têm funções específicas e fazem exigências específicas a seus membros (Minuchin, 1982).

O subsistema conjugal é composto por dois adultos que se unem com o objetivo comum de formar o seu próprio sistema familiar. O casal é considerado o eixo em torno do qual se constituem todas as outras relações familiares. Dessa forma, o subsistema conjugal apresenta funções e tarefas específicas que são fundamentais para o funcionamento da família. A complementaridade e a acomodação mútua são as principais habilidades para a implementação de suas tarefas (Minuchin, 1982). Segundo Carter e McGoldrick (1995), a principal tarefa na formação de um casal é o comprometimento com o novo sistema, realinhando os relacionamentos com as famílias ampliadas e com os amigos a fim de que o cônjuge seja incluído.

Com o nascimento do primeiro filho, um novo nível de formação familiar é alcançado: do subsistema conjugal deriva-se o subsistema parental, com a incorporação dos papéis de mãe e de pai (Wagner & cols., 2011). O subsistema conjugal precisa, então, se diferenciar para possibilitar o desempenho das tarefas de socialização da criança. O apoio mútuo característico do subsistema conjugal necessita, contudo, ser mantido (Minuchin, 1982). Assim, é fundamental que ocorra a reorganização do casal com o objetivo de que se crie espaço para a criança. Ademais, é importante também a união dos cônjuges nas tarefas domésticas, financeiras e de educação dos filhos, além do realinhamento dos relacionamentos com as famílias ampliadas para a inclusão de papéis de pais e avós (Carter & McGoldrick, 1995). Vale ressaltar que a emergência do subsistema parental não faz desaparecer o subsistema conjugal, uma vez que todos os subsistemas coexistem dentro da família (Wagner & cols., 2011).

Os subsistemas familiares se relacionam e se influenciam mutuamente (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 1999). Isso porque, de acordo com o pensamento sistêmico, a mudança em um membro ou em um grupo de membros (subsistema) acarreta mudanças em todos os outros membros, nas relações estabelecidas entre eles e no sistema familiar total. Sendo assim, o comportamento de cada pessoa é interdependente do comportamento das outras pessoas. Nesse sentido, as relações do grupo familiar, segundo a teoria sistêmica, são compreendidas com base na ideia de globalidade. Essa concepção de globalidade implica a consideração do sistema familiar como um todo interdependente, coeso e inseparável, onde toda e qualquer parte do sistema se relaciona com as demais (Calil, 1987). Analisar uma família, portanto, não diz respeito a analisar seus membros individualmente,

visto que os sistemas interpessoais – como é o caso do familiar – são circuitos de retroalimentação, nos quais os comportamentos de cada membro influenciam e são influenciados pelos comportamentos dos demais membros (Cervený, 2000).

Desse modo, considera-se que o subsistema conjugal e o subsistema parental – objetos de estudo da presente dissertação – relacionam-se reciprocamente. Discorrendo sobre o estudo da família na perspectiva do desenvolvimento humano, Dessen e Braz (2005a) apontam como tendência atual a abordagem dos subsistemas em pesquisas científicas; ou seja, o foco de interesse parece ir além das díades pai-criança e mãe-criança. Na pesquisa com famílias, atualmente, enfatiza-se a bidirecionalidade das influências genitores-criança, considerando-se as relações estabelecidas pelos cônjuges tanto da perspectiva do subsistema conjugal quanto do parental.

Há uma ampla difusão da idéia de que a relação conjugal e a relação parental se influenciam mutuamente (Dessen & Braz, 2005a; Flykt & cols., 2011; Magalhães & Féres-Carneiro, 2011). O *relacionamento conjugal*, conceituado no presente trabalho como a relação de convivência estabelecida entre duas pessoas que se unem com o objetivo comum de constituir uma família, podendo ocorrer formalmente (por meio do casamento civil e/ou religioso) ou de maneira informal (mediante o que se denomina juridicamente no Brasil por “união estável”), sofre importantes impactos com a chegada de uma criança.

A transição para a parentalidade se constitui em um período de reorganização dinâmica nas representações de si próprio, do cônjuge e da relação (Flykt & cols., 2011). Esse processo costuma acarretar estresse aos pais, que precisam se adaptar às transformações do sistema que, no caso do nascimento do primeiro filho, passa de duas para três pessoas (Bolze, 2011). Nesse período, o casal pode vivenciar uma diminuição da sua satisfação com o casamento<sup>2</sup>, bem como um aumento nas interações conjugais conflituosas e dificuldades de ajustamento à nova configuração familiar<sup>3</sup> (Doss, Rhoades, Stanley & Markman, 2009;

---

<sup>2</sup> Destaca-se, contudo, que nem todos os pais experienciam a sensação de declínio na satisfação conjugal – alguns casais relatam sensação de maior estabilidade na relação, bem como aumento na satisfação e no amor pelo companheiro durante o processo de transição para a parentalidade (Doss & cols., 2009).

<sup>3</sup> “Configuração familiar” diz respeito ao conjunto de elementos componentes do núcleo familiar (Wagner & cols., 2011).

Flykt & cols., 2011). Além disso, características como a emocionalidade negativa da criança também se associam ao relacionamento conjugal, no sentido de prejudicá-lo: os comportamentos da criança podem gerar estresse aos pais, que ficam mais propensos a desapontamentos e vulneráveis a situações de conflito conjugal<sup>4</sup> (Leve, Scamarella & Fagot, 2001; Wong, Brown, Mangelsdorf, Neff & Schoppe-Sullivan, 2009).

Por outro lado, a qualidade do relacionamento de um casal após o nascimento de um bebê tem implicações no processo de desenvolvimento dessa criança (Doss & cols., 2009). Assim, o relacionamento conjugal caracteriza-se como um importante preditor do desenvolvimento infantil. Uma relação conjugal satisfatória, na qual os cônjuges apóiam-se reciprocamente, tende a favorecer o estabelecimento de relações parentais de boa qualidade (Cummings, Kouros & Papp, 2007; Dessen & Braz, 2005b). Em contrapartida, a literatura científica aponta para os impactos negativos das relações conjugais insatisfatórias, permeadas por situações de conflito conjugal, no desenvolvimento de crianças (Benetti, 2006; Pauli-Pott & Beckmann, 2007). A relação conjugal insatisfatória, negativa ou conflituosa gera desequilíbrio emocional e irritação nos cônjuges; dessa forma, como genitores, eles se tornam menos sensíveis e atenciosos com as suas crianças (Dessen & Braz, 2005b).

As relações conjugais insatisfatórias se associam a problemas físicos e psicológicos em crianças, como problemas de saúde, dificuldades no processo ensino-aprendizagem, depressão, baixa competência social e transtornos de conduta (Gottman, 1998). A exposição frequente a situações de resolução negativa de conflito entre os pais está relacionada a problemas de externalização na criança – que se caracterizam por comportamentos agressivos, impulsivos e desafiadores – e de internalização, como a depressão e a ansiedade (Cummings & cols., 2007). No que diz respeito aos comportamentos externalizantes, há evidências de que se tratam de preditores de dificuldades futuras quando apresentados por crianças menores de seis anos (Alvarenga & Piccinini, 2007; Patterson, DeGarmo & Knutson, 2000).

---

<sup>4</sup> “Conflito conjugal” se refere a episódios de interação adversa entre o casal, sendo constituído por distintas situações particulares em cada caso. As dimensões que compõem o conflito conjugal se caracterizam pela frequência de ocorrência dos episódios, pela intensidade desses episódios, pelo conteúdo e métodos utilizados na resolução da interação conflituosa (Benetti, 2006; Grych & Fincham, 1990).

Estão também relacionadas ao risco de desenvolvimento de psicopatologias algumas características individuais da criança, como é o caso do *temperamento*. Ele consiste em uma importante variável individual que interage com variáveis ambientais e influencia trajetórias desenvolvimentais de crianças, relacionando-se a desfechos adaptativos ou desadaptativos (Gaspardo, 2010; Klein, 2009; Klein & Linhares, 2007; Klein & Linhares, 2010). As pesquisas sobre temperamento e psicopatologia são recentes; entretanto, apontam para uma correlação positiva entre os dois fenômenos (Putnam & Rothbart, 2006; Rothbart, 2004).

O temperamento é conceituado de diferentes formas por diferentes autores<sup>5</sup> (Guzzo, Riello, Primi, Serrano, Ito & Pinho, 2004; Janson & Mathiesen, 2008). O conceito adotado no presente estudo refere-se à abordagem de Rothbart (1981; 2004), que compreende temperamento como diferenças individuais com base constitucional na reatividade e na autorregulação, observadas nos domínios de emocionalidade, atividade motora e atenção, sendo influenciadas ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência. A *reatividade* é definida como característica de responsividade individual a mudanças de estimulação apresentada em diversos níveis (comportamental, autonômico, neuro-endócrino) e por meio de parâmetros de latência, tempo de aumento, intensidade máxima e tempo de recuperação da reação. Tanto dimensões mais gerais do comportamento, como a reatividade emocional negativa, quanto reações fisiológicas específicas, como a reatividade cardíaca, estão relacionadas à *reatividade*. A *autorregulação* consiste em processos que modulam essa *reatividade*, incluindo aproximação/retraimento comportamental, controle inibitório e de atenção, ou seja, mecanismos usados pelo indivíduo para controlar suas reações comportamentais e emocionais frente a fontes de estimulação negativa ou positiva (Rothbart, 2004; Rothbart, Evans & Ahadi, 2000).

Uma característica observável no campo de estudo do temperamento diz respeito à sua abordagem como sinônimo de *personalidade* (Guzzo & cols., 2004; Hall, Lindzey & Campbell, 2000). Há, contudo, diferenças entre os dois conceitos. A personalidade tem sido definida como padrões de pensamento e de comportamento que mostram consistência nas situações e estabilidade ao longo do tempo, afetando a adaptação do indivíduo ao ambiente interno e social. O

---

<sup>5</sup> As diferentes concepções teóricas sobre temperamento serão abordadas na seção 3 da presente dissertação, referente à *Revisão da Literatura*.

temperamento desempenha um papel relevante na formação da personalidade, sendo concebido como um de seus domínios. Em adição às disposições temperamentais, a personalidade inclui outras características, como auto-conceito, percepção sobre outras pessoas, valores pessoais e morais, expectativas, defesas, estratégias de enfrentamento, atitudes e crenças (Rothbart, Ellis & Posner, 2004).

Mesmo que alguns autores apontem que a hereditariedade parece desempenhar um papel mais importante no temperamento do que na personalidade (Hall & cols., 2000), isso não exclui as influências que o ambiente e a experiência provocam sobre o temperamento que, de acordo com o referencial teórico proposto por Rothbart (1981; 2004), é passível de transformação ao longo do processo desenvolvimental (Klein & Linhares, 2007; Klein & Linhares, 2010; Melchiori & Biasoli Alves, 2001; Rothbart & Putnam, 2002). Dessa forma, é possível pensar que as relações estabelecidas no contexto familiar são capazes de provocar influências sobre o temperamento (Putnam, Sanson & Rothbart, 2002; Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Brown & Sokolowski, 2007; Whiteside-Mansell, Bradley, Casey, Fussell & Connors-Burrow, 2009), sendo os pais uma importante variável no desenvolvimento das características temperamentais de seus filhos (Klein, Gaspardo & Linhares, 2011). Do mesmo modo, o temperamento dos filhos interfere na conjugalidade dos pais (Cook, Schoppe-Sullivan, Buckley & Davis, 2009).

Considerando essa perspectiva, o presente trabalho tem como foco a análise da relação entre relacionamento conjugal dos pais e temperamento das crianças com idade entre quatro e seis anos. Com o objetivo de melhor compreender essa relação no contexto das famílias pesquisadas, serão examinadas ainda as características sociodemográficas dos participantes.

A relevância social desse estudo reside na importância desempenhada pelo relacionamento conjugal e pelo temperamento no interjogo entre os fatores de risco<sup>6</sup> e de proteção<sup>7</sup> ao processo de desenvolvimento de pessoas e de famílias. Traçando o desenvolvimento do temperamento e as suas interconexões com o relacionamento

---

<sup>6</sup> *Fator de Risco*: variável que se associa positivamente a um resultado desenvolvimental negativo ou indesejável (Gutman, Sameroff & Cole, 2003; Moraes, 2009).

<sup>7</sup> *Fator de Proteção*: variável que se associa positivamente a um resultado desenvolvimental positivo em um grupo de alto risco, mas não em um grupo de baixo risco (Gutman & cols., 2003).

conjugal é possível avançar na compreensão do risco para psicopatologia e, também, em estratégias de tratamento de problemas psicossociais e desordens psicológicas, bem como de ações de prevenção a esses fenômenos.

A relevância científica se encontra no fato de poucos trabalhos terem sido publicados sobre a temática até o presente momento, especialmente no que se refere a crianças com idade entre quatro e seis anos. A partir de uma revisão da literatura realizada por Schmidt, Crepaldi, Vieira e Moré (2011), nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi), PubMed e APA PsycNET, constatou-se que dos 10 estudos publicados, apenas um abordava interconexões entre relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos (período designado na literatura pela expressão “pré-escolar”). Nacionalmente, não foi identificada nenhuma produção científica sobre o tema.

Ademais, as questões sobre família e desenvolvimento vêm sendo apontadas como uma das tendências nas pesquisas em Psicologia. É ressaltada a necessidade de pesquisas na área da família, sob a perspectiva do desenvolvimento humano, considerando o que acontece na família enquanto grupo (Böing, Crepaldi & Moré, 2008; Dessen & Silva Neto, 2000). Além disso, observa-se ainda a importância de abordar nas pesquisas científicas os subsistemas familiares e suas inter-relações (Dessen & Braz, 2005a). Dessa forma, a seguinte pergunta de pesquisa foi formulada:

**Qual a relação entre relacionamento conjugal dos pais e temperamento das crianças com idade entre quatro a seis anos?**

## 2. OBJETIVOS

### 2.1 *Objetivo geral*

- Verificar a relação entre relacionamento conjugal dos pais e temperamento das crianças com idade entre quatro e seis anos.

### 2.2 *Objetivos específicos*

- Caracterizar as famílias participantes no que se refere às variáveis sociodemográficas;
- Descrever o relacionamento conjugal dos casais de pais das crianças focais<sup>8</sup>;
- Comparar respostas de pai e de mãe às variáveis do relacionamento conjugal;
- Relacionar as variáveis do relacionamento conjugal dos participantes;
- Comparar as variáveis do relacionamento conjugal em função das características sociodemográficas;
- Relacionar as variáveis do relacionamento conjugal às variáveis sociodemográficas;
- Descrever o temperamento das crianças focais;
- Comparar respostas de pai e de mãe às variáveis do temperamento das crianças focais;
- Comparar as variáveis do temperamento das crianças focais em função das características sociodemográficas;
- Relacionar o temperamento das crianças focais às variáveis sociodemográficas;
- Relacionar as características do temperamento das crianças focais ao relacionamento conjugal dos pais.

---

<sup>8</sup> Essa pesquisa se insere no âmbito de um projeto mais abrangente, intitulado “*A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos*”. Tal projeto, que será mais detalhado na seção de *Método* da presente dissertação, investiga a expressão da agressividade em crianças de quatro a seis anos. Portanto, o termo *criança focal* é utilizado para definir sobre qual dos filhos os pais responderam aos questionários. Nos casos em que se constatou que a família possuía mais de um filho na faixa etária de interesse da pesquisa, os pais foram instruídos a responder aos questionários sobre a criança cuja letra inicial do nome aparece por primeiro no alfabeto.



### 3. REVISÃO DA LITERATURA

Conforme indicado na seção anterior, o objetivo geral dessa pesquisa é verificar a relação entre relacionamento conjugal dos pais e temperamento das crianças com idade entre quatro e seis anos. Pretende-se considerar, também, aspectos sociodemográficos das famílias participantes, relacionando-os às variáveis atinentes à conjugalidade e ao temperamento infantil. Com o intuito de identificar a produção científica vinculada à temática do estudo, optou-se por pautar a revisão da literatura nos seguintes tópicos: modelo bioecológico do desenvolvimento humano; casamento e conjugalidade; relacionamento conjugal e desenvolvimento de crianças; abordagens teórico-conceituais sobre temperamento; relacionamento conjugal e temperamento de crianças.

#### *3.1 Modelo bioecológico do desenvolvimento humano*

O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, cujo principal expoente é Urie Bronfenbrenner, concebe que o desenvolvimento ocorre por meio de processos de interação recíproca entre o homem e seu contexto através do tempo (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner, 1996; Narvaz & Koller, 2004). Essa perspectiva teórica e metodológica tem passado por revisões e ampliações conceituais desde que foi formulada, em meados da década de 1970 (Bronfenbrenner, 1994; Prati, Couto, Moura, Poletto & Koller, 2008). Tais revisões e ampliações permitem identificar dois momentos distintos na obra de Urie Bronfenbrenner: o primeiro deles, caracterizado pela formulação do Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano, e o segundo, pelo Modelo Bioecológico, que se refere a uma revisão do primeiro modelo (Bronfenbrenner, 1999; Polônia, Dessen & Silva, 2005).

O Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano representou uma reação à maneira restritiva com que as pesquisas realizadas por psicólogos do desenvolvimento vinham sendo conduzidas à época de sua formulação (Bronfenbrenner, 1994). Enquanto a concepção tradicional entendia os processos psicológicos por meio de uma ênfase demasiado individualista, na teoria ecológica os processos psicológicos passaram a ser abordados como propriedades dos sistemas, onde o homem é apenas um dos elementos, destacando a noção de processos e interações (Narvaz & Koller, 2004). No Modelo Ecológico é ressaltado, portanto, o papel do ambiente no desenvolvimento, oferecendo menor

destaque aos processos individuais (Bronfenbrenner, 1996; Narvaz & Koller, 2004). Assim, para compreender o desenvolvimento a partir dessa perspectiva, seria fundamental considerar o contexto no qual a pessoa estava inserida, mais do que a maneira como ela se configurava objetivamente (Andrada, 2007; Prati & cols., 2008).

Urie Bronfenbrenner passou a questionar a teoria ecológica, a partir da evolução dos seus estudos, por entender que suas asserções iniciais enfocavam notadamente os aspectos do ambiente, em detrimento dos aspectos da pessoa (Narvaz & Koller, 2004). Com a revisão desses pontos foi inaugurado o segundo momento de sua obra, acarretando uma ampliação da compreensão do desenvolvimento, de modo a considerar a interação simultânea de quatro aspectos inter-relacionados: *Processo, Pessoa, Contexto e Tempo* – modelo PPCT, como passou a ser designado (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Polônia & cols., 2005; Prati & cols., 2008). Percebe-se que na segunda fase da obra de Bronfenbrenner, denominada Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, não houve negação ou rejeição dos pressupostos iniciais, mas sim a ampliação dos conceitos com a inserção de aspectos da pessoa, processo e tempo. Para melhor elucidar o modelo PPCT, os elementos que o constituem serão brevemente apresentados a seguir.

### ***Processo***

Com as reformulações que acarretaram o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, os processos vieram a ocupar uma posição de destaque na teoria – os indivíduos passam a ser observados em função do processo, que se refere à relação entre as características da pessoa e do contexto, ao invés da primazia da função do ambiente, como ocorria na teoria ecológica (Andrada, 2007; Narvaz & Koller, 2004). De acordo com Bronfenbrenner (2005):

Ao longo do curso de vida, o desenvolvimento humano acontece através de processos de interações recíprocas progressivamente mais complexas entre um organismo humano ativo, em evolução biopsicológica, e pessoas, objetos e símbolos no seu ambiente externo imediato. Para ser efetiva, a interação deve ocorrer numa base consideravelmente regular, através de longos períodos de tempo. Tais formas duradouras de interação no ambiente imediato são definidas como processos proximais. Exemplos desses

processos incluem alimentar e confortar um bebê; brincar com uma criança pequena; atividades entre crianças; jogos em grupo ou solitários; leitura e aprendizagem de novas habilidades; atividades atléticas; resolução de problemas; cuidado por outros; fazer planos; realizar tarefas complexas e adquirir novos conhecimentos (p.06).

Os processos proximais são considerados os motores do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner, 2005). Sua definição está pautada em cinco aspectos: (1) para que o desenvolvimento aconteça, a pessoa precisa estar engajada em uma atividade; (2) essa atividade deve ocorrer de maneira relativamente regular, em períodos prolongados de tempo; (3) as atividades devem ser progressivamente mais complexas; (4) é necessária a ocorrência de uma reciprocidade das relações interpessoais para que os processos proximais sejam efetivos; (5) os símbolos e objetos presentes no ambiente imediato precisam estimular a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999).

É possível distinguir os processos proximais em relação a dois tipos de efeitos que conduzem a distintos resultados evolutivos, a saber, a competência e a disfunção. A competência refere-se à aquisição e ao desenvolvimento de conhecimento, habilidade ou capacidade de dirigir o próprio comportamento, podendo ocorrer em qualquer domínio – intelectual, físico, emocional, artístico, social. A disfunção diz respeito às recorrentes manifestações de dificuldades em manter o controle e a integração do comportamento em diferentes situações e domínios do desenvolvimento. Bronfenbrenner e Evans (2000) afirmam que os resultados relacionados à competência e à disfunção são desencadeados em função da exposição aos processos proximais, que pode variar de acordo com cinco dimensões: duração do período de exposição, frequência do contato, interrupção, “*timing*” e intensidade/força do contato. Pode-se entender, dessa forma, os resultados evolutivos de um ponto do desenvolvimento em função do processo, das características da pessoa em desenvolvimento, da natureza do contexto imediato em que vive, da intensidade e da frequência com relação ao tempo de exposição ao processo proximal e ao ambiente onde ocorreu (Bronfenbrenner & Evans, 2000; Narvaz & Koller, 2004).

## **Pessoa**

O segundo núcleo do modelo bioecológico refere-se ao ser humano, considerado por Bronfenbrenner (2005) como um ser biológico e psicológico que interage com seu contexto constantemente. As interações podem ocorrer tanto com outras pessoas, como com objetos e símbolos do ambiente, produzindo alterações em ambas as partes envolvidas no processo (Bronfenbrenner, 1999). Considerando, portanto, a reciprocidade das relações, é possível entender o homem como produto e produtor do seu desenvolvimento (Böing & cols., 2008; Prati & cols., 2008; Wendt, 2006). As características da pessoa que influenciam os processos proximais e atuam no desenvolvimento consistem em três grupos: *força*, *recursos biopsicológicos* e *demandas* (Narvaz & Koller, 2004).

No âmbito da *força*, destacam-se as disposições comportamentais ou características ativas que sustentam os processos proximais, colocam-nos em movimento ou impõem obstáculos impedindo que os mesmos ocorram. Essas características são denominadas *geradoras*, quando referentes a orientações ativas, como disposição para engajamento em atividades individuais ou compartilhadas, curiosidade, respostas a iniciativas de outras pessoas, ou *desorganizadoras*, quando relacionadas a dificuldades em controlar comportamento e emoções, envolvendo características como apatia, timidez excessiva, impulsividade, desatenção e insegurança (Narvaz & Koller, 2004).

Os *recursos biopsicológicos* dizem respeito às habilidades, conhecimentos e experiências importantes para o funcionamento efetivo dos processos proximais no decorrer dos estágios do desenvolvimento. Eles envolvem as competências e as deficiências que se relacionam ao efetivo engajamento da pessoa em processos proximais. As competências se caracterizam pelas habilidades, capacidades, conhecimentos e experiências que se desenvolveram no decorrer do processo evolutivo, ampliando de forma construtiva a efetividade dos processos proximais. As deficiências, em contrapartida, dizem respeito às condições inibidoras ou limitadoras da integridade funcional do indivíduo, estando relacionadas, por exemplo, às deficiências mentais e físicas (Narvaz & Koller, 2004).

O terceiro grupo de características de pessoa capaz de influenciar os processos proximais consiste, por fim, nas *demandas*, que são aspectos desencorajadores ou estimuladores das reações do ambiente social, que favorecem ou não o estabelecimento dos referidos

processos. As características da aparência física, como a atratividade ou a não atratividade, além dos comportamentos ativos em contraposição aos passivos são exemplos das demandas. Atuam ainda sobre os processos proximais e seus efeitos no desenvolvimento características demográficas como o gênero, a etnia e a idade (Narvaz & Koller, 2004).

Também possui influência no processo evolutivo no decorrer do ciclo de vida o potencial genético, tido como um atributo de pessoa relacionado à predisposição das manifestações de disfunção e competência. A hereditariedade é considerada um importante elemento no modelo bioecológico, podendo ser influenciada por condições e processos ambientais. Quanto mais efetivos/fortes forem os processos proximais, maior será o potencial da hereditariedade; quanto mais fracos forem esses processos, menor o potencial da hereditariedade (Bronfenbrenner & Ceci, 1994).

Dentre os atributos de pessoa que atuam na interação com o ambiente, destacam-se o temperamento e a personalidade. Nessa perspectiva teórica, o temperamento parece ser mais utilizado no que tange às características de bebês e crianças menores, enquanto a personalidade é adotada em referência a crianças maiores, adolescentes e adultos (Copetti & Krebs, 2004; Krebs, 2003). Todas essas características de pessoa, em combinação, provocarão diferenças na intensidade e na duração dos processos proximais, bem como em seus efeitos ao longo da trajetória de desenvolvimento da pessoa (Narvaz & Koller, 2004).

### ***Contexto***

O terceiro núcleo do modelo PPCT concerne ao sistema ecológico total em que a pessoa está inserida e em que o crescimento ocorre. Esse sistema organiza-se socialmente a partir de estruturas que se sobrepõem, auxiliando a guiar e a amparar o desenvolvimento humano como sistemas interconectados (Bronfenbrenner, 2005). Tais estruturas iniciam com o ambiente em sua forma mais imediata, o microsistema, seguidas pelo mesossistema, exossistema e macrosistema (Bronfenbrenner, 1996).

O microsistema diz respeito ao padrão de atividades, papéis sociais e relacionamentos interpessoais vivenciados pela pessoa em desenvolvimento em um ambiente com características físicas, simbólicas e sociais particulares, que permitem ou inibem o engajamento em situações progressivamente mais complexas de interação. Esses ambientes consistem no meio imediato no qual a pessoa

se encontra e no qual ocorrem as interações face a face. Como exemplo, é possível citar a família, a escola, o grupo de pares ou o local de trabalho (Bronfenbrenner, 1994; 1996).

O mesossistema compreende a relação entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente como, por exemplo, as relações entre a casa e a escola para uma criança. Considera-se, em outras palavras, o mesossistema como um sistema de microsistemas (Bronfenbrenner, 1994). A sua constituição pode ser modificada ou ampliada com base nas interações da pessoa em desenvolvimento a partir da inserção em um novo ambiente (Andreani, 2006; Morais, 2009).

O exossistema consiste nas inter-relações entre dois ou mais ambientes, sendo que em um deles não há participação ativa da pessoa em desenvolvimento. Entretanto, os eventos que ocorrem nesse ambiente influenciam indiretamente os contextos imediatos nos quais vive o sujeito em desenvolvimento. Pode-se afirmar, assim, que nesse sistema a pessoa em desenvolvimento não atua diretamente, contudo, de forma indireta ele a afeta (Krebs, Copetti & Beltrame, 1997). É possível citar como exemplos de exossistema o local no qual os pais de uma criança trabalham, a rede de amizades desses pais, a sala de aula de um dos irmãos e assim por diante (Bronfenbrenner, 1994; 1996).

O macrosistema compreende o padrão geral de características dos sistemas de ordem inferior (micro-, meso- e exo-) que existem dentro de uma cultura ou subcultura, com um conjunto de crenças particulares, costumes, conhecimentos, estilos de vida, oportunidades, riscos, recursos materiais e opções no curso de vida (Bronfenbrenner, 1994). Esse conjunto compartilhado de valores, crenças e ideologias perpassa as formas de organização social e influencia a trajetória de desenvolvimento da pessoa (Morais, 2009). Assim, é possível afirmar que a cultura na qual os pais foram educados influenciará a maneira deles de educar os filhos (Wendt, 2006).

É importante que sejam considerados não somente os subsistemas e os eventos que neles ocorrem, mas também as conexões entre os subsistemas (Bronfenbrenner, 1996). Assim, é possível destacar que o foco principal dos estudos de Bronfenbrenner se referiu à forma como fatores extra-familiares afetam o funcionamento intra-familiar e como esse afeta o desenvolvimento humano (Wendt, 2006).

## ***Tempo***

O quarto elemento do modelo PPCT também é chamado de “cronossistema”. Ele compreende as mudanças relativas ao tempo na pessoa e no ambiente em que ela vive, possibilitando analisar as influências no desenvolvimento humano das continuidades e mudanças no decorrer do ciclo de vida (Narvaz & Koller, 2004). O tempo é considerado um elemento fundamental na constituição e na análise dos processos proximais, haja vista que o impacto desenvolvimental das pessoas em interação é alterado ao longo dos anos. Há uma relação direta entre o aumento da complexidade das relações e o nível de reciprocidade e mutualidade em favor da pessoa em desenvolvimento (Prati & cols., 2008).

O cronossistema é dividido em microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo se caracteriza pelas continuidades e descontinuidades observadas em eventos dos processos proximais. O mesotempo, que diz respeito à periodicidade dos processos proximais por meio de intervalos mais amplos de tempo, uma vez que resultados mais significativos no desenvolvimento humano são obtidos por meio de efeitos cumulativos desses processos. O macrotempo, por fim, abrange as mudanças na sociedade através das gerações, assim como a forma que esses eventos afetam o desenvolvimento humano no ciclo de vida. Constata-se, dessa maneira, que é importante levar em conta tanto as mudanças que ocorrem em relação à pessoa, quanto aquelas que acontecem em seu ambiente e na relação entre ambos (Narvaz & Koller, 2004).

## ***Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano e a pesquisa envolvendo relacionamento conjugal e temperamento de crianças***

Urie Bronfenbrenner, ao fazer um levantamento sobre pesquisas relacionadas ao desenvolvimento humano, conforme afirmam Krebs e cols. (1997), constatou que as características da pessoa eram definidas operacionalmente e conceitualmente, sem a consideração dos aspectos do ambiente no qual o sujeito estava inserido. Tal constatação levou Bronfenbrenner a enfatizar tanto as características pessoais quanto às do ambiente como fatores fundamentais para a efetivação do desenvolvimento humano.

A perspectiva bioecológica considera que as propriedades da pessoa incluem características motivacionais e sócio-emocionais, como é o caso do temperamento. O temperamento, nesse modelo teórico, é

considerado a partir das diferenças individuais, do tempo e da intensidade de resposta. Essas características, em sua origem, são presumidas como biológicas, mantendo-se relativamente estáveis ao longo do tempo, servindo como base para o desenvolvimento subsequente de processos interpessoais e intrapessoais, influenciando a futura estrutura da personalidade (Krebs & cols., 1997). Percebe-se, por meio da descrição do conceito de temperamento com base na perspectiva bioecológica, que esse coaduna com o conceito apresentado na seção de *Introdução* do presente trabalho, definido por Rothbart (2004) e Rothbart e cols. (2000).

Assim como as características da pessoa, o contexto também influencia o desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Evans, 2000). Nota-se, assim, uma interação constante entre os aspectos do ambiente e da natureza, em que as características da pessoa influenciam e são influenciadas pelo contexto (Narvaz & Koller, 2004). Desse modo, a perspectiva bioecológica propõe que o desenvolvimento humano se dá a partir de um conjunto de sistemas, considerando a pessoa em desenvolvimento como ativa e capaz de determinar mudanças nesses sistemas, ao mesmo tempo em que também pode sofrer influência deles (Krebs, Copetti, Serpa & Araújo, 2008).

Considerando-se o microsistema familiar como o ambiente primário de socialização da criança, é importante que se leve em conta as relações que se estabelecem nesse ambiente, como o relacionamento conjugal dos pais, por exemplo, e suas repercussões no desenvolvimento da criança, da mesma forma que devem ser consideradas também as influências da criança na dinâmica conjugal dos pais. Segundo Böing e cols. (2008), a perspectiva bioecológica contribui nesse sentido, por ser capaz de oferecer ao pesquisador uma visão integradora dos fenômenos, dos sujeitos e das suas inter-relações nos diferentes contextos, constituindo-se, desse modo, como um importante referencial teórico para a análise e compreensão da complexidade da família.

### ***3.2 Casamento e conjugalidade***

Uma das tarefas mais difíceis e complexas do ciclo de vida familiar é tornar-se casal (McGoldrick, 1995). O *casamento*, definido por Whitaker (1995) como um modelo adulto de intimidade, exige que duas pessoas diferentes, que possuem vidas progressas distintas, encontrem-se e renegociem uma série de questões já anteriormente definidas para si de modo individual, ou por suas famílias de origem,

envolvendo, por exemplo, como e quando comer, trabalhar, dormir, recrear-se, conversar, discutir e fazer sexo (McGoldrick, 1995). Além dessas questões, são definidas ainda as relações com as famílias de origem, amigos e vida social. Dessa forma, o casamento não se restringe exclusivamente aos vínculos interpessoais estabelecidos por duas pessoas – ele diz respeito ainda a um contexto ecossistêmico mais amplo no qual o casal está inserido e interage (Willi, 1995). Sendo assim, mais do que a união de dois indivíduos, o casamento representa a modificação de dois sistemas e a sobreposição que culmina na formação de um terceiro subsistema (Carter & McGoldrick, 1995).

O fascínio e todas as dificuldades do casamento se relacionam ao fato de o casal compreender, de maneira simultânea, duas pessoas com suas identidades individuais, duas histórias de vida, duas percepções de mundo e dois projetos de vida que convivem, no casamento, com uma identidade conjugal, uma história de vida conjugal e um projeto de vida de casal (Féres-Carneiro, 1998). Desse modo, ao se engajar em uma relação a dois, cada cônjuge experiencia a modificação e a reorganização da sua realidade individual. Inicia-se, então, a construção de um mundo em comum, com referências e identidade partilhadas – um “eu conjugal” (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010; Magalhães & Féres-Carneiro, 2011; Willi, 1995).

Esse processo complexo de construção da realidade comum de um casal é denominado de *conjugalidade*, que encerra um modelo único de ser casal (Féres-Carneiro, 1998). Aspectos inconscientes e conscientes, como emoções, expectativas, sentimentos, ideais e projetos compartilhados são componentes da conjugalidade, que se fundamenta e se estrutura a partir da identidade conjugal (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2009). A conjugalidade compreende variados níveis da relação e diferentes contextos, culminando, então, na acepção psicossocial de um relacionamento afetivo estável. Com base em tais considerações e, levando-se ainda em conta a proposição de Scorsolini-Comin e Santos (2011) – que sugerem abarcar, sob o conceito de conjugalidade, diferentes domínios da relação de casal (como satisfação conjugal, aspectos estruturais do casamento, expressão do afeto e coesão diádica) – destaca-se que, na presente pesquisa, a expressão *conjugalidade* é adotada como sinônimo de *relacionamento conjugal* ou de *relação conjugal*.

A formação da conjugalidade não está necessariamente atrelada à instituição formal do casamento, bem como não ocorre apenas no início do relacionamento amoroso: tal processo é contínuo, uma vez que os padrões relacionais mantenedores da conjugalidade e da sua

qualidade ao longo do tempo podem se modificar em face às transições predizíveis<sup>9</sup> e imprevisíveis<sup>10</sup> do ciclo vital (Féres-Carneiro & Diniz Neto, 2010). No que tange ao ciclo vital, o casamento costuma ser considerado o ponto de partida para a constituição de uma família (Scorsolini-Comin & Santos, 2010a). Contudo, diferentemente de outros tipos de relacionamento familiar, é possível entrar no casamento por meio de escolha. Ainda assim, a liberdade para escolher o cônjuge é um fenômeno bastante recente, sendo que a decisão do casamento é menos livre do que as pessoas usualmente a reconhecem (Carter & McGoldrick, 1995). O processo de escolha do parceiro apenas aparentemente envolve duas pessoas; na verdade, ele abrange tanto as relações atuais, quanto relacionamentos significativos prévios (por exemplo, com pais, irmãos, avós, etc.). Dessa forma, a escolha do parceiro é mais “livre” quando há menos conflitos não resolvidos e dívidas emocionais com a família de origem (Angelo, 1995).

Nesse sentido, o processo de escolha do cônjuge na atualidade é motivado por questões afetivas e sexuais, e não mais exclusivamente por interesses políticos e econômicos, o que caracterizou o casamento por séculos. A maneira de pensar o casamento e a vida familiar sofreu importantes modificações a partir das transformações socioeconômicas e culturais desencadeadas em meados do século XX, notadamente após a II Guerra Mundial (Coutinho & Menandro, 2010; Perlin, 2006). Dentre os fatores que contribuíram para a redefinição do casamento contemporaneamente, destacam-se as significativas mudanças no papel social da mulher, caracterizadas pelo seu ingresso no mercado de trabalho, sua independência financeira, uso de métodos contraceptivos e maior liberdade sexual (Bolze, 2011; Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick, 1995). Essas modificações fizeram aumentar também a incidência de conflitos de gênero decorrentes da busca pela igualdade de direitos, bem como a necessidade de o homem alterar o seu modo de participação no contexto domiciliar (Jablonski, 2011).

---

<sup>9</sup> Os estresses desenvolvimentais predizíveis são aqueles relacionados às transições do ciclo de vida. Por exemplo: nascimento de uma criança, entrada dos filhos na adolescência e morte de um idoso (Carter & McGoldrick, 1995).

<sup>10</sup> Os eventos imprevisíveis são aqueles considerados golpes do destino. Por exemplo: morte precoce de um membro da família, nascimento de uma criança com deficiência, doença crônica e acidentes (Carter & McGoldrick, 1995).

Dessa forma, o novo cenário que vem se delineando contempla o casamento tradicional<sup>11</sup> como apenas uma das alternativas, dentre tantas outras possíveis, para a relação de casal. Sendo assim, a característica básica do casamento no início do século XXI é a diversidade dos modelos de conjugalidade, abrangendo casais que coabitam temporariamente ou em definitivo por meio de uniões consensuais; famílias compostas por mães e pais em seus segundos casamentos; relações hetero e homoafetivas; pessoas que estão casadas, mas decidem viver em casas separadas (*living apart together*); casais de duplo-trabalho, em que ambos contribuem conjuntamente para a renda familiar; cônjuges que dividem atividades domésticas e laborais; pais que cuidam da casa e das crianças enquanto as mães trabalham fora; casais que optam por não ter filhos e aqueles que decidem fazer inúmeras inseminações artificiais visando a tê-los; dentre muitos outros contratos de relações amorosas (Falcke & Zordan, 2010; Jablonski, 2011; Zordan & Wagner, 2009). Todos esses modelos conjugais alternativos se contrapõem ao modelo tradicional, contribuindo para a redefinição, na prática, do conceito de família e das possíveis formas de ser casal (Jablonski, 2011).

Além das mudanças contemporâneas no que tange à pluralidade de modelos de conjugalidade, há ainda alterações concernentes ao período em que o casamento ocorre no ciclo de vida. Estudos indicam que, na atualidade, a iniciação sexual está ocorrendo mais cedo, ao passo que o casamento fica para mais tarde (Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2005; Jablonski, 2011; Silveira & Wagner, 2006; Zordan & Wagner, 2009). No Brasil, a média de idade no momento do casamento sofreu um aumento significativo entre os anos de 1990 e 2000: passou de 23,5 anos para 25,7 anos nas mulheres e de 26,9 anos para 29,3 anos nos homens (Souza, Wagner, Branco & Reichert, 2007). Os jovens, tanto mulheres quanto homens, preferem postergar os planos de casar e ter filhos e permanecem no domicílio parental por mais tempo, com o intuito de investir no futuro profissional. Ademais, com o aumento da liberdade sexual, o exercício da sexualidade não mais se

---

<sup>11</sup> Considera-se por “casamento tradicional” o modelo de relação conjugal caracterizado, por exemplo, pela rigidez no que diz respeito aos papéis femininos e masculinos (as mulheres como responsáveis pela organização do lar e suporte afetivo, enquanto os homens pelo sustento financeiro da família), além da ideia de indissolubilidade da união. O casamento tradicional ainda é bastante forte atualmente; contudo, a sociedade já permite a existência de novos modelos e formas plurais de ser casal e de ser família (Perlin, 2006).

vincula estritamente ao casamento (Zordan & Wagner, 2009). Sendo assim, atualmente é frequente que os jovens levem seus namorados para dormir na casa dos pais, por exemplo, o que não acontecia há algumas décadas em virtude de conflitos geracionais (Silveira & Wagner, 2006).

Outro fenômeno contemporâneo relacionado à já citada pluralidade dos modelos de conjugalidade se refere ao aumento no número das uniões consensuais. Dados do censo demográfico 2010 indicaram esse evento como um dos que sofreu mais expressivo incremento no tocante ao padrão de nupcialidade do brasileiro, vez que passou de 28,6% em 2000 para 36,4% em 2010. Em consequência disso, houve uma redução no número de casamentos civis e religiosos, que declinaram de 49,4% para 42,9% no período censitário. Contudo, mesmo com o decréscimo dos casamentos civis e religiosos nessa década, o número de pessoas casadas aumentou (54,8% para 55,4%) e o de solteiros diminuiu (37,0% para 34,8%), confirmando a expressividade das uniões consensuais (IBGE, 2011b).

O índice de divórcios também majorou (de 1,7% em 2000 para 3,1% em 2010), assim como a proporção de desquitados ou separados judicialmente, que foi de 4,6% para 5,0% (IBGE, 2011b). Esses dados do censo 2010 vão ao encontro do que outros estudos também indicam no concernente ao aumento das separações e dos divórcios (Coutinho & Menandro, 2010; Silva Neto, Strey & Magalhães, 2011). Tal majoração não significa a desqualificação do casamento e nem a falência dessa instituição (Cano, Gabarra, Moré & Crepaldi, 2009; Féres-Carneiro, 2003; Narciso & Ribeiro, 2009; Silva Neto & cols., 2011). Ao contrário disso, o vínculo conjugal é rompido porque os cônjuges valorizam o casamento e não aceitam que ele não satisfaça às suas expectativas. Por conta dessa valorização do casamento, a maior parte dos divorciados procura engajar-se novamente em outra relação conjugal, buscando um relacionamento amoroso mais gratificante e verdadeiro do que o vivido anteriormente (Féres-Carneiro, 2003).

Sendo assim, mediante a constatação desse crescimento nos índices de divórcio e de recasamento, culminando no aumento do fenômeno da reconstituição das famílias, foram criadas, no censo demográfico 2010, categorias de parentesco mais detalhadas. Desagregou-se a categoria “filho”, por exemplo, em outras três alternativas: filho do responsável e do cônjuge (filho do casal), filho somente do responsável e filho somente cônjuge (enteado) (IBGE, 2011c). Tal aumento no número de famílias recasadas permite que filhos de diferentes casamentos possam viver juntos (Wagner & Féres-Carneiro, 2000) e revela que as pessoas adultas querem casar

novamente, mesmo tendo sofrido frustrações em relacionamentos conjugais anteriores. Pode-se considerar, então, que o casamento ainda é avaliado como uma dimensão fundamental da vida adulta e um dos principais objetivos das pessoas, independente se ele ocorre por meio de modelos tradicionais ou não de união conjugal<sup>12</sup>.

Desse modo, o casamento não está passando por um processo de extinção, mas sim, de revisão e de importantes alterações no que se refere à sua forma, ao seu significado e à sua função social (Perlin, 2006). O modelo de conjugalidade pautado no amor romântico e em outros ideais que desconsideram as necessidades e as dinâmicas relacionais de um mundo em processo de transformação constante é que está sofrendo abalos (Silva Neto & cols., 2011), e não o desejo de estabelecer uma relação íntima e amorosa com outrem (Mosmann, Lomando & Wagner, 2010).

Além de almejam casar e/ou recasar, as pessoas estão também motivadas a constituir uma relação conjugal de qualidade, mutuamente satisfatória para ambos os cônjuges (Perlin, 2006). No âmbito do contexto econômico e político atual, o casamento tem sido considerado um fator social de satisfação das necessidades básicas dos indivíduos, sendo que sua qualidade tem desdobramentos na saúde física, mental e na vida profissional dos cônjuges (Burman & Margolin, 1992; Narciso & Ribeiro, 2009; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004; Scorsolini-Comin & Santos, 2010b; Wood, Crane & Keller, 2011). Dentre os determinantes do casamento destacam-se a busca pelo amor e pela felicidade (Scorsolini-Comin & Santos, 2010a).

Assim como em qualquer outro relacionamento interpessoal, no casamento a satisfação também é fundamental. Contudo, apesar de o casamento e a satisfação terem se tornado basicamente interdependentes ao longo da história ocidental, a definição de satisfação conjugal não tem se mostrado tarefa fácil nem para os pesquisadores, nem para aqueles que vivenciam a relação de casal (Perlin, 2006). A dificuldade da definição do conceito de satisfação conjugal ocorre por se referir a um fenômeno complexo, composto por múltiplas variáveis, dentre as quais estão experiências que cada cônjuge traz de suas famílias de

---

<sup>12</sup> Os dados do censo 2010 revelaram ainda que a maior parte (83%) das unidades domésticas multipessoais, ou seja, compostas por mais de um morador, era constituída por um casal – recasado ou não, sendo em 62% dos casos um casal com filho(s) e em 21% dos casos um casal sem filho(s), ao passo que as famílias monoparentais femininas apresentaram uma proporção de 15,1% e as masculinas, de 2,3% (IBGE, 2011c).

origem, características de personalidade dos membros de casal, forma como eles constroem a relação amorosa, além de variáveis sociodemográficas, como sexo, grau de escolaridade, nível cultural, nível socioeconômico, trabalho remunerado, número e presença de filhos em casa (Norgren & cols., 2004; Wagner & Falcke, 2001).

Para Andrade, Garcia e Cano (2009) a satisfação em um relacionamento amoroso corresponde à avaliação, em nível individual, da qualidade dessa relação. Nesse sentido, tal conceito é subjetivo, uma vez que estar satisfeito em um relacionamento conjugal não significa a mesma coisa e nem configura o mesmo tipo de relação para todas as pessoas (Mosmann, Zordan & Wagner, 2011). Cabe destacar ainda que aquilo que é avaliado como satisfatório ou insatisfatório em uma relação conjugal difere para mulheres e para homens<sup>13</sup>; tal diferença sofre influências tanto das características referentes ao sexo biológico (orgânicas), quanto dos papéis de gênero, ou seja, dos papéis socialmente atribuídos a ambos os cônjuges (Lima, 2010). Assim, Norgren e cols. (2004) consideram que a *satisfação conjugal* diz respeito a um conceito subjetivo, que implica em:

... ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. Relaciona-se com sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, fatores que propiciam intimidade no relacionamento, decorrendo da congruência entre as expectativas e aspirações que os cônjuges têm, em comparação à realidade vivenciada no casamento (p. 576).

Acrescenta-se a essa definição de *satisfação conjugal* a consideração sobre o dinamismo do conceito: uma vez que o casamento se transforma ao longo do ciclo de vida, o nível de satisfação conjugal também pode sofrer alterações (Narciso & Ribeiro, 2009; Norgren & cols., 2004). No decorrer da sua trajetória de desenvolvimento, o casamento atravessa distintos períodos de transição, exigindo da díade conjugal esforços contínuos de mudança e adaptação; de tal maneira, em

---

<sup>13</sup> Considerando que homens e mulheres podem apresentar concepções e expectativas distintas com relação à conjugalidade (Lima, 2010), destaca-se a relevância de pesquisas que analisem essas diferenças, por intermédio do acesso a ambos os cônjuges.

virtude da sua não linearidade, podem haver no decurso da vigência da união momentos de afetividade positiva e outros de afetividade negativa entre os membros do casal (Narciso & Ribeiro, 2009). Assim, cônjuges que se mantêm casados por um longo período de tempo não necessariamente estão satisfeitos com o matrimônio. Nesse sentido, há uma diferença entre estabilidade e satisfação conjugal. Muitas vezes o casamento estável, mas insatisfatório, mantém-se por razões de cunho religioso, patrimonial, por medo da solidão, da mudança e da necessidade de readaptação após o divórcio (Norgren & cols., 2004).

Por outro lado, as relações duradouras e satisfatórias são fatores de proteção ao desenvolvimento da família e à saúde de seus membros. De modo geral, os cônjuges que vivenciam uma relação mutuamente satisfatória gozam de níveis mais elevados de saúde emocional e física (Wood & cols., 2011), bem como de uma maior estabilidade financeira, e seus filhos também apresentam níveis melhores de saúde mental (Mosmann & cols., 2011). Em adição a isso, além de apresentarem níveis mais elevados de saúde, indivíduos satisfeitos com seus casamentos são mais longevos e mais responsivos às necessidades dos filhos; desse modo, a satisfação em um relacionamento se constitui em um dos melhores preditores de satisfação com a vida, sendo mais importante do que a segurança financeira, laboral e a saúde física (Narciso & Ribeiro, 2009; Rauer, Karney, Garvan & Hou, 2008).

O casamento possibilita um refúgio aos estressores externos e proporciona ainda espaços de interação com outros sistemas sociais (Norgren & cols., 2004). Ademais, a satisfação conjugal é preditora da avaliação do indivíduo sobre seu bem-estar psicológico. Nesse sentido, pessoas satisfeitas em suas interações amorosas costumam apresentar concepções positivas sobre outros aspectos de sua vida (Andrade & cols., 2009). Sendo assim, se possibilitarem espaços para as trocas interpessoais e para as diferenças, os relacionamentos conjugais são importantes fontes de aprendizagem e crescimento pessoal (Norgren & cols., 2004). Opostamente, as relações conjugais insatisfatórias ou aquelas permeadas por manifestações intensas e frequentes de ciúmes, por exemplo, podem se tornar fonte de angústia e frustração, abalando a saúde física e mental da díade (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008).

Além da *satisfação conjugal*, Mosmann e cols. (2011) indicam a *qualidade conjugal* como outro conceito básico presente na literatura internacional concernente à conjugalidade. Essas duas terminologias são tratadas em muitas pesquisas como sinônimas (Andrade & cols., 2009). A consideração de satisfação conjugal e qualidade conjugal como conceitos correspondentes acarreta dificuldades para o estudo do

fenômeno, uma vez que não há um único conceito reconhecido e aceito por estudiosos da área (Mosmann & cols., 2011). Tal situação impõe, então, um desafio para os pesquisadores, à medida que a não existência de um conceito uníssono faz com que seja necessário investigar até que ponto os estudos apresentam concepções correlatas ou contemplam modelos diferentes de compreensão do relacionamento conjugal (Scorsolini-Comin & Santos, 2010a).

O conceito de qualidade conjugal apresenta-se de tão complexa elaboração quanto o de satisfação conjugal. Mesmo com um grande número de pesquisas sobre a temática, ainda não parece haver um consenso na literatura sobre essa terminologia – a qualidade da relação conjugal muitas vezes nem é definida em estudos que a tem como fenômeno de interesse. Constatando essa situação, Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) realizaram uma revisão da literatura com o objetivo de mapear aspectos relacionados ao conceito de qualidade conjugal. Concluíram, então, que a *qualidade conjugal* se trata de um processo interativo e dinâmico do casal, cujo resultado é a avaliação que cada um dos cônjuges apresenta sobre o nível de qualidade experimentado na união (Mosmann & cols., 2006; Mosmann & cols., 2011). Dessa forma, só é possível considerar um casal feliz ou infeliz se ele próprio se define como tal (Karney & Bradbury, 1995; Silvaes & Souza, 2008).

Considerando-se a inexistência de definição unânime na literatura acerca dos conceitos de satisfação conjugal e de qualidade do relacionamento conjugal, adotar-se-á no presente trabalho a concepção proposta por Narciso e Ribeiro (2009). As referidas autoras indicam que, embora interativamente conectados, esses dois fenômenos diferem no seguinte sentido: a qualidade conjugal pode ser concebida como desempenho da e na relação, ao passo que a satisfação conjugal resulta da avaliação personalíssima do casamento, a partir da perspectiva dos cônjuges. Dessa forma, é possível que a qualidade da relação conjugal seja avaliada por um observador externo, por meio de critérios pré-definidos. Em contrapartida, a satisfação conjugal concerne à apreciação subjetiva de cada um dos membros do casal. Sendo assim, compreende-se que os cônjuges sentirão maior ou menor satisfação conjugal a partir da análise da qualidade conjugal, ou seja, do desempenho da e na relação (Narciso & Ribeiro, 2009).

Conforme já indicado anteriormente, o casamento passa por transformações ao longo do seu período de vigência. Sendo assim, a qualidade do relacionamento conjugal e o nível de satisfação dos cônjuges podem ser alterados por eventos predizíveis e imprevisíveis do

ciclo vital. No que diz respeito aos estressores desenvolvimentais predizíveis, merece destaque no presente trabalho o que se refere à chegada de um filho, que pode ocorrer após o processo gestacional do casal<sup>14</sup> ou por intermédio da adoção. A adição de uma nova criança ao sistema familiar parece ser o estágio que provoca as mudanças familiares mais profundas, constituindo-se em um grande desafio para a família nuclear e ampliada (Bradt, 1995).

O desafio do processo de transição para a parentalidade se refere à necessidade de os adultos avançarem uma geração, aceitando os novos membros do sistema e tornando-se cuidadores dessa geração mais jovem. Sendo assim, as mudanças familiares consistem no ajustamento do sistema conjugal com a finalidade de abrir espaço para a criança; no compartilhamento das tarefas de educação dos filhos, bem como das financeiras e domésticas; além do realinhamento com as famílias ampliadas, incluindo os papéis de pais e de avós (Carter & McGoldrick, 1995). A vinda do filho desencadeia, então, uma transição de papéis que se configura como crise situacional na díade conjugal, haja vista a necessidade de transformação e de adição no sistema familiar, por conta do aumento no número de pessoas que o compõe (Bolze, 2011; Prati & Koller, 2011). Além da reorganização da relação, a transição para a parentalidade implica ainda na reorganização das representações de si próprio e do cônjuge, à medida que o papel de pai/mãe deve ser acrescido aos outros papéis já vivenciados pelo casal (Flykt & cols., 2011).

Em virtude da dificuldade de se adaptar a esse rol de mudanças, as queixas referentes à emergência de conflitos maritais, disfunção sexual e depressão são frequentes nos cônjuges que passam pelo estágio da família com filhos pequenos, sendo essa a fase do ciclo de vida familiar que apresenta o maior número de separações e de divórcios (Carter & McGoldrick, 1995). A divisão dos cuidados com a criança, a preocupação em tomar decisões acertadas sobre o processo de educação da nova geração, além da diminuição do tempo que o casal dispõe para si próprio, desencadeiam a necessidade de negociações, desafiando a estabilidade marital (Prati & Koller, 2011). Nesse sentido, a parentalidade é considerada uma das transições mais estressantes na vida conjugal, uma vez que afeta importantes dimensões da relação de

---

<sup>14</sup> A designação “processo gestacional do casal” foi utilizada considerando referências que abordam a temática “casais grávidos”, compreendendo a mulher grávida e o seu companheiro (Andreani, 2006; Zampieri, Gregório, Custódio, Regis & Brasil, 2010).

casal, tais como a comunicação, a intimidade e o sexo (Bradt, 1995; Silva, 2009).

Da mesma forma que a criança impacta o subsistema conjugal, o relacionamento estabelecido pelos cônjuges também influencia o desenvolvimento dos filhos, quando se considera a família como um sistema. Isso porque os sistemas são considerados circuitos de retroalimentação: o comportamento de um membro afeta e é afetado simultaneamente pelo comportamento de todos os outros membros (Calil, 1987; Cerveny, 2000). Essas inter-relações entre o desenvolvimento das crianças e o relacionamento conjugal dos pais serão abordadas na seção seguinte.

### ***3.3 Relacionamento conjugal e desenvolvimento de crianças***

Diversos estudos têm apontado a existência de uma forte correlação entre qualidade das relações conjugais e desenvolvimento infantil (Ablow, Measelle, Cowan & Cowan, 2009; Belsky, 1981, 1984; Davies & Cummings, 1994; Erel & Burman, 1995; Fosco & Grych, 2007; Goldberg & Easterbrooks, 1984; Gottman, 1998; Ha, Overbeek, Vermulst & Rutger, 2009; Kelly & El-Sheikh, 2011; McDonald & Grych, 2006; Pauli-Pott & Beckman, 2007; Szelbracikowski & Dessen, 2007). O relacionamento conjugal tem sido reconhecido como um fator preponderante para a determinação da qualidade de vida familiar (Erel & Burman, 1995; Zimet & Jacob, 2001). As formas de comunicação, as estratégias de resolução de conflitos que o casal adota e a qualidade conjugal exercem influência sobre as relações estabelecidas entre genitores e crianças e sobre os padrões de cuidado com os filhos (Braz, Dessen & Silva, 2005).

A satisfação no relacionamento conjugal é fonte de apoio para o casal, vindo a favorecer o estabelecimento de relações parentais de boa qualidade. Dessa forma, casamentos satisfatórios estão associados a uma maior sensibilidade parental e, em consequência disso, a desdobramentos positivos no desenvolvimento das crianças (Dessen & Braz, 2005b). Barnett, Deng, Koonce, Willoughby e Cox (2008), investigando as relações parentais de 97 pais e mães em um contexto de brincadeira livre diádica, concluíram que a percepção positiva da qualidade conjugal estava associada a comportamentos parentais sensíveis durante as interações mãe-criança e pai-criança.

O relacionamento conjugal influencia as relações estabelecidas no ambiente doméstico e, também, a coesão familiar, que diz respeito à capacidade da família de se manter unida frente às vicissitudes do

cotidiano (Rabello & Caldas Júnior, 2007). Um exame da relação entre cuidados parentais positivos, coesão familiar e competência social da criança foi realizado por Leidy, Guerra e Toro (2010). Participaram da pesquisa 282 famílias latinas (predominantemente mexicanas). As autoras concluíram que a coesão familiar e os cuidados parentais positivos fornecem um contexto favorável para o desenvolvimento das crianças, em que habilidades sociais podem ser aprendidas em um sistema que lhes oferece suporte. Esses dados coadunam com achados de outros estudos, uma vez que a coesão familiar – fenômeno que sofre influência do relacionamento conjugal – vem sendo associada ao bem-estar físico e emocional em crianças e adolescentes e a baixos níveis de agressividade e depressão (Tolan, Gorman-Smith, Huesman & Zelli, 1997).

Goldberg e Easterbrooks (1984) desenvolveram um trabalho cujo objetivo era avaliar a associação entre qualidade das relações conjugais, parentais e o desenvolvimento de crianças pequenas em famílias compostas por dois genitores. Os resultados indicaram que tanto a harmonia quanto o ajustamento conjugal estavam relacionados a desdobramentos no desenvolvimento da criança. A relação conjugal satisfatória se associava ao estabelecimento de atitudes parentais sensíveis, resultado observado também por Barnett e cols. (2008), conforme descrito anteriormente. Goldberg e Easterbrooks (1984) constataram ainda que a associação entre qualidade marital e apego seguro entre mãe-criança e pai-criança foi mais forte em mães e pais satisfeitos com os seus casamentos, enquanto nos cônjuges com fraco ajustamento marital houve predominância das relações parentais inseguras.

Estudos indicam que uma relação conjugal insatisfatória pode acarretar prejuízos diretos e indiretos, tanto para os cônjuges, quanto para os filhos (Fincham, 2003; Gottman, 1998). Relações conjugais insatisfatórias estão associadas à maior probabilidade de transtornos de ansiedade e de abuso de substâncias por parte dos cônjuges (Whisman, Snyder & Beach, 2009). A separação conjugal e o divórcio podem acarretar consequências para a saúde física e mental de ambos os esposos. Segundo Gottman (1998), essas consequências incluem o aumento do risco de desenvolvimento de psicopatologias, acidentes de trânsito, doenças físicas e violências, como a violência interpessoal (homicídio, por exemplo) e a violência auto-inflingida (como tentativa de suicídio e suicídio propriamente dito).

O estresse no relacionamento conjugal associa-se ainda à depressão, angústia e sofrimento pessoal nos cônjuges. Laurent, Kim e Capaldi (2009) realizaram um estudo longitudinal com o objetivo de

investigar os efeitos do conflito conjugal na emergência de sintomas depressivos em 68 casais jovens, com idade entre 20 e 30 anos, engajados em um relacionamento estável estabelecido num período de duração compreendido entre dois e 10 anos. Os resultados apontaram que os sintomas depressivos, quando presentes nas mulheres, estavam mais fortemente associados a variáveis do relacionamento conjugal do que quando presentes em homens. A associação positiva entre sintomatologia depressiva e relacionamento marital, incluindo conflito conjugal, também foi observada por Cummings, Davies e Campbell (2000).

Além do casal, como supracitado, o conflito conjugal afeta também os filhos de maneira significativa, estando associado a uma vasta gama de efeitos negativos sobre as crianças. Destacam-se, dentre eles, a depressão, o retraimento social, problemas de saúde física, no rendimento escolar e dificuldades relacionadas à área de conduta (Gottman, 1998; Troxel & Matthews, 2004). Kelly e El-Sheikh (2011) identificaram, ainda, que os conflitos conjugais predizem transtornos do sono longitudinalmente (ao mesmo tempo em que os problemas da criança para dormir também influenciam a relação conjugal). Crianças expostas a situações de violência conjugal têm maior probabilidade de apresentar problemas de externalização, sendo os comportamentos agressivos especialmente comuns (Jouriles, McDonald, Rosenfield, Stephens, Corbitt-Shindler, & Miller, 2009; Minze, McDonald, Rosentraub, & Jouriles, 2010).

Estudos sobre a influência da relação conjugal permeada por conflitos no ambiente familiar identificaram, inicialmente, a sua correlação positiva com dificuldades de ajustamento nas crianças, ponderando que o conflito vivenciado pelos cônjuges acarretava modificações nas práticas educativas parentais, o que interferia no desenvolvimento dos filhos. Num segundo momento, foi verificado que as situações de conflito e o desenvolvimento da criança ligavam-se diretamente, sendo os efeitos do conflito conjugal determinados pelo fato de a criança presenciar as interações conflitivas dos pais, e não apenas pelas modificações nas práticas educativas. Alguns padrões de interação do casal, notadamente aqueles relacionados a situações de adversidade e de violência, associam-se à emergência de distúrbios cognitivos, emocionais, sociais e fisiológicos nas crianças. Passou-se a considerar, portanto, a relevância do conflito conjugal nos estudos com famílias, de modo a questionar, inclusive, o divórcio como fator desencadeador de distúrbios desenvolvimentais na criança. Pondera-se, ao contrário, que a emergência de distúrbios não está associada

exclusivamente ao divórcio, mas aos intensos conflitos presenciados pela criança antes da dissolução do casamento dos pais (Benetti, 2006).

No que diz respeito à vivência do conflito conjugal por parte dos filhos, é importante citar o trabalho desenvolvido por Papp, Cummings, e Goeke-Morey (2002). Esses autores realizaram um estudo sobre as características da situação de conflito conjugal na presença das crianças em comparação ao conflito conjugal na ausência delas com base em uma população de 47 pais e mães. Como resultado, obtiveram que, ao contrário do que comumente se acredita, as situações de conflito conjugal foram mais negativas quando os filhos estavam presentes do que quando eles estavam ausentes. As situações de conflito presenciadas pela criança se caracterizavam por maior emocionalidade negativa e menor emocionalidade positiva. Somando-se a isso, algumas categorias de comportamentos destrutivos na situação de conflito conjugal eram mais prováveis de serem apresentadas na presença do que na ausência dos filhos.

Ablow e cols. (2009) pesquisaram sobre a percepção de crianças com idade entre cinco e seis anos acerca das situações de conflito conjugal de seus pais. Concomitantemente às crianças, foram acessados ainda seus pais através de um questionário sobre conflito conjugal, além de seus professores, visando a buscar informações referentes ao ajustamento em sala de aula. As percepções das crianças sobre o relacionamento de seus pais correlacionaram-se significativamente às respostas dos cônjuges, bem como com aquelas obtidas junto aos professores acerca de problemas de internalização e de externalização. Os resultados mostraram que, por conta do egocentrismo característico da idade, as crianças jovens tendem a se responsabilizar pelo conflito vivenciado pelos pais. Esses dados sugerem que tanto o conflito conjugal propriamente dito quanto a tendência das crianças a se culpabilizar pela situação pode predispor a problemas de conduta em sala de aula. Ademais, a angústia das crianças frente ao conflito conjugal dos pais parece comprometer a sensação de segurança, o que se relaciona a desdobramentos negativos no desenvolvimento infantil.

A correlação entre problemas de externalização em pré-escolares e dinâmica conjugal conflituosa foi verificada também por Minze e cols. (2010). Os autores constataram, em uma pesquisa realizada junto a 57 crianças com idade entre quatro e cinco anos e suas mães, que a exposição dos filhos à violência conjugal afeta a capacidade das crianças de compreenderem a situação de adversidade familiar de forma organizada, contribuindo para a manifestação de comportamentos externalizantes. Nota-se uma associação desse resultado com o que

apontam Davies e Cummings (1994) sobre os problemas de adaptação em crianças (especialmente a externalização) acarretados pela exposição ao conflito conjugal. Em outro estudo, Davies e Cummings (1998) indicaram a tendência dos pais a reduzir o afeto e a sensibilidade nas interações com os filhos quando suas relações conjugais são caracterizadas como conflituosas, acarretando comprometimentos na formação de apego por parte das crianças e consequências no seu ajustamento.

Esses problemas no ajustamento da criança podem acarretar dificuldades nas relações interpessoais e menor competência social, fenômenos também associados ao conflito conjugal (Grych & Fincham, 1990; Troxel & Matthews, 2004). No que diz respeito a essa associação, Lindsey, Caldera e Tankersley (2009) realizaram uma pesquisa sobre apego seguro e reciprocidade emocional entre pais-criança e sua relação com conflito conjugal e comportamentos de crianças em situação de jogos com pares. Esse estudo veio a juntar-se ao corpo de pesquisas já desenvolvidas que explicam a complexidade dos processos que vinculam relacionamento familiar às interações entre crianças e seus pares. Inicialmente, 80 pais e mães foram observados em laboratório durante uma sessão de brincadeiras com seus filhos com idade entre 15 e 18 meses. Posteriormente, as crianças foram observadas em interações com pares em uma unidade de atendimento infantil aos 36 meses. Os resultados indicaram que as crianças de famílias com altos índices de conflito conjugal, e que também se caracterizavam por menor apego seguro no relacionamento com os pais, estavam mais propensas a se envolver em interações negativas com seus pares; ou seja, o conflito conjugal foi significativamente associado a baixos níveis de comportamento positivo nas interações entre pares. Os autores concluíram, assim, que crianças cujas relações de apego com pais se caracterizavam como inseguras apresentavam maior risco para o efeito negativo do conflito conjugal na qualidade de suas interações com pares.

Existem também evidências de que a relação conjugal está associada ao funcionamento cognitivo das crianças. Jouriles, Brown, McDonald, Rosenfield e Leahy (2008) realizaram um estudo no qual participaram 69 mães e seus filhos com idade entre quatro e cinco anos, com o objetivo de verificar a associação entre violência física conjugal e performance cognitiva dos pré-escolares no tocante à memória explícita<sup>15</sup>. Os dados indicaram que a vivência de eventos conjugais

---

<sup>15</sup> A memória explícita se refere a uma dimensão específica da memória que envolve a captura, processamento e armazenamento de novas informações

violentos está correlacionada negativamente com o desempenho cognitivo dos pré-escolares. Os autores apontam que crianças em famílias caracterizadas por episódios frequentes de violência conjugal podem sofrer danos no hipocampo, como resultado dos cronicamente elevados níveis de corticóides (hormônios do estresse) presentes na corrente sanguínea, o que, por sua vez, afeta negativamente a codificação da informação – processo central no funcionamento da memória explícita.

Além de estar associado a prejuízos emocionais, relacionais e acadêmicos, o conflito conjugal se relaciona ainda a desdobramentos danosos à saúde física das crianças. Troxel e Matthews (2004), em uma revisão de estudos sobre conflito conjugal, divórcio e saúde física da criança, observaram que os dados da literatura apresentam evidências consistentes da ligação entre conflito conjugal e divórcio do casal a desfechos negativos no estado de saúde dos filhos. Os resultados dessa revisão indicaram que o conflito e a dissolução do casamento tendem a fazer com que as relações parentais de boa qualidade fiquem comprometidas em virtude do estresse e dos efeitos emocionais desencadeados, o que acarreta consequências diretas e indiretas para a saúde física das crianças, incluindo o funcionamento neuroendocrinológico, cardiovascular e de neurotransmissores. Ademais, a recorrência dos conflitos e a situação ameaçadora de partida de um dos pais (no caso do divórcio, por exemplo), pode desencadear problemas afetivos, cognitivos e comportamentais, o que faz aumentar o risco de emergência de patologias físicas e saúde precária na infância, além do desenvolvimento de doenças crônicas na idade adulta.

Considerando que o conflito é um evento inevitável em qualquer relacionamento interpessoal, incluindo o conjugal, é importante ressaltar que nem todas as crianças expostas a situações de conflito conjugal em seus lares desenvolverão problemas na sua trajetória de desenvolvimento (Cummings & cols., 2007). A forma como o conflito é resolvido influencia o impacto gerado na criança.

---

(Jouriles & cols., 2008). Ela está relacionada à recuperação consciente da informação, ou seja, suas tarefas requerem que o sujeito recupere uma informação prévia de forma deliberada (Vasconcelos & Albuquerque, 2006). A memória explícita é essencial para diversas atividades da vida diária, como a resolução de problemas, raciocínio, compreensão de instruções e tomada de decisão, estando relacionada ao sucesso no desempenho acadêmico. É também importante para a realização de tarefas desenvolvimentais como a formação de relacionamentos interpessoais efetivos (Jouriles & cols., 2008).

Sendo assim, o conflito conjugal não é, necessariamente, prejudicial ao desenvolvimento infantil – pais que resolvem satisfatoriamente suas situações de conflito possibilitam que a criança tenha contato com modelos positivos de resolução de problemas, o que propicia um aumento da competência social dos filhos (Benetti, 2006; Grych & Fincham, 1990).

### ***3.4 Abordagens teórico-conceituais sobre temperamento***

O estudo sobre as diferenças individuais têm despertado o interesse de pesquisadores e teóricos desde a antiguidade. Hipócrates (460 – 370 A.C.), considerado o pai da medicina, e Galeno (129 – 199 A.C.), por exemplo, já investigavam o temperamento na Grécia e em Roma antiga. Esse atributo de pessoa, entretanto, permaneceu pouco estudado durante um longo período de tempo. O ressurgimento do interesse por estudos envolvendo o temperamento ocorreu no século XX, sendo que os trabalhos mais efetivos sobre a temática passaram a ser realizados a partir das décadas de 1950 e de 1960 (Guzzo & cols., 2004; Ito & Guzzo, 2002). Tem havido, recentemente, um notável interesse nas investigações sobre o temperamento, em especial o de crianças, por ele servir de base para o desenvolvimento da personalidade e das habilidades de autocontrole (Hill-Soderlund & Braungart-Rieker, 2008).

As teorias contemporâneas sobre temperamento fundamentam-se em abordagens psicométricas de diferenças individuais, na prática clínica, em descobertas genético-comportamentais e na psicofisiologia. De modo geral, essas teorias postulam que o temperamento compreende algumas dimensões, sendo conceituado como diferenças individuais que aparecem desde a infância. No que diz respeito a essas dimensões do temperamento, embora as distinções metodológicas entre as abordagens teóricas possam obscurecer os pontos em comum, frequentemente são incluídas a emocionalidade ou a intensidade da emocionalidade, o nível de atividade, o retraimento ou a extroversão. As teorias concordam que essas dimensões são relativamente estáveis e formam uma base para o futuro desenvolvimento da personalidade. Entretanto, parece haver desacordo entre os estudiosos sobre a natureza e o número exato de dimensões que compõem o temperamento. Além disso, muitos concordam que as características temperamentais apresentam substrato biológico, sendo que a sua expressão sofre influência de fatores ambientais. Todavia, as opiniões também diferem no que se refere aos

papeis específicos desempenhados por tais fatores biológicos e contextuais (Else-Quest, Hyde, Goldsmith & Van Hulle, 2006).

No presente trabalho serão apresentadas as três principais abordagens teórico-conceituais identificadas nos estudos contemporâneos sobre temperamento (Dyson, Olino, Durbi, Goldsmith & Klein, 2011; Else-Quest & cols., 2006; Klein, 2009; Klein & Linhares, 2007). Embora existam ainda outras perspectivas teóricas acerca da temática, grande parte das pesquisas disponíveis e dos instrumentos de medida do temperamento é derivada dessas três principais abordagens (Else-Quest & cols., 2006).

A primeira abordagem se refere à pesquisa iniciada em 1956 por Thomas e Chess, denominada “*New York Longitudinal Study*” (NYLS). Esse estudo, que envolveu bebês a partir de dois ou três meses de vida, teve continuidade por trinta anos (Ito & Guzzo, 2002). Participaram dele 133 pessoas provenientes de 84 famílias predominantemente nova-iorquinas (Zentner & Bates, 2008). O temperamento foi entendido, nessa perspectiva, como derivado de comportamentos apresentados pela pessoa num dado momento de sua vida, resultantes de influências presentes e passadas, que modificam e modelam esses comportamentos em um processo de interação constante (Klein & Linhares, 2007). Nesse caso, a concepção é a de que o temperamento se refere à *forma* (estilo) com que as pessoas se comportam, sendo isso diferente de *o que elas fazem* e *com que habilidade o fazem*. Assim, essa abordagem teórica compreende o temperamento como padrões estáveis no modo como os comportamentos são apresentados pelos sujeitos (Alvarenga, 2004).

Foram identificadas, a partir do NYLS, nove categorias do temperamento, quais sejam: (1) *nível de atividade*, que diz respeito ao componente motor presente no funcionamento de uma criança e na proporção diurna de períodos ativos e inativos; (2) *ritmicidade*, referente à previsibilidade e/ ou imprevisibilidade no tempo das funções orgânicas, fome, sono e eliminação; (3) *aproximação ou afastamento/retraimento*, concernente à resposta inicial frente a novos estímulos, como um novo alimento, um novo brinquedo ou uma nova pessoa; (4) *adaptabilidade*, ou seja, a facilidade com que a criança modifica ou altera situações na direção desejada; (5) *limiar de responsividade*, que se refere ao nível de estimulação externa necessária para evocar uma resposta deliberada; (6) *intensidade de reação*, tangente ao nível de energia da resposta, independentemente da sua qualidade ou direção; (7) *qualidade de humor*, ou seja, quantidade de prazer, divertimento ou comportamento amigável em contraste ao

desprazer, choro e comportamento não amigável; (8) *distratibilidade*, que tem a ver com a efetividade dos estímulos ambientais interferirem ou alterarem a direção de um comportamento já iniciado; (9) *período de atenção e persistência*, que podem ser definidos, respectivamente, como o período de tempo em que uma atividade específica é realizada (atenção) e manutenção dessa atividade em face de interferências do ambiente externo (persistência) (Muris & Ollendick, 2005).

Com base na análise dos dados obtidos no NYLS, foi constatado que a combinação dessas nove categorias fundamentava três tipos principais de temperamento, nos quais estariam incluídos dois terços de todas as crianças. O primeiro desses tipos é o “temperamento fácil”, que se caracteriza por funcionamento biológico regular, pouca intensidade nas reações, respostas positivas frente a novos estímulos, adaptabilidade rápida a situações novas e humor predominantemente positivo. O segundo tipo é definido como “temperamento de aquecimento lento”<sup>16</sup>, que diz respeito a crianças que se caracterizam por uma combinação de respostas negativas a novos estímulos, podendo gradualmente apresentar adaptabilidade lenta depois de repetidos contatos. O terceiro e último tipo é o “temperamento difícil”, que se relaciona à irregularidade nas funções biológicas, adaptabilidade lenta ou inadaptabilidade às mudanças, tendência a se afastar e expressões intensas de humor, geralmente negativas (Muris & Ollendick, 2005). No caso de crianças, esse construto de “temperamento difícil” diz respeito a um estilo comportamental associado a maiores dificuldades para o cuidador e ao aumento do risco para o desenvolvimento de problemas de comportamento futuros (Else-Quest & cols., 2006).

As principais críticas com relação ao modelo de Thomas e Chess centram-se no fato de as dimensões terem sido elaboradas com objetivos clínicos, sem uma preocupação inicial de produzir medidas homogêneas ou escalas conceitualmente independentes (Rothbart, Ahadi, Hershey & Fisher, 2001). Sendo assim, instrumentos de medida que foram construídos com base nessa perspectiva teórica podem apresentar sobreposição de significados (Klein & Linhares, 2007). Além disso, baixas correlações entre os resultados das medidas do temperamento em diferentes períodos do ciclo de vida de uma pessoa foram obtidos através de pesquisas empíricas. Esse dado sugere a possibilidade de transformações no temperamento ao longo dos anos,

---

<sup>16</sup> “Temperamento de aquecimento lento” ou “temperamento lento para reagir”, conforme indica Klein (2009).

fazendo suscitar a concepção de que ele é influenciado também pelo ambiente (Alvarenga, 2004).

A segunda abordagem teórico-conceitual de estudo do temperamento se refere a um modelo composto por três dimensões, descrito como Emocionalidade, Atividade e Sociabilidade (Modelo EAS), (Buss & Plomin, 1984, citado por Muris & Ollendick, 2005). A “emocionalidade”, primeira dimensão, diz respeito à intensidade com que são expressas através do afeto e do comportamento reações negativas a determinados eventos, constituindo-se em uma sensação geral de desconforto que, no decorrer da trajetória do desenvolvimento, se diferencia na tendência a experimentar sentimentos de raiva, tristeza e medo. A segunda dimensão, “atividade”, refere-se a características como tempo, vigor e resistência na prática de uma ação. A “sociabilidade”, terceira e última dimensão, concerne à tendência à afiliação e sensibilidade no relacionamento interpessoal, como o interesse em interagir com outras pessoas, dar e receber atenção. A abordagem proposta por Buss e Plomin se diferencia daquela proposta por Thomas e Chess, no sentido de que as características temperamentais influenciam o comportamento, contudo, não se constituem em seus determinantes diretos (Alvarenga, 2004).

A terceira abordagem teórico-conceitual aqui contemplada diz respeito à proposta por Rothbart (2004), que define temperamento como diferenças individuais com base constitucional na reatividade e autorregulação, observadas nos domínios de emocionalidade, atividade motora e atenção<sup>17</sup>. Segundo Rothbart e cols. (2001), as duas primeiras abordagens apresentadas anteriormente assumem que as diferenças individuais do temperamento refletem apenas características de respostas comportamentais. A abordagem de Rothbart vai mais além, por considerar características afetivas, como a qualidade e a intensidade da reação emocional. Nesse sentido, passa-se de um modelo estilístico, isto é, de estilos comportamentais, para um modelo psicobiológico do temperamento, que o compreende ainda em uma perspectiva desenvolvimental, à medida que avalia o temperamento em diferentes fases do ciclo de vida e considera suas transformações ao longo do tempo (Klein & Linhares, 2010).

Com fulcro nesse modelo teórico, é possível conceber três principais fatores componentes do temperamento, quais sejam: (1)

---

<sup>17</sup> O conceito de temperamento adotado por essa abordagem foi descrito mais detalhadamente às folhas 26 e 27 da seção de *Introdução* do presente trabalho. É esse o conceito que embasa o trabalho ora apresentado.

*extroversão*, que é caracterizada por impulsividade, prazer de alta intensidade, nível de atividade e timidez; (2) *afeto negativo*, definido por tristeza, medo, raiva/frustração, desconforto e capacidade de se acalmar; e (3) *controle com esforço*, que diz respeito a controle inibitório, focalização de atenção, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual (Putnam & Rothbart, 2006; Zentner & Bates, 2008). Assim, o *afeto negativo* e a *extroversão* estão associados à reatividade, ao passo que o *controle com esforço* se associa à autorregulação (Crawford, Schrock & Woodruff-Borden, 2011). Ademais, Rothbart e Bates (1998) indicam que os processos autorregulatórios servem para modular a reatividade. Com o objetivo de melhor caracterizar os fatores e as dimensões que compõem o temperamento, o Quadro 1 é apresentado.

<b>Fatores</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Definições</b>
<b>Extroversão</b>	Impulsividade	Rapidez ao iniciar uma resposta.
	Prazer de alta intensidade	Quantidade de diversão ou de prazer em eventos caracterizados por grande intensidade, novidade, complexidade ou incongruência de estímulos.
	Nível de atividade	Frequência e extensão de atividade motora ampla, incluindo locomoção.
	Timidez	Inibição ou lentidão ao se aproximar de situações novas ou incertas.
<b>Afeto Negativo</b>	Tristeza	Rebaixamento da energia e do humor frente a desapontamento, sofrimento ou perda de objetivos.
	Medo	Quantidade de afeto negativo com relação a situações ameaçadoras ou potencialmente ameaçadoras (bem como a antecipação delas), incluindo preocupação ou inquietude.
	Raiva/Frustração	Quantidade de afeto negativo relacionada à interrupção de uma tarefa ou a empecilhos no alcance de determinado objetivo.
	Desconforto	Quantidade de afeto negativo no que tange à estimulação sensorial, incluindo frequência, complexidade ou intensidade do estímulo auditivo, tátil ou visual (som, textura, luz e movimento).
	Capacidade de se acalmar	Grau de recuperação após alto nível de excitação, perturbação ou alerta geral.
<b>Controle com Esforço</b>	Controle inibitório	Capacidade para planejar e para suprimir resposta de aproximação inadequada sob instruções ou em situações incertas ou novas.
	Focalização de atenção	Tendência para manutenção da atenção na tarefa.
	Prazer de baixa intensidade	Quantidade de diversão ou de prazer em situações que envolvam baixa intensidade, complexidade, novidade e frequência de estímulos.
	Sensibilidade perceptual	Quantidade de percepção de estímulos de baixa intensidade, leves, advindos do ambiente externo.

**Quadro 1** - Fatores componentes do temperamento, suas dimensões e definições [desenvolvido com base na Escala de Definições de Temperamento do *Children's Behavior Questionnaire* (CBQ), disponível no site *Mary Rothbart's Temperament Questionnaires* e em Klein (2009)].

A *extroversão* e o *afeto negativo* aparecem desde as fases mais primeiras do desenvolvimento, podendo ser observados com clareza já nos primeiros meses de idade da criança (Klein, 2009). Os recém-nascidos mostram movimentos de esquiva e com dois ou três meses de vida as reações de aproximação são evidenciadas pelo sorriso e pelos movimentos do corpo; nesse mesmo período também já podem ser observadas as primeiras reações de raiva e de frustração (Rothbart, 2007). O *controle com esforço*, em contrapartida, começa a se delinear no final do primeiro ano e progressivamente vai se tornando mais sofisticado e organizado à medida que a criança se aproxima da fase pré-escolar (Hill-Soderlund & Braungart-Rieker, 2008; Klein, 2009; Zentner & Bates, 2008).

Estudos indicam que os fatores e as dimensões do temperamento estão associados a desfechos desenvolvimentais nas crianças (Gunnar, Sebanc, Tout, Donzella & Van Dulmen, 2003; Klein & Linhares, 2010; Rothbart, 2007). Gunnar e cols. (2003) identificaram que altos níveis de *extroversão* e o baixo *controle com esforço* estão associados positivamente à agressividade e, por consequência, à rejeição por pares em idade pré-escolar. Segundo Rothbart (2007), o baixo *controle com esforço* está associado ainda a problemas de externalização, enquanto o *medo* e a *timidez* se associam a problemas de internalização. A *timidez* associa-se negativamente à sociabilidade, à disposição física e relacional e ao comportamento pró-social de crianças (Klein & Linhares, 2010).

As características do temperamento podem se apresentar de forma diferente na infância de acordo com o gênero da criança. Em um trabalho de análise da literatura sobre diferenças de gênero no temperamento, Else-Quest e cols. (2006) identificaram que, no que diz respeito ao *controle com esforço*, parece haver uma maior habilidade feminina na focalização da atenção e na inibição de impulsos (controle inibitório). Essas tarefas são consideradas importantes no processo de desenvolvimento infantil e o fato de as meninas conseguirem realizá-las de modo mais eficaz antes dos meninos pode sugerir um atraso maturacional masculino que persiste durante a infância. Além disso, não parece haver diferenças significativas entre meninas e meninos no que diz respeito a *afeto negativo*. Em *extroversão*, foi encontrada uma pequena diferença de gênero no que diz respeito ao prazer de alta intensidade, que se apresenta mais forte nos meninos (Else-Quest & cols., 2006).

Além dessas diferenças no temperamento com relação ao gênero, a idade e/ou a etapa do desenvolvimento também influencia o

modo como ele se apresenta. Isso ocorre porque o temperamento, apesar de apresentar uma relativa estabilidade ao longo do tempo, desenvolve-se. Conforme indicado anteriormente, é esperado que o *controle com esforço* seja maior em crianças de seis anos em comparação às crianças de quatro anos. Nesse sentido, considerando que os fatores que compõem o temperamento podem se apresentar de modo diferente ao longo da trajetória de desenvolvimento, é importante que os instrumentos de medida sejam adequados à etapa de desenvolvimento da pessoa cujo temperamento será avaliado. Além disso, do mesmo modo que a idade, o contexto no qual a pessoa se desenvolve pode moldar o desenvolvimento das características do temperamento. Interação com o temperamento, apresentando riscos ao desenvolvimento, variáveis concernentes à pobreza extrema ou aos eventos ambientais estressantes, por exemplo (Else-Quest & cols., 2006).

### ***3.5 Relacionamento conjugal e temperamento de crianças<sup>18</sup>***

Concebe-se, com base na abordagem teórico-conceitual de Mary Rothbart, que o temperamento é influenciado ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência (Rothbart, 1986; 2004; Rothbart & Ahadi, 1994). Desse modo, conforme já indicado anteriormente, é possível considerar que o contexto no qual uma pessoa está inserida pode influenciar suas características temperamentais, da mesma forma que as disposições individuais de temperamento também interferem no contexto. No que diz respeito às relações entre contexto familiar e temperamento, Wachs (2002) afirma que são recentes – uma vez que começaram a ser desenvolvidas a partir da década de 1980 – e pouco numerosas as pesquisas que enfocam o comportamento dos pais como um fator que atua no sentido de modificar o temperamento dos filhos. Por outro lado, estudos apontam também para os efeitos do temperamento dos filhos do relacionamento conjugal dos pais, destacando que características vinculadas ao “temperamento difícil” das crianças estão associadas a prejuízos na qualidade da conjugalidade (Burney & Leerks, 2010; Cook & cols., 2009).

De acordo com Wachs (2002), os trabalhos que têm como objeto as inter-relações entre temperamento e ambiente familiar são mais escassos e, também, atuais. Tal fato pode ser explicado pelas tradicionais concepções teórico-conceituais sobre temperamento enfatizarem, prioritariamente, suas bases biológicas, o que resulta em

---

<sup>18</sup> A presente seção foi elaborada com base no artigo de Schmidt e cols. (2011).

um grande número de estudos sobre as influências bioquímicas, genéticas e neurais nas diferenças individuais do temperamento (Wachs, 2002). Em virtude da natureza dessas pesquisas, as abordagens metodológicas adotadas para estudo do temperamento são, prioritariamente, quantitativas. Ademais, a produção acerca da temática ainda é incipiente no Brasil, sendo mais expressiva no contexto internacional.

Com o objetivo de analisar a produção científica nacional e internacional que aborda as associações entre temperamento dos filhos e relacionamento conjugal dos pais, foi realizada uma revisão da literatura referente ao tema. Os sítios utilizados nacionalmente foram a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e a Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi), ambos de acesso livre. As bases de dados internacionais pesquisadas foram a PubMed, de acesso livre, e a APA PsycNET, de acesso restrito.

Os descritores selecionados para a pesquisa foram “*temperamento*”, “*relações conjugais*” e “*conflito conjugal*”, considerando versões em língua portuguesa, inglesa e espanhola. A pesquisa foi realizada pela combinação de dois termos, sempre no mesmo idioma – um referente ao temperamento e outro ao conflito conjugal ou relação conjugal. Recorreu-se ao operador lógico “AND” para combinação dos descritores utilizados no rastreamento das publicações. As estratégias de busca, portanto, foram as seguintes: (1) *temperamento AND conflito conjugal*; (2) *temperament AND marital conflict*; (3) *temperamento AND conflictio marital*; (4) *temperamento AND relações conjugais*; (5) *temperament AND marital relations*; (6) *temperamento AND relaciones conyugales*.

Na busca pelos trabalhos foram selecionadas todas as bases de dados disponíveis nas plataformas de pesquisa. O período de publicação dos documentos foi delimitado entre os anos de 1980 e 2010. Os estudos adotados para a análise compreenderam artigos científicos, dissertações e teses produzidas tanto nacional quanto internacionalmente. Os documentos foram selecionados e importados para o *software End Note X4*<sup>19</sup>.

Após esse processo ocorreu a avaliação dos resumos e a retirada de trabalhos duplicados (isto é, disponibilizados em mais de uma base de dados), bem como a exclusão de estudos não concernentes ao objetivo da revisão de literatura, ou seja, aqueles que não apresentavam como foco de análise as inter-relações entre o temperamento dos filhos e

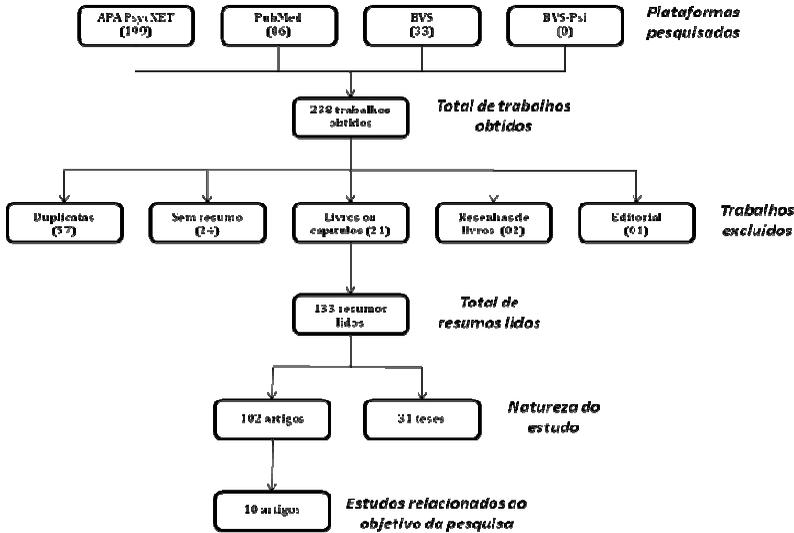
---

<sup>19</sup> Número da licença para utilização do *software End Note X4*: 5071401966.

relacionamento conjugal dos pais. Sendo assim, foram retirados da análise, por exemplo, documentos que abordavam os impactos negativos do conflito conjugal no desenvolvimento infantil, sem focar o temperamento da criança, ou que tratavam de características mais amplas do contexto familiar, como famílias em situação de risco psicossocial e possíveis associações com comportamento social da criança. Foram excluídas, ainda, publicações que se referiam a editoriais de revistas científicas, livros, resenhas ou capítulos de livro e, também, referências que não apresentavam resumo. Quando no resumo não estava suficientemente claro se o estudo referia-se, de fato, às possíveis relações entre temperamento e relacionamento conjugal, o texto era consultado na íntegra, sempre que disponível.

A partir das buscas nas plataformas de pesquisa foram encontrados, inicialmente, 238 trabalhos entre artigos publicados em periódicos científicos, teses, livros e capítulos de livro. Dessas publicações, 199 encontravam-se na APA PsycNET, 33 na BVS e seis na PubMed. Nenhuma publicação foi encontrada na BVS-Psi. Com a exclusão dos trabalhos que apareciam em duplicidade, restaram 181 documentos. Desse total, foram retirados 24 que apresentavam apenas a referência, sem a contemplação do resumo. Dos 157 trabalhos restantes, 21 foram identificados como livros ou capítulos de livro, dois como resenha e um como editorial, sendo excluídos, portanto, da análise. Foram lidos, por fim, 133 resumos (102 artigos científicos e 31 teses). Apenas um dos trabalhos lidos referia-se a uma produção nacional (Frizzo & Piccinini, 2005). Os demais 132 estudos consistiam em produção internacional, tendo seus resumos publicados em língua inglesa.

Dos estudos cujo resumo foi lido, 10 estavam diretamente relacionados à temática que a pesquisa objetivava estudar. Todos esses estudos se referiam a artigos científicos publicados em periódicos. Somente um dos 10 documentos não pôde ser lido integralmente, por se tratar de um artigo escrito em língua persa. Do referido trabalho utilizou-se, portanto, apenas as informações contidas no resumo. Os demais nove artigos foram lidos na íntegra. Todos os resultados dessa etapa de avaliação dos documentos obtidos no processo de revisão da literatura são ilustrados na Figura 1.



**Figura 1** - Diagrama do procedimento de revisão da literatura sobre relacionamento conjugal e temperamento de crianças.

Constatou-se, nos 10 estudos relacionados ao objetivo da pesquisa (qual seja, relacionamento conjugal e temperamento infantil), que um dos artigos foi publicado no final da década de 1980, tendo sido os outros nove publicados a partir de 2000. Esse dado indica que o interesse por estudos sobre a temática é recente, uma vez que a maioria das publicações (nove) ocorreu na última década. Esse resultado confirma o que já havia sido identificado na literatura sobre a atualidade do interesse em estudos sobre o tema (Guzzo & cols., 2004; Ito & Guzzo, 2002; Wachs, 2002).

Com relação às características dos participantes, identificou-se que em oito trabalhos foram pesquisados pai, mãe e filho(s), ou seja, famílias. Em duas pesquisas participaram díades mãe-filho(a), sendo uma delas mãe-criança e outra mãe-adolescente. Esse resultado confirma o que indicam Dessen e Braz (2005a), a respeito da tendência atual de abordagem dos subsistemas familiares nas pesquisas científicas: o foco de interesse é estendido para além das díades, enfatizando-se as relações que os cônjuges estabelecem entre si, tanto do ponto de vista da conjugalidade quanto da parentalidade.

Com relação à idade dos filhos, sujeitos-alvo das avaliações sobre temperamento, constatou-se que a maioria das pesquisas referiu-se

ao temperamento de crianças de zero a 14 meses (seis trabalhos). Crianças em idade pré-escolar, escolar e adolescentes foram enfocadas, cada qual, em um trabalho. Um dos artigos investigou crianças no período pré-escolar e escolar. Sendo assim, a maioria dos trabalhos (nove) contou com crianças como sujeitos-alvo das avaliações do temperamento. Esses dados apresentam conformidade com os encontrados por Guzzo e cols. (2004) em um trabalho de verificação do estado da arte de pesquisas sobre temperamento, exclusivamente. Parece que a faixa etária de maior interesse nas pesquisas atuais sobre a temática é, efetivamente, a infância. Ademais, a principal fonte de acesso ao temperamento infantil ocorre por meio do relato dos pais, como já havia sido identificado também em outros trabalhos (Guzzo & cols., 2004; Klein, 2009; Klein & Linhares, 2010; Rothbart & Hwang, 2002).

O enfoque de todos os estudos avaliados foi classificado na categoria *Empírico-pesquisa*. No que diz respeito ao tipo de estudo, houve igual distribuição entre as categorias *Transversal* e *Longitudinal*. Todos os estudos longitudinais foram desenvolvidos junto a famílias cujos sujeitos-alvo de avaliação do temperamento eram crianças de até 14 meses de idade (bebês) ao final da coleta de dados, caracterizando-se, portanto, como longitudinais de curto prazo. A análise de dados foi *Quantitativa* em todos os trabalhos. O método predominante foi o *Levantamento de dados*, seguido por *Levantamento de dados e Observação*. As técnicas mais utilizadas foram *Questionários/Escalas*, seguidas da combinação de *Questionários/Escalas e Observação*. Esse resultado corrobora com o indicado por Rothbart e Hwang (2002), uma vez que as autoras apontam que o temperamento de crianças vem sendo mensurado via relato dos pais e observações. Achados semelhantes foram obtidos também por Klein e Linhares (2010) que, em uma revisão da literatura sobre temperamento e sua relação com o desenvolvimento da criança, constataram os questionários e a observação sistemática como as duas principais formas de avaliação do temperamento.

Em seis dos trabalhos foram utilizados para medida do temperamento questionários desenvolvidos com base na abordagem teórico-conceitual proposta por Mary Rothbart: o *Infant Behavior Questionnaire* (IBQ – Rothbart, 1981) e o *Revised Infant Behavior Questionnaire* (IBQ-R – Gartstein & Rothbart, 2003), direcionados a crianças de três a 12 meses foram utilizados, cada qual, em dois estudos. Além disso, outros dois trabalhos adotaram a *very short form* do *Children's Behavior Questionnaire* (Putnam & Rothbart, 2006), elaborada para crianças de três a sete anos de idade e o *Early Adolescent*

*Temperament Questionnaire* (EATQ-R – Ellis & Rothbart, 2001), para a faixa etária entre nove e 15 anos.

Os demais quatro trabalhos analisados utilizaram instrumentos baseados na abordagem do temperamento proposta por Thomas e Chess: em dois deles foi empregado o *Infant Characteristics Questionnaire* (ICQ), elaborado por Bates, Freeland e Lousbury (1979) e direcionado a crianças com idade entre quatro e seis meses. Em outros dois trabalhos utilizou-se a *Temperament Assessment Battery* (TAB – Martin, 1984, citado por Stoneman, Brody & Burke, 1989), apropriada para crianças de três a nove anos e o *Revised Dimensions of Temperament Survey* (DOTS-R – Windle, 1992; Windle & Lerner, 1986), para adolescentes.

Constata-se que a maioria dos trabalhos analisados teve como base teórico-conceitual a abordagem do temperamento proposta por Rothbart, bem como utilizou instrumentos de mensuração desenvolvidos com base nessa perspectiva. Klein e Linhares (2010) também obtiveram esse resultado, uma vez que tanto a abordagem teórico-conceitual quanto os instrumentos de medida da maioria dos trabalhos componentes do seu *corpus* de análise estiveram pautados na perspectiva de Mary Rothbart.

Os principais resultados obtidos a partir da leitura e da apreciação desses artigos analisados por Schmidt e cols. (2011) foram agrupados nas seguintes categorias: (a) *Parentalidade, conjugalidade e temperamento* e (b) *Conflito conjugal e temperamento*. Essas categorias são apresentadas a seguir.

### ***Parentalidade, conjugalidade e temperamento***

Dos estudos analisados, seis tiveram como objeto de pesquisa características do relacionamento parental, conjugal e suas relações com o temperamento dos filhos. Constatou-se, em três desses estudos, que o foco de análise foi a coparentalidade em associação à conjugalidade e ao temperamento (Burney & Leerks, 2010; Cook & cols., 2009; Schoppe-Sullivan & cols., 2007). A coparentalidade se refere à divisão de liderança por parte de pai e de mãe, onde ambos se apóiam nos papéis parentais, ou seja, de “chefes” de família (Frizzo, Kreutz, Schmidt, Piccinini & Bosa, 2005). Dessa forma, diz respeito ao envolvimento mútuo e partilhado de ambos os pais na formação, educação e definições acerca da vida dos filhos (Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2010).

Constatou-se uma tendência, nos casais caracterizados por menor qualidade conjugal que participaram da pesquisa desenvolvida por Schoppe-Sullivan e cols. (2007), de baixa adaptabilidade da criança

(temperamento) e menores índices de coparentalidade. Casais com alta qualidade conjugal mostraram bom comportamento de coparentalidade quando confrontados com uma criança cujo temperamento se caracterizava por emocionalidade negativa, enquanto casais com menor qualidade conjugal mostraram pior comportamento de coparentalidade na mesma situação. A qualidade do relacionamento conjugal parece, portanto, predizer o comportamento de apoio na coparentalidade. Além disso, a interação entre baixa adaptabilidade da criança e qualidade da relação conjugal se aproximou da significância.

Identificou-se que pais de crianças que apresentavam temperamento caracterizado como “difícil” demonstraram comportamento de coparentalidade mais fraco, o que se associou a desdobramentos no relacionamento conjugal (Burney & Leerks, 2010; Cook & cols., 2009). No estudo desenvolvido por Cook et al. (2009) o ajustamento conjugal moderou as relações entre crianças com *afeto negativo* e o comportamento de apoio na coparentalidade de seus pais. A associação entre *afeto negativo* da criança e ajustamento conjugal consistiu em um preditor significativo da coparentalidade de apoio.

Resultados semelhantes foram obtidos na pesquisa desenvolvida por Burney e Leerks (2010). Verificou-se uma associação positiva na percepção do pai sobre a alta reatividade da sua criança, coparentalidade negativa e baixa qualidade na relação conjugal, mas apenas quando a baixa qualidade na relação conjugal já era observada no período pré-natal. Dessa forma, casais insatisfeitos com seus relacionamentos teriam maior dificuldade para lidar com crianças que apresentam alta reatividade como característica do temperamento, uma vez que eles possuem, em adição às características da criança, problemas a serem resolvidos com seus companheiros.

Assim como a coparentalidade, constatou-se que o engajamento do pai nos cuidados com a criança varia em função do temperamento. Nesse sentido, o temperamento difícil da criança pode se associar ao menor engajamento do pai, desencadeando estresse e desapontamento à mãe, o que influencia o relacionamento conjugal, no sentido de prejudicá-lo (Wong & cols., 2009).

O apontamento de que, potencialmente, crianças com características de temperamento ligadas à emocionalidade negativa poderiam acarretar maiores níveis de estresse à relação conjugal também foi realizado no estudo de Leve e cols. (2001). Esses autores indicaram, ainda, que pais e mães que avaliaram sua criança como apresentando mais limitações para superar experiências estressantes relataram menos prazer na rotina de cuidados maternos e paternos.

As características temperamentais da criança ligadas à melhor regulação e menor *afeto negativo* correlacionaram-se positivamente à qualidade do relacionamento conjugal, de acordo com os resultados obtidos por Mehall, Spinrad, Eisenberg e Gaertner (2009). Com base nessa pesquisa, verificou-se que as disposições de temperamento da criança demonstraram influenciar a relação conjugal e, também, a percepção dos pais acerca de outras relações familiares. Quando a criança exibe alta negatividade, a visão dos pais sobre o casamento tende a ser mais negativa.

### ***Conflito conjugal e temperamento***

Três estudos tiveram como foco as inter-relações entre conflito conjugal e temperamento dos filhos (Crockenberg, Leerkes & Lekka, 2007; Davies & Windle, 2001; Gharehbaghy & Aguilar-Vafaie, 2009). O conflito conjugal correlacionou-se positivamente a características ligadas ao temperamento difícil e negativamente a características ligadas ao temperamento fácil (Crockenberg & cols., 2007; Gharehbaghy & Aguilar-Vafaie, 2009).

O relacionamento conjugal conflituoso e permeado por interações agressivas foi preditor de retraimento na criança, sugerindo, portanto, que elas são sensíveis aos aspectos emocionais do contexto (Crockenberg & cols., 2007). Crianças expostas a elevados níveis de discussões conjugais parecem apresentar maiores limitações para superar experiências estressantes, estando o conflito conjugal ligado à sua pobre regulação emocional. Crockenberg e cols. (2007) ponderam que, em virtude de as medidas de agressão conjugal da pesquisa terem sido obtidas no período pré-natal, elas não poderiam ser uma resposta ao temperamento infantil; assim, a direção da influência parece ser primariamente dos pais para os filhos, e não o contrário.

Ademais, o conflito conjugal e o temperamento estiveram também associados a desdobramentos negativos no desenvolvimento dos filhos. No trabalho de Gharehbaghy e Aguilar-Vafaie (2009), o conflito conjugal e o temperamento foram preditores de sintomas psicopatológicos e de saúde nas crianças. Já na pesquisa desenvolvida por Davies e Windle (2001), constatou-se que associações entre conflito conjugal, delinquência e sintomas depressivos em adolescentes foram moderadas pelas diferenças individuais do temperamento. Os resultados indicaram que características concernentes ao temperamento difícil estão associadas à maior vulnerabilidade aos efeitos do conflito conjugal, sendo as características referentes ao temperamento fácil

fatores de proteção ao risco do conflito conjugal na trajetória de desenvolvimento (Davies & Windle, 2001).

Destaca-se, mediante a leitura dos artigos obtidos, que os trabalhos enfocam, notadamente, os impactos do temperamento da criança no relacionamento conjugal dos pais (em especial filhos considerados pelos pais como apresentando disposições ligadas ao temperamento difícil) e, também, a influência do conflito conjugal nas manifestações das características de temperamento da criança. Em resumo, as pesquisas enfatizaram as associações entre os dois fenômenos, tanto na direção do relacionamento conjugal para o temperamento dos filhos, como do contrário, ou seja, do temperamento dos filhos para o relacionamento conjugal e, ainda, parental. Contudo, é importante ressaltar que a maior parte desses trabalhos (seis) enfatizou a influência do temperamento dos filhos no relacionamento conjugal dos pais. Esse dado sugere a importância de se considerar o contexto familiar, onde ocorre o desenvolvimento dos pais e dos filhos, nas pesquisas e nas intervenções em psicologia, tendo em vista as inter-relações entre os distintos subsistemas familiares.

Partindo da premissa de que existe relação entre conjugalidade e temperamento infantil e, ainda, considerando os objetivos do estudo e os achados obtidos no processo de revisão da literatura científica, destaca-se o racional da pesquisa, isto é, os resultados dela esperados:

1. A satisfação e a alta qualidade da relação conjugal estarão associadas ao maior *controle com esforço* nas crianças;
2. A baixa qualidade da conjugalidade e o conflito entre o casal estarão associados ao maior *afeto negativo* nas crianças;
3. As variáveis do contexto estarão associadas ao relacionamento conjugal no seguinte sentido: quanto menor a renda familiar e maior o número de pessoas que habitam a residência, maior a prevalência de conflitos entre o casal;
4. Casais mais satisfeitos em seus relacionamentos se engajarão menos em interações conjugais conflitivas;
5. A qualidade e a satisfação conjugal independem do tempo de união dos cônjuges;
6. Pai e mãe apresentarão bom índice de concordância sobre as características do temperamento da criança;
7. O *controle com esforço* será maior nas crianças com mais idade.

Tendo sido apresentados os resultados esperados no estudo, parte-se, na sequência, à explanação dos procedimentos metodológicos adotados para a efetivação da pesquisa.

## 4. MÉTODO

Essa pesquisa se insere no âmbito de um projeto mais abrangente, intitulado “*A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos*”, que tem por objetivo investigar a relação entre relacionamentos conjugais e interpARENTAIS e a modulação do comportamento agressivo em crianças com idade entre quatro a seis anos, propondo um modelo de transmissão intergeracional das estratégias de gestão de conflitos. O título desse projeto maior será apresentado de maneira abreviada ao longo do documento, utilizando-se a sigla TIV.

Estão envolvidos no TIV, nacionalmente, o Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), ambos vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e representados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi e pelo Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Mauro Luis Vieira, respectivamente. Realizou-se uma parceria com o Canadá através da Universidade do Québec em Montreal (UQÀM) e da Universidade de Montreal (UM), junto aos pesquisadores Marc Bigras e Daniel Paquette. No Brasil, o TIV integra um conjunto de pesquisas que está sendo desenvolvido com a colaboração de professores, pesquisadores e estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da UFSC, enquanto no Canadá participam pesquisadores e alunos de pós-graduação vinculados à UQÀM e à UM.

A presente dissertação está pautada em critérios e em instrumentos pertinentes ao projeto maior do qual faz parte. Seus resultados servirão, portanto, para desenvolver parte dessa pesquisa mais abrangente que está sendo realizada no Brasil e no Canadá.

### 4.1 Desenho da pesquisa

Esse estudo se refere a um levantamento de dados que buscou verificar a relação entre conjugalidade e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos. Visando a melhor compreender essa relação no contexto das famílias pesquisadas, foram ainda incluídos, nas análises, dados sociodemográficos dos participantes.

A pesquisa se caracterizou como transversal, uma vez que os dados foram coletados em um momento específico, descrevendo os participantes em um determinado ponto de sua trajetória de vida (Richardson, 2009). É possível defini-la ainda como descritiva e

correlacional: descritiva porque especifica as características dos fenômenos estudados e correlacional porque avalia o grau de relação entre as variáveis envolvidas (Sampieri, Collado & Lucio, 2006). A pesquisa seguiu o delineamento quantitativo dos dados, mediante a utilização de escalas e questionários que investigaram o relacionamento conjugal dos pais, o temperamento dos filhos e as variáveis sociodemográficas das famílias.

#### ***4.2 Contextos***

A coleta de dados ocorreu entre os meses de junho de 2010 a outubro de 2011, em quatro municípios pertencentes a duas regiões do Estado de Santa Catarina. Na região da Grande Florianópolis, as cidades participantes foram Florianópolis (420 mil habitantes) e São José (210 mil habitantes). No Vale do Itajaí, participaram os municípios de Itajaí (180 mil habitantes) e Balneário Camboriú (108 mil habitantes). A população das quatro cidades nas quais a coleta de dados foi realizada caracteriza-se como urbana, prioritariamente, sendo a estatística populacional pautada em dados do IBGE (2010).

#### ***4.3 Participantes***

Para o presente estudo foi utilizada uma amostra de conveniência composta pelas primeiras 104 famílias biparentais que aceitaram participar do TIV. Os pais e as mães (biológicos ou não) deveriam estar vivendo juntos por um período de, no mínimo, seis meses no momento da coleta de dados. Foram incluídos na amostra apenas os pais e as mães que, quando do nascimento da criança focal, já haviam completado 18 anos. A criança focal, sobre a qual os cônjuges responderam aos instrumentos, poderia ser do sexo masculino ou feminino, mas deveria ter idade entre quatro e seis anos e frequentar uma Instituição de Educação Infantil (IEI) pública ou privada nos municípios que compõem as regiões supracitadas.

A delimitação da idade das crianças – entre quatro e seis anos – foi estipulada pelo projeto mais amplo (TIV) e ocorreu em virtude do pico de agressividade que inicia aproximadamente aos dois anos, sendo esperado que, em função da aquisição de competências como a linguagem, as crianças apresentem, gradativamente, modificações na forma e na intensidade com que expressam a agressividade (Bossardi, 2011). Sendo assim, é esperado que os problemas de externalização tendam a declinar durante os anos pré-escolares (Mesman & cols.,

2009). Quando isso não ocorre, há um aumento da probabilidade de ocorrência de problemas sociais e acadêmicos na adolescência e na idade adulta (Tremblay & cols., 2004).

Além disso, é no período do desenvolvimento conhecido como “pré-escolar” que as crianças costumam permanecer por mais tempo junto aos pais, o que faz aumentar a probabilidade de presenciarem violência entre o casal, serem submetidas a maus-tratos e afetadas por essas circunstâncias (Bolze, 2011; Levendosky, Huth-Bocks, Shapiro & Semel, 2003). Pesce (2009), em um trabalho de revisão da literatura sobre violência familiar e comportamento agressivo e desafiador opositivo na infância, identificou importantes correlações entre crianças que experienciam situações de violência familiar e problemas de comportamento externalizante.

Ademais, no que se refere nomeadamente à pesquisa aqui abordada, identificou-se, a partir do trabalho de revisão da literatura sobre relacionamento conjugal e temperamento de crianças já mencionado anteriormente (Schmidt & cols., 2011), que dos dez estudos analisados, apenas um se referia a crianças com idade entre quatro e seis anos. Esse estudo foi produzido no contexto internacional, não sendo identificado no Brasil, portanto, nenhuma produção relacionada à temática em questão.

Vale destacar que não houve exclusão de famílias em virtude de características sociodemográficas, com a intenção de que os participantes constituíssem uma amostra heterogênea, com diversidade de nível de escolaridade dos pais, renda, composição familiar, incluindo famílias recasadas e extensas ou não, e que tivessem um ou mais filhos. Tomou-se a decisão de incluir famílias com características heterogêneas na expectativa de que, desse modo, seria possível a avaliação da relação entre as variáveis sociodemográficas com aquelas referentes ao relacionamento conjugal e ao temperamento das crianças.

#### ***4.4 Instrumentos para coleta de dados***

Buscando atingir os objetivos do estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos no processo de coleta de dados:

- a) Questionário Sociodemográfico (Anexo 1);
- b) Questionário sobre Relacionamento Conjugal (QRC) (Anexo 2);
- c) FLOREAL (Anexo 3);
- d) *Children`s Behavior Questionnaire* (CBQ) (Anexo 4).

O Questionário Sociodemográfico e o QRC foram adaptados para o projeto maior, tendo sido utilizados previamente em estudos realizados por pesquisadores vinculados ao NEPeDI/UFSC. Com relação ao FLOREAL, trata-se de um instrumento elaborado especificamente para o TIV, com o objetivo de investigar aspectos relacionados ao *relacionamento conjugal, fontes de conflito entre o casal, conflito na presença da criança e traços de personalidade dos cônjuges*<sup>20</sup>. O CBQ é um instrumento desenvolvido no contexto internacional, traduzido e adaptado para o português (Brasil) por Klein & Linhares (2005).

### ***Descrição dos Instrumentos***

- a) Questionário Sociodemográfico (Anexo 1):  
Conforme informado anteriormente, esse questionário foi desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI/UFSC e adaptado para ser utilizado no estudo mais abrangente, do qual faz parte a pesquisa ora apresentada. É composto por 15 questões concernentes a variáveis como: dados da família (cidade de residência, composição familiar, número de pessoas que moram na casa, idade e escolaridade dos membros da família); renda familiar (profissão, atividade atual, jornada de trabalho e valores dos rendimentos percebidos mensalmente pela família); presença de pessoa contratada para auxiliar nos cuidados com a casa e com a(s) criança(s) (empregada ou babá, por exemplo); uso de medicamentos por parte dos familiares; e características da habitação (número de cômodos e tipo de edificação). Apesar de não se referir a um instrumento validado, o Questionário Sociodemográfico, no modelo tal qual utilizado nessa pesquisa, foi adotado ainda nos estudos desenvolvidos por Bossardi (2011), Bolze (2011) e Gomes (2011), também componentes do TIV.
  
- b) Questionário sobre Relacionamento Conjugal (QRC) (Anexo 2):  
É composto por três itens que se referem ao relacionamento estabelecido entre cônjuges. Conforme já indicado, esse

---

<sup>20</sup> Considerando-se que o presente estudo não tem por objetivo avaliar a personalidade dos cônjuges, os itens do FLOREAL que tratam dos traços de personalidade dos respondentes não foram analisados nessa pesquisa.

questionário foi desenvolvido e utilizado previamente por pesquisadores vinculados ao NEPeDI/UFSC, tendo sido adaptado para o TIV. Trata-se de uma escala *likert* de cinco pontos, cujas questões componentes versam sobre *qualidade do relacionamento conjugal*, *satisfação conjugal* e *conflito conjugal*. No tocante à *qualidade do relacionamento conjugal*, 1 corresponde a  *muito infeliz* e 5 a  *muito feliz*. Na *satisfação conjugal*, 1 diz respeito a *nada satisfeito* e 5 a *extremamente satisfeito*. No concernente ao *conflito conjugal*, 1 refere-se à relação *nada conflituosa* e 5 à *extremamente conflituosa*. Para a obtenção do escore geral do relacionamento conjugal dos participantes com base nos dados obtidos mediante a aplicação do QRC, a variável *conflito conjugal* teve seus escores invertidos no processo de análise de dados, a fim de padronizar a intensidade da média. Desse modo, quanto mais alta for a média do QRC, mais positivamente é avaliada pelos cônjuges a relação de casal. Tal qual o Questionário Sociodemográfico, o QRC não possui validação; contudo, também já foi adotado em estudos anteriores (Bossardi, 2011; Vieira, 2012). Além disso, pelo fato de não possuir validação, optou-se por calcular a confiabilidade do QRC, isto é, o grau em que a aplicação repetida do instrumento de medida ao mesmo fenômeno gera resultados similares (Sampieri & cols., 2006). Desse modo, calculou-se o *alpha* de Cronbach, que se refere a um coeficiente que produz valores entre 0 (confiabilidade nula) e 1 (confiabilidade máxima). Assim, quanto mais o coeficiente se aproximar de 1, menor será o erro na medição, ao passo que quanto mais próximo de 0, maior o erro. O QRC apresentou uma consistência interna aceitável, vez que o *alpha* de Cronbach obtido no presente estudo foi de 0.83, evidenciando a confiabilidade do instrumento. Isso porque, de acordo com Freitas e Rodrigues (2005), valores superiores a 0.70 são considerados bons coeficiente de confiabilidade entre as repostas de um instrumento.

c) FLOREAL (Anexo 3):

O FLOREAL investiga aspectos concernentes ao *relacionamento conjugal*, *fontes de conflito entre o casal*, *conflitos na presença da criança* e *tipo de personalidade dos cônjuges*. Conforme mencionado anteriormente, considerando-se que o presente estudo não tem por objetivo avaliar a

personalidade dos cônjuges, os itens do FLOREAL que tratam dos traços de personalidade dos respondentes não serão analisados nessa pesquisa. Desse modo, serão aqui abordadas exclusivamente as dimensões do *relacionamento conjugal*, *fontes de conflito entre o casal* e *conflitos na presença da criança*.

O FLOREAL foi elaborado por Bigras (2010) especificamente para o projeto maior (TIV), tendo sido utilizado por Bolze (2011) em um estudo de caracterização da relação entre engajamento paterno e táticas de resolução de conflito conjugal em pais de crianças com idade entre quatro e seis anos. Pretende-se validar o instrumento com base nos resultados obtidos junto às amostras brasileira e canadense do TIV.

A estrutura do FLOREAL foi inspirada em questionários validados no Canadá. No que se refere à relação conjugal, o FLOREAL avalia cinco dimensões, quais sejam: *harmonia conjugal*, *reciprocidade negativa*, *evitação*, *reciprocidade* e *ciúme*. As dimensões *harmonia conjugal* (oito itens), *reciprocidade negativa* (nove itens) e *evitação* (oito itens) são consideradas através de uma escala de seis pontos, que vai de 1 (*discordo totalmente*) a 6 (*concordo totalmente*). A dimensão *reciprocidade* é avaliada por intermédio de duas questões de múltipla escolha, ao passo que a dimensão *ciúme* caracteriza-se por cinco questões de múltipla escolha e escalas. As definições de cada uma das dimensões sobre o relacionamento conjugal investigadas pelo instrumento são contempladas a seguir:

- *Harmonia*: trata de interações positivas entre os cônjuges como a exposição verbal de sentimentos, a realização de concessões com o objetivo de resolver conflitos, a tendência a admitir erros e a percepção de felicidade e satisfação na relação;
- *Reciprocidade negativa*: refere-se à ocorrência de discussões, acusações, brigas e agressões. Envolve também sentimentos de injustiça e desigualdade na relação de casal;
- *Evitação*: diz respeito a um comportamento de retração com o objetivo de evitar desavenças e conversas que exijam a exposição de sentimentos e fraquezas pessoais. Os problemas conjugais são deixados de lado e se resolvem com o passar do tempo;

- *Reciprocidade*: trata da percepção de equidade ou iniquidade dos membros do casal sobre a relação conjugal com o objetivo de avaliar se essa é considerada justa, favorável ou desfavorável para cada um dos cônjuges. Investiga também a perspectiva futura do relacionamento;
- *Ciúme*: refere-se à inquirição sobre o grau de ciúme de cada cônjuge em relação ao outro e a investigação se esse é mais alto quando é de cunho emocional ou sexual.

Para investigar *fontes de conflito entre o casal e conflito na presença da criança*, o instrumento aborda 45 itens através de uma escala *likert* que vai de 1 (*nunca*) a 5 ( *muito*). Os itens investigam desentendimentos, discussões ou brigas relacionados a questões familiares, religiosas, financeiras e também referentes à educação dos filhos, hábitos pessoais, sexuais, agressões físicas e verbais, entre outras.

Da mesma forma que o QRC, considerando que o FLOREAL ainda não foi validado, optou-se por calcular os *alphas* de Cronbach das dimensões do instrumento. Os seguintes valores foram obtidos: 0.73 para *harmonia conjugal*; 0.81 para *reciprocidade negativa*; 0.66 para *evitação*; 0.87 para *fontes de conflito entre o casal*; 0.87 para *conflito na presença da criança*. Ao se considerar que o valor do *alpha* de Cronbach acima de 0.70 é avaliado como um bom coeficiente de confiabilidade entre as repostas de um instrumento (Freitas & Rodrigues, 2005), conclui-se que, das cinco dimensões do FLOREAL cujos *alphas* foram calculados, em quatro delas (*harmonia conjugal*, *reciprocidade negativa*, *fontes de conflito entre o casal e conflito na presença da criança*) o *alpha* foi aceitável, isto é, superior a 0.70. Em apenas uma das dimensões o *alpha* apresentou valor abaixo do esperado, contudo, aproximando-se da aceitabilidade (0.66 na dimensão *evitação*).

d) *Children`s Behavior Questionnaire* (CBQ – Anexo 4):

Trata-se de um questionário que faz parte de um conjunto de instrumentos<sup>21</sup> que tem por objetivo a avaliação do

---

<sup>21</sup> O conjunto completo de instrumentos que compõem o *Mary Rothbart`s Temperament Questionnaires* é constituído por seis questionários: *The Infant Behavior Questionnaire* (IBQ) (3 – 12 meses de idade); *The Early Childhood*

temperamento. O CBQ foi desenvolvido especificamente para ser respondido por cuidadores de crianças com idade entre três e sete anos. Os pais são convidados a responder questões referentes a reações de seu filho em diferentes situações. A escala com as respostas varia de 1 (*totalmente falsa para a criança*) a 7 (*totalmente verdadeira para a criança*), além do item “*não se aplica*” (NA), a ser selecionado quando a criança focal não é observada na situação descrita.

O instrumento fundamenta-se na concepção do temperamento como diferenças individuais com base constitucional na reatividade e autorregulação, observadas nos domínios de emocionalidade, atividade motora e atenção, sendo influenciadas ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência (Putnam & Rothbart, 2006). Estão disponíveis, atualmente, três versões do CBQ: modelo *standard*, que consiste em 195 itens referentes a 15 sub-escalas<sup>22</sup>; *short* CBQ, constituído por 94 itens e 15 sub-escalas; e *very short* CBQ, composto por 36 itens divididos em três sub-escalas.

Optou-se por utilizar o *very short* CBQ no projeto ora proposto, em face ao tempo consumido para a aplicação desse instrumento em conjunto com os demais, visando a não tornar o processo de coleta de dados desgastante para os participantes. Essa opção foi respaldada pelos apontamentos de Putnam e Rothbart (2006), no artigo que aborda o processo de desenvolvimento da *very short form* do CBQ, referentes ao fato de tal versão do instrumento ser apropriada para casos de pesquisas com recursos restritos, uma vez que permite a mensuração eficiente dos três principais fatores derivados empiricamente e teoricamente do temperamento. Esses fatores se referem às três sub-escalas que compõem a *very short* CBQ, a saber:

---

*Behavior Questionnaire* (ECBQ) (18 – 36 meses de idade); *The Children's Behavior Questionnaire* (CBQ) (3 – 7 anos de idade); *The Temperament in Middle Children Questionnaire* (TMCQ) (7 – 10 anos de idade); *The Early Adolescent Temperament Questionnaire-Revised* (EATQ-R) (9 – 15 anos de idade); *The Adult Temperament Questionnaire* (ATQ) (adultos).

<sup>22</sup> O processo de tradução para o português (Brasil) da versão *standard* do CBQ é descrito por Klein, Putnam e Linhares (2009).

- *Extroversão* (12 itens): constituída pelas dimensões nível de atividade, prazer de alta intensidade, impulsividade e timidez;
- *Afeto Negativo* (12 itens): composta pelas dimensões raiva, desconforto, tristeza, medo e capacidade de se acalmar;
- *Controle com Esforço* (12 itens): referente às dimensões focalização da atenção, controle inibitório, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual.

Essas dimensões componentes dos três principais fatores do temperamento já foram previamente definidas na seção de *Revisão da Literatura* do presente estudo, às folhas 46 deste documento.

O *very short* CBQ não está validado nacionalmente, contudo, apresenta a versão em português (Brasil) adaptada por Klein e Linhares (2005). Ademais, é adotado em estudos internacionais, possuindo versões também nas línguas francesa, alemã, grega, holandesa, espanhola, norueguesa e hebraica<sup>23</sup>. Além disso, Putnam e Rothbart (2006) relataram uma consistência interna aceitável para o *very short* CBQ, com *alphas* de 0.75 para *extroversão*, 0.72 para *afeto negativo* e 0.74 para *controle com esforço*.

Para maiores informações sobre o procedimento de pontuação do CBQ, incluindo os itens que devem ser invertidos e a forma de pontuá-los no processo de análise de dados, é necessário o preenchimento de um formulário de requerimento no site *Mary Rothbart's Temperament Questionnaires*<sup>24</sup>.

#### ***4.5 Procedimentos para coleta de dados***

Previamente à coleta de dados propriamente dita, alguns procedimentos foram realizados para preparar e organizar a operacionalização da pesquisa. Como parte do projeto maior (TIV), no qual se insere essa dissertação, pais e mães<sup>25</sup> responderam a um

---

<sup>23</sup> Levantamento realizado no site *Mary Rothbart's Temperament Questionnaires* em dezembro de 2011.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.bowdoin.edu/~sputnam/rothbart-temperament-questionnaires/request-forms/>

<sup>25</sup> No TIV, o pai respondeu aos seguintes questionários: *Questionnaire d'Engagement Paternel* (QEP); *Children's Behavior Questionnaire* (CBQ);

conjunto de instrumentos. Realizou-se, após cada visita ao domicílio familiar para a coleta de dados, o registro cursivo em Diário de Campo. Os professores<sup>26</sup> da criança focal também participaram da pesquisa. Contudo, as especificidades referentes à coleta de dados junto aos professores não serão contempladas nesse documento; proceder-se-á, na seqüência, unicamente à descrição das etapas realizadas para a pesquisa em questão.

A coleta de dados foi organizada de acordo com as etapas demonstradas no Quadro 2. Essas etapas serão melhores especificadas nas seções subsequentes.

ETAPA	PROCEDIMENTO
1	Preparação dos instrumentos e treinamento para a aplicação dos mesmos.
2	Contato com IELs para apresentação do projeto e estabelecimento de parceria para a realização da pesquisa (Autorização Institucional – Apêndice 1).
3	Envio das cartas-convite às famílias das crianças com idade entre quatro e seis anos (Apêndice 2).
4	Recolhimento das cartas-convites e contato telefônico com os pais para verificar se esses se enquadravam nos critérios da pesquisa, visando ao agendamento de visita domiciliar.
5	Visita domiciliar: conversa inicial para fornecer esclarecimentos sobre a pesquisa; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice 3); aplicação dos instrumentos – a mãe respondeu ao Questionário Sociodemográfico, enquanto os demais instrumentos (QRC, FLOREAL e CBQ) foram respondidos tanto pela mãe, quanto pelo pai.
6	Despedida da família e realização do relato de experiência em Diário de Campo com as observações sobre a configuração familiar, organização doméstica, postura dos pais ao responderem aos instrumentos, sentimentos e impressões do pesquisador.

**Quadro 2** - Etapas do procedimento de coleta de dados

---

*Parent-Child Conflict Tactics Scales* (CTSPC); Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC); *Revised Conflict Tactics Scales* (CTS2); FLOREAL. A mãe respondeu, além de todos esses questionários, ao Questionário Sociodemográfico.

<sup>26</sup> Os professores responderam aos seguintes questionários: *Preschool Social Behavior Scale - Teacher Form* (PSBS-T); *Caregiver-Teacher Report Form for Ages 1½-5* (C-TRF); Questionário de Competição nas Crianças (QCPS) e Perfil Sócio-Afetivo (PSA).

#### 4.5.1 Procedimentos de preparação para a coleta de dados

Em um primeiro momento foi realizado o procedimento de tradução e retradução (*backtranslation*) do instrumento FLOREAL para a realização da pesquisa no Brasil e para que esse permanecesse similar ao original, visando a futuras comparações dos resultados. O FLOREAL, instrumento elaborado em língua francesa especialmente para o TIV, foi traduzido e adaptado para o português pelo grupo de pesquisa brasileiro<sup>27</sup>. Essa tradução foi enviada ao grupo canadense e avaliada por seus especialistas que falam ambos os idiomas.

Com relação ao CBQ, inicialmente realizou-se o preenchimento do formulário de solicitação para utilização do instrumento através do site *Mary Rothbart's Temperament Questionnaires*. Após o retorno, realizado pelo Dr. Samuel Putnam (Bowdoin College – EUA), obteve-se um nome de usuário e uma senha que deu acesso à página na qual foi possível fazer o *download* do instrumento (traduzido e adaptado para o português por Klein & Linhares, 2005) e do procedimento de pontuação do mesmo (traduzido e adaptado para o português por Klein & Linhares, 2006). Pôde-se ter acesso, ainda, ao instrumento e ao procedimento de pontuação do CBQ em sua versão original (inglês) e em versões traduzidas e adaptadas para outras línguas, indicadas anteriormente.

Para a padronização da coleta de dados, os pesquisadores elaboraram um *Manual de Procedimentos* que incluía explicações sobre como realizar a captação dos participantes (contato com as IEIs, telefonema para contato inicial, agendamento de visita domiciliar), bem como um roteiro de aplicação dos instrumentos (preparação dos materiais para a visita, explicações sobre a pesquisa, assinatura do TCLE (Apêndice 3), ordem de aplicação das escalas e questionários, agradecimentos e despedida). Para tanto, os pesquisadores treinaram a aplicação dos instrumentos em sala de espelho. Após esse treinamento, percebeu-se a necessidade de fazer correções aos instrumentos como, por exemplo, acrescentar um cabeçalho padronizado a todos eles e uma grade de respostas em todas as folhas, a fim de agilizar a marcação das respostas dos participantes. Ainda no momento do treinamento foi observada a necessidade de oferecer um caderno para acompanhamento do participante, idêntico ao do aplicador, visando a facilitar a

---

<sup>27</sup> No Brasil, o grupo de pesquisadores foi constituído por três mestrandas, duas doutorandas e dois professores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, além de três bolsistas de iniciação científica do curso de graduação em Psicologia da UFSC.

compreensão das assertivas/perguntas e das possibilidades de resposta, bem como otimizar o tempo da entrevista.

Após o treinamento, decidiu-se realizar um estudo piloto, com o objetivo de avaliar a adequação dos instrumentos à realidade do campo de pesquisa, além de servir como treinamento aos entrevistadores, no sentido de padronizar o processo de entrevista e de aplicação dos instrumentos. Participaram três famílias (três pais e três mães) e mais duas mães de crianças com a idade pretendida para o estudo, totalizando oito participantes do procedimento. A compreensão dos pais e das mães quanto às questões e o tempo que cada participante levou para responder a pesquisa puderam ser verificados através desse estudo piloto, uma vez que o procedimento seguiu todos os passos da coleta de dados propriamente dita, com leitura e assinatura TCLE e acompanhamento do caderno de questões que era entregue no momento da entrevista.

A partir do piloto foram identificados nos instrumentos erros de ortografia e de gramática que puderem ser corrigidos. Além disso, notou-se também que algumas questões precisavam ser modificadas pela dificuldade de compreensão por parte dos entrevistados e observou-se a necessidade do acréscimo de palavras no masculino e no feminino (por exemplo, filho/filha; seu/sua; ele/ela; pai/mãe). Com base no tempo médio de aplicação das escalas e dos questionários obtido no piloto (em torno de 75 minutos), foi possível a organização dos agendamentos das visitas às famílias. Nessa etapa foi verificada ainda a necessidade de referir repetidas vezes o nome da criança focal, para evitar confusões dos pais com os outros filhos no momento de responder aos questionários. Além disso, por intermédio do piloto previram-se também as interferências que poderiam por ventura acontecer no campo de pesquisa, como, por exemplo, a presença da criança ou de outros familiares na ocasião da aplicação dos instrumentos. Percebeu-se ainda a necessidade de clarificação, no momento do agendamento, do tempo médio de duração da entrevista para evitar que o período disponibilizado pelas famílias fosse curto, o que acarretaria na interrupção da entrevista e na necessidade de uma nova visita para a finalização da coleta.

#### **4.5.2 Procedimentos para recrutamento e de seleção da amostra**

Com intuito de obter os participantes, foram contatadas 23 IEI de Santa Catarina, sendo 17 situadas na região da Grande Florianópolis e oito no Vale do Itajaí. O acesso às escolas da rede pública de ensino ocorreu por intermédio das Secretarias Municipais de Educação (SME). Inicialmente, realizava-se contato com o gestor

responsável pela educação infantil nas SME, ou com o próprio secretário de educação, sempre que possível. Com o consentimento da SME, os pesquisadores eram encaminhados às IEI, nas quais contatavam os diretores com o objetivo de apresentar novamente o projeto (TIV) e explicar os procedimentos de execução do mesmo. Nas instituições privadas o projeto era apresentado aos diretores e aos coordenadores pedagógicos.

Após o aceite pelos responsáveis das IEI, procedia-se a assinatura da *Autorização Institucional* (Apêndice 1) e a entrega das *Cartas-convite* (Apêndice 2) a serem enviadas às famílias das crianças na faixa etária de interesse para a pesquisa, convidando-as a participar da mesma. A carta-convite fornecia esclarecimentos acerca do estudo e solicitava a participação voluntária. Constituíam-se por um curto questionário que deveria ser preenchido pelas mães e pelos pais com dados gerais da família (nome de ambos os pais, nome e idade dos filhos, telefone para contato, endereço residencial, e-mail). Os pais que aceitassem participar deveriam informar seu interesse ao retornar a carta-convite preenchida à Instituição. Na maior parte das IEI a carta-convite era enviada à família dentro da agenda ou do caderno das crianças. Em algumas instituições ela foi entregue pelos professores diretamente aos pais, no momento em que iam levar ou buscar seu filho.

Das 23 escolas contatadas, 21 disponibilizaram-se a participar da pesquisa. Das 1445 cartas-convite enviadas por essas instituições às famílias, 198 retornaram preenchidas, perfazendo um total de 13,7% do remetido. Foram entrevistadas 50,5% das famílias que retornaram às cartas-convite (100 pais e 100 mães). Nos demais casos (49,5% do que retornou, ou seja, 98 cartas), as entrevistas não foram realizadas por diferentes motivos. Destacam-se, dentre eles, as famílias que não cumpriam os critérios de participação no estudo (por exemplo, famílias monoparentais, casais que foram pais antes dos 18 anos de idade e crianças que moravam com os avós) ou aquelas que desistiam da participação no momento do contato telefônico por parte dos pesquisadores. Ocorreram, também, alguns casos em que a mãe preencheu a carta sem ter comunicado previamente ao pai e, na ocasião do agendamento da visita domiciliar, ele declinou da participação no estudo. Além disso, em algumas famílias o contato com os pais não foi realizado por inacessibilidade via telefone (mudança no número do telefone celular disponibilizado na carta, por exemplo). Foram entrevistadas, ainda, outras quatro famílias (perfazendo um total de 104 pais e 104 mães entrevistados), cujo acesso ocorreu por intermédio da

indicação dos pais que haviam participado da pesquisa. Essas quatro famílias, portanto, não foram convidadas via IEI.

O contato inicial com os possíveis participantes foi realizado da seguinte forma: de posse das informações para contato (nome dos pais, nome e idade da criança focal, número de telefone ou endereço de e-mail – ou seja, as informações contidas na carta-convite), os pesquisadores telefonavam para as famílias, identificavam-se e lembravam-nas de terem preenchido a carta. O interesse em participar era confirmado, deixando as famílias cientes de que a participação era voluntária e que a recusa não lhes acarretaria quaisquer tipos de prejuízo. Nessa ocasião também eram prestados maiores esclarecimentos referentes ao estudo, como seu objetivo, IEI participantes, local e tempo de duração das entrevistas. Além disso, uma espécie de triagem era realizada com o intuito de verificar se aquelas famílias que haviam se prontificado a participar enquadravam-se nos critérios da pesquisa. Agendava-se, por fim, a data e o horário da visita familiar, ressaltando a importância de pai e de mãe estarem no domicílio no dia combinado. Os pesquisadores deixavam para as famílias os seus contatos (telefones e e-mail), solicitando que fossem avisados caso a família precisasse cancelar o encontro ou esclarecer qualquer outra dúvida. Quando algum dos critérios não era preenchido pela família, explicava-se o motivo da impossibilidade de inclusão da mesma na amostra e realizava-se um agradecimento em nome do grupo de pesquisa.

#### **4.5.3 Procedimentos para a coleta de dados propriamente dita**

A coleta ocorreu preferencialmente nas residências das famílias em dia e horário previamente combinado via contato telefônico realizado por um dos pesquisadores. Quando a família julgava haver algum impeditivo para que a visita ocorresse em seu domicílio, agendava-se outro local indicado pela mesma (trabalho dos pais, casa dos avós da criança focal, escola). Os pesquisadores também tomaram cuidado para que a disponibilidade de tempo dos pais no dia da coleta fosse garantida, sendo que a entrevista tinha duração aproximada de 60 minutos com cada um dos integrantes do casal, variando para mais ou para menos tempo em função de interrupções e de características individuais. Além das entrevistas, foram contabilizados 15 minutos, em média, para a ambientação inicial e para as despedidas, ao final, perfazendo um tempo médio de 75 minutos em cada visita domiciliar para fins de coleta de dados.

Os pesquisadores, na maioria dos casos, realizaram a visita em duplas, de modo que fosse possível entrevistar o pai e a mãe ao mesmo tempo. Dessa forma, ao chegar aos domicílios das famílias, os pesquisadores se apresentavam e realizavam uma conversa para ambientação, explicando o objetivo do projeto maior e esclarecendo dúvidas. Em seguida, um dos pesquisadores entregava uma cópia do TCLE para cada um dos pais e o lia em voz alta, frisando que a participação era voluntária e informando-os ainda sobre procedimentos pertinentes em caso de desistência. Após a leitura desse termo, os pesquisadores confirmavam o interesse da família em participar do estudo e solicitavam que cada um dos pais o assinasse, indicando a data. Em seguida, o TCLE era colocado dentro de um envelope de papel pardo juntamente com a carta-convite e lacrado na frente da família, sendo que outra via desse documento era deixada para os pais. Nesse momento, os pesquisadores explicavam que os seus telefones e e-mails estavam marcados na via do TCLE que ficaria com a família. Sendo assim, os participantes poderiam entrar em contato em caso de dúvidas. Ato contínuo, o envelope recebia uma etiqueta com um número referente ao código de identificação da família.

A partir disso, os pesquisadores tiravam de dentro de um segundo envelope o caderno que continha todos os instrumentos que deveriam ser respondidos por cada um dos pais. Ressaltava-se que nesse caderno não seria colocado o nome dos participantes, mas apenas o código de identificação da família, para que a identidade dos participantes fosse resguardada no momento da digitação dos dados. Na sequência, os pesquisadores solicitavam que cada um dos pais fosse entrevistado em cômodos separados, visando a não ocorrência de interrupções ou interferências nas respostas um do outro. Quando essa condição não era possível pelo fato de a residência da família ter apenas um cômodo disponível, um dos pesquisadores realizava a aplicação dos instrumentos na rua, isto é, no pátio da moradia.

Para a aplicação dos instrumentos, os pesquisadores entregavam a cada um dos respondentes um caderno de acompanhamento que continha todos os questionários de modo a facilitar a compreensão dos pais à medida que o pesquisador fosse realizando as perguntas. O pesquisador lia integralmente cada uma das perguntas ou das assertivas em voz alta e marcava a resposta do participante. Lembrando que, para o presente estudo, o pai foi convidado a responder ao QRC, ao FLOREAL e ao CBQ, sendo que a mãe, além desses três instrumentos, respondeu ainda ao Questionário Sociodemográfico. Sempre que

oportuno, o pesquisador repetia o nome da criança focal como forma de evitar que o participante respondesse pensando em outro(s) filho(s).

Apesar de os pesquisadores terem previsto no estudo piloto que o tempo de aplicação dos instrumentos seria em torno de 75 minutos, esse variou expressivamente em virtude de características peculiares de cada participante. Houve famílias em que o tempo de reposta aos instrumentos, tanto pelo pai quanto pela mãe, não ultrapassou 45 minutos. Por outro lado, em algumas situações a visita durou mais de três horas. Isso aconteceu, principalmente, pela dificuldade de alguns pais e mães para compreender as questões, pelo fato de eles fornecerem muitas explicações a respeito de cada pergunta realizada ou por interrupções que eventualmente ocorriam (telefone tocar, chegada de uma visita, solicitações por parte dos filhos, etc.). A criança focal, em alguns casos, ficou junto do pai ou da mãe, durante todo o tempo de entrevista. Essa situação obrigou os pesquisadores a solicitar que os pais lessem em silêncio e dessem a resposta de questões que buscassem informações sobre práticas sexuais ou de violência, por exemplo, componentes do FLOREAL.

Após o término da aplicação dos questionários, os pesquisadores se despediam, colocando-se à disposição para prestar informações sobre a pesquisa. Ao terminar a coleta de dados, o Diário de Campo era também preenchido, contendo informações julgadas como relevantes, tais quais as impressões sobre o ambiente doméstico, o relacionamento familiar, a postura dos pais, além de sentimentos e de impressões do pesquisador. Para evitar erros no registro das informações, uma planilha eletrônica (*Excel*) para a organização dos dados da coleta foi construída. Tal planilha era continuamente atualizada pelo grupo de pesquisa, possibilitando a seus integrantes o acompanhamento das atividades realizadas.

#### **4.6 Tratamento e análise de dados**

Os dados obtidos na pesquisa foram compilados e tabulados em uma planilha do programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) - versão 18.0<sup>28</sup>. O CBQ foi analisado considerando-se as indicações contidas no procedimento de pontuação, traduzido e adaptado por Klein e Linhares (2006) e disponibilizado mediante ao preenchimento do formulário de solicitação para utilização do instrumento através do site *Mary Rothbart's Temperament*

---

<sup>28</sup> Número da licença para utilização do *software* SPSS 18.0: 10138782.

*Questionnaires.* Seguindo as indicações de análise do CBQ, foram invertidos, ou seja, recodificados, oito itens componentes do questionário. Com relação ao QRC, pelo fato de o instrumento ser composto por um item invertido concernente à variável *conflito conjugal*, este também foi recodificado para a análise. Tais recodificações no CBQ e no QRC se fizeram necessárias, com o intuito de padronizar a intensidade das médias.

Realizou-se inicialmente a análise quantitativa dos dados com base na *estatística descritiva*, que visou a descrever os valores para cada variável com a exposição, por exemplo, da distribuição de frequências e de porcentagens para as variáveis categóricas, bem como média e desvio-padrão para as variáveis contínuas. Assim, foram caracterizadas descritivamente as variáveis concernentes ao relacionamento conjugal dos respondentes, ao temperamento das crianças focais e às características sociodemográficas das famílias.

Na sequência, aplicou-se o teste estatístico de Kolmogorov-Smirnov, que objetiva verificar se uma variável segue determinada distribuição (Mundstock, Fachel, Camey & Agranonik, 2006). A partir desse momento, os dados receberam tratamento estatístico não-paramétrico, uma vez que nem todas as variáveis obedeceram à distribuição normal, o que foi identificado pelos resultados do Kolmogorov-Smirnov.

Os dados referentes ao pai e à mãe foram analisados separadamente, com o intuito de identificar semelhanças e diferenças entre eles no que diz respeito a variáveis sociodemográficas, concepções sobre o relacionamento conjugal e sobre o temperamento infantil. Para tanto, aplicou-se o teste estatístico Mann-Whitney, que objetiva verificar a existência de diferença estatisticamente significativa entre médias de duas condições, sendo adotado quando há participantes diferentes em cada condição – duas amostras independentes (Dancey & Reidy, 2006). Esse teste foi aplicado às médias obtidas com base nas respostas ao Questionário Sociodemográfico, ao QRC, ao FLOREAL e ao CBQ. O Quadro 3 detalha as variáveis comparadas por intermédio da aplicação do teste Mann-Whitney.

Com o objetivo de examinar se existia relação significativa entre as variáveis envolvidas no estudo, foram realizadas análises de correlação, referentes à *estatística inferencial* (Dancey & Reidy, 2006; Fleith & Costa Junior, 2005). Considerando-se a necessidade de tratamento estatístico não-paramétrico, realizou-se o teste de correlação de Spearman, a fim de identificar se existe relacionamento entre duas variáveis, isto é, se uma variável modifica a outra de forma dependente.

O coeficiente de correlação de Spearman varia entre -1 e 1: quanto mais próximo de  $\pm 1$ , mais forte será o relacionamento; quanto mais próximo ao zero, mais fraca será a correlação. A intensidade dos coeficientes de correlação pode ser dividida em cinco categorias: (a) *zero*: ausência de relacionamento; (b) *fraco*:  $\pm 0,1$  a  $\pm 0,3$ ; (c) *moderado*:  $\pm 0,4$  a  $\pm 0,6$ ; (d) *forte*:  $\pm 0,7$  a  $\pm 0,9$ ; e (e) *perfeito*:  $\pm 1$  (Dancey & Reidy, 2006).

No tocante ao nível de significância estatístico ( $p$ ), isto é, a confiança ou o valor de certeza que existe com relação a não errar a generalização dos resultados obtidos nas famílias participantes para o valor real da população, adotou-se no presente trabalho o nível de significância de 0,05, que implica 95% de segurança para generalizar sem errar e somente 5% contra a generalização (Sampieri & cols., 2006).

O teste qui-quadrado ( $\chi^2$ ) foi utilizado com o objetivo de verificar relacionamento ou associação entre duas ou mais variáveis categóricas, isto é, variáveis nas quais os valores assumidos se referem a categorias (Dancey & Reidy, 2006). Esse teste conta também com a indicação do tamanho do efeito e da força, interpretada de forma análoga às correlações (Vieira, 2012).

Adotou-se ainda no processo de análise dos dados o teste Kruskal-Wallis, um equivalente não-paramétrico da ANOVA que busca identificar diferença significativa entre médias de algumas condições, sendo adotado quando há mais de dois grupos para a comparação de médias (Dancey & Reidy, 2006).

No Quadro 3 estão listados os objetivos específicos da pesquisa e as respectivas análises realizadas para atendê-los:

Objetivos	Análise realizada para atender aos objetivos
<p>Caracterizar as famílias participantes no que se refere às variáveis sociodemográficas</p>	<p>a) Análise descritiva das características sociodemográficas das famílias participantes (frequências, médias e desvios-padrão);</p> <p>b) Teste Mann-Whitney para avaliar a existência de diferença estatisticamente significativa entre médias de duas condições. Esse teste foi aplicado às idades, escolaridade em termos de anos concluídos e renda mensal de pai e de mãe;</p> <p>c) Teste qui-quadrado para verificar a associação entre categorias. Tal teste foi utilizado para as seguintes variáveis</p>

	<p>categorías: escolaridade em níveis e jornada de trabalho de pai e de mãe;</p> <p>d) Correlação de Spearman para avaliar relações significativas entre as variáveis sociodemográficas das famílias participantes, no que se refere à idade, escolaridade (em termos de anos concluídos) e rendimento de pai e de mãe, bem como renda familiar total e número de pessoas residentes no domicílio.</p>
<p>Descrever o relacionamento conjugal dos casais de pais das crianças focais</p>	<p>a) Análise descritiva (médias e desvios-padrão) do escore geral e dos itens do QRC dos homens e das mulheres participantes;</p> <p>b) Análise descritiva (frequências) das respostas obtidas nos itens do QRC;</p> <p>c) Análise descritiva das dimensões do FLOREAL dos pais e das mães participantes (frequências, médias e desvios-padrão),</p>
<p>Comparar respostas de pai e de mãe às variáveis do relacionamento conjugal</p>	<p>a) Teste Mann-Whitney para comparar as médias obtidas no escore geral e nos itens do QRC respondido pelos pais e pelas mães;</p> <p>b) Teste Mann-Whitney para comparar as médias obtidas nas dimensões do FLOREAL paterno e materno.</p>
<p>Relacionar as variáveis do relacionamento conjugal dos participantes</p>	<p>a) Correlação de Spearman para verificar a relação entre as dimensões do FLOREAL paterno e materno;</p> <p>b) Correlação de Spearman para verificar a relação entre o escore geral do QRC de pai e de mãe e as dimensões do FLOREAL de pai e de mãe.</p>
<p>Comparar as variáveis do relacionamento conjugal em função das características sociodemográficas</p>	<p>a) Teste Mann-Whitney para comparar o escore geral do QRC de homens e de mulheres que têm apenas um filho com o escore geral do QRC de homens e de mulheres que têm dois ou mais filhos. Isto é, condição A: um filho; condição B: dois ou mais filhos;</p> <p>b) Teste Mann-Whitney para comparar o escore geral do QRC de homens e de mulheres que cuja criança focal é do sexo</p>

	masculino com o escore geral do QRC de homens e de mulheres cuja criança focal é do sexo feminino. Ou seja, condição A: criança focal do sexo masculino; condição B: criança focal do sexo feminino.
Relacionar as variáveis do relacionamento conjugal às variáveis sociodemográficas	a) Correlação de Spearman para avaliar o grau de relação entre o escore geral do QRC, as dimensões do FLOREAL dos cônjuges e as variáveis sociodemográficas dos participantes da pesquisa.
Descrever o temperamento das crianças focais	a) Análise descritiva (médias e desvios-padrão) dos fatores do temperamento do grupo de crianças.
Comparar respostas de pai e de mãe às variáveis do temperamento das crianças focais	a) Teste Mann-Whitney para comparar as médias obtidas com base nas respostas de pai e de mãe aos três fatores do CBQ.
Comparar as variáveis do temperamento das crianças focais em função das características sociodemográficas	<p>a) Teste Mann-Whitney para comparar as médias obtidas no CBQ de homens e de mulheres que têm apenas um filho com as médias obtidas no CBQ de homens e de mulheres que têm dois ou mais filhos. Sendo assim, condição A: um filho; condição B: dois ou mais filhos;</p> <p>b) Teste Kruskal-Wallis com o objetivo de investigar diferenças nos fatores do temperamento em virtude das diferentes idades das crianças. Desse modo, as crianças foram divididas em três grupos de análise por faixa etária (quatro, cinco e seis anos de idade);</p> <p>c) Teste Mann-Whitney para comparar as médias de controle com esforço, buscando identificar diferenças significativas entre dois grupos de crianças com idades distintas. Para tanto, foram comparadas crianças com as seguintes idades: (a) quatro anos e cinco anos; (b) quatro anos e seis anos; (c) cinco anos e seis anos.</p>
Relacionar o temperamento das crianças focais às variáveis sociodemográficas	a) Correlação de Spearman para avaliar o grau de relação entre os fatores do CBQ respondidos pelos casais de pais

	participantes e as características sociodemográficas das famílias.
Relacionar as características do temperamento das crianças focais ao relacionamento conjugal dos pais	a) Correlação de Spearman entre o escore geral e os itens do QRC paterno e materno, as dimensões do FLOREAL respondido pelos homens e pelas mulheres e os fatores do temperamento do grupo de crianças com base no qual o CBQ foi respondido.

**Quadro 3** - Descrição do tipo de análise realizada para responder aos objetivos da pesquisa

#### ***4.7 Aspectos éticos da pesquisa***

O projeto mais amplo (TIV), no qual essa dissertação se insere, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) e aprovado em 30 de novembro de 2009, sob o Certificado nº 520 (Anexo 5). A presente pesquisa foi desenvolvida com base em parâmetros éticos, atendendo às resoluções nº 196, de 10 de outubro de 1996, e nº 251, de 05 de agosto de 1997, ambas do Ministério da Saúde. Foram tomados todos os cuidados necessários e exigidos para uma pesquisa com seres humanos, concernentes à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes. O Código de Ética do Conselho Federal de Psicologia, de agosto de 2005, dispõe sobre a realização de pesquisas com seres humanos, destacando a importância da observação desses mesmos aspectos.

Sendo assim, a coleta de dados aconteceu mediante participação voluntária, com leitura e assinatura do TCLE (Apêndice 3), garantindo informações sobre os objetivos da pesquisa, o anonimato dos participantes e a possibilidade de optar pela desistência, em qualquer fase da pesquisa. Foram assinadas duas vias do TCLE, sendo que uma delas, contendo estas informações e os dados para contato com os pesquisadores (como e-mail e telefones), ficou de posse do participante para garantir a liberdade de participação. O mesmo processo ocorreu com as IEI participantes.

Todos os TCLE assinados pelos participantes foram lacrados em envelopes, o que ocorreu na presença dos respondentes, e arquivados em uma caixa. Os instrumentos respondidos pelos pais e pelas mães foram armazenados em envelopes numerados com código de cada família, digitados e guardados em uma segunda caixa. Todos os documentos derivados da coleta foram arquivados no LABSFAC, no

Departamento de Psicologia da UFSC. A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi, coordenadora do projeto TIV no Brasil, é a responsável por assegurar a confidencialidade dos dados.

Cabe ressaltar que os pesquisadores passaram por um treinamento com o intuito de serem capacitados a evitar a emergência de riscos ou de desconfortos aos participantes durante a coleta de dados, haja vista a inclusão de instrumentos que abordavam conflitos entre o casal, bem como violência conjugal e parental. Além disso, caso fosse identificada a necessidade de acompanhamento psicológico, os participantes seriam encaminhados ao Serviço de Atendimento Psicológico da UFSC (SAPSI), fato que não ocorreu.

Após o término da pesquisa, realizar-se-á um projeto de extensão junto às IEI que concordaram em participar do TIV, o qual será organizado em forma de oficinas. Essas oficinas deverão ser ministradas pelos pesquisadores, com o objetivo de apresentar os resultados obtidos no estudo, além de outras informações sobre as temáticas pesquisadas, de forma a contribuir para a promoção do desenvolvimento infantil saudável e para a formulação de estratégias preventivas no que se refere ao comportamento agressivo em crianças.

A seguir, proceder-se-á na descrição dos resultados.

## 5. RESULTADOS

### 5.1 Caracterização sociodemográfica dos participantes

A Tabela 1 apresenta as principais características sociodemográficas das famílias participantes.

**Tabela 1** - Resumo das principais características sociodemográficas das famílias participantes

Variáveis	Média (desvio-padrão) ou porcentagem (%)
<b>Idade da Mãe</b>	33,27 (DP= ±6,28)
<b>Idade do Pai</b>	36,45 (DP= ±7,83)
<b>Escolaridade materna em anos concluídos</b>	12,34 (DP= ±3,97)
<b>Escolaridade paterna em anos concluídos</b>	11,40 (DP= ±4,01)
<b>Renda da mãe</b>	R\$ 1.341,49 (DP= ±1.276,70)
<b>Renda do pai</b>	R\$ 2.112,45 (DP= ±1.543,89)
<b>Renda da família em faixas<sup>29</sup>:</b>	
R\$ 601,00 a 1000,00	2,9%
R\$ 1001,00 a 1600,00	13,5%
R\$ 1601,00 a 2000,00	16,3%
R\$ 2001,00 a 3000,00	21,2%
R\$ 3001,00 a 4000,00	16,3%
Acima de R\$ 4000,00	26,9%
<b>Composição familiar</b>	
Família nuclear com pai e mãe biológicos de todos os filhos	85,6%
Famílias recasadas com pai e mãe biológicos da criança focal	6,7%
Famílias recasadas com mãe biológica da criança focal	3,8%
Famílias nucleares com pais adotivos da criança focal	1,9%
Família recasada com pai biológico da criança focal	1%
Família recasada com mãe adotiva da criança focal e padrasto	1%
<b>Número de filhos</b>	
Famílias com 1 filho	38,5%

<sup>29</sup> Das famílias participantes, em 2,9% dos casos a respondente (mãe) não soube precisar a renda familiar mensal. Essas situações foram computadas no SPSS como *missing values*, devido ao fato de não ter sido oferecida uma resposta ao item (Mundstock & cols., 2006).

Famílias com 2 filhos	42,3%
Famílias com 3 filhos	13,4%
Famílias com 4 filhos	4,8%
Famílias com 5 filhos	1%
<b>Sexo da criança focal</b>	
Masculino	54,8%
Feminino	45,2%
<b>Faixa de idade das crianças</b>	
4 anos	42,3%
5 anos	47,1%
6 anos	10,6%

---

Participaram da pesquisa 104 famílias biparentais residentes em quatro municípios do estado de Santa Catarina. Dentre essas famílias, 59,6% moravam na cidade de São José, 19,2% em Florianópolis, 17,3% em Itajaí e 3,9% em Balneário Camboriú. Foram entrevistadas 208 pessoas. Das mulheres participantes, 103 eram mães da criança focal e uma era madrasta; dos homens, 99 eram pais da criança focal e cinco eram padrastos. Com o objetivo de facilitar a apresentação e a discussão dos resultados, serão utilizadas as terminologias “pai” e “mãe” também para designar “padrasto” e “madrasta”.

As mães participantes apresentaram média de idade de 33 anos, variando de 22 a 50 anos, enquanto os pais possuíam média de idade 36 anos, sendo a mínima 24 e a máxima 63 anos. O teste Mann-Whitney, que avalia a existência de diferença estatisticamente significativa entre médias de duas condições (Dancey & Reidy, 2006), foi aplicado às idades de pai e de mãe. Por meio do referido teste, constatou-se que os homens eram significativamente mais velhos do que as mulheres ( $U=4193,50$ ;  $Z=2,80$ ;  $p<0,01$ ).

No tangente aos níveis de escolaridade, o ensino médio foi completado por 32,7% das mães, sendo esse o grau de escolaridade mais prevalente entre as respondentes. O ensino superior foi concluído por 20,2% das mulheres e a pós-graduação por 12,5% delas. Assim como as mães, o grau de escolaridade mais prevalente nos pais participantes também foi o ensino médio completo (27,9%). O ensino superior foi concluído por 15,4% dos homens, ao passo que 7,7% deles possuíam pós-graduação. Considerando que os níveis de escolaridade se referiam a variáveis categóricas, aplicou-se o teste qui-quadrado, com o objetivo de verificar a associação entre as categorias (Dancey & Reidy, 2006). Obteve-se que a escolaridade da mãe é maior do que a escolaridade do pai em níveis ( $\chi^2=154,24$ ;  $p<0,01$ , com força  $C=0,77$ ;  $p<0,01$ ). Outrossim, com base na aplicação do teste Mann-Whitney, foi

identificado que, em termos de anos concluídos, a escolaridade das mulheres também foi significativamente maior do que a escolaridade dos homens ( $U=3990,50$ ;  $Z=2,07$ ;  $p<0,05$ ).

Das mães, 16,7% não possuíam jornada de trabalho fora de casa, sendo classificadas como trabalhadoras do lar ou desempregadas. Dentre as demais, 21,6% possuíam jornada de até 30 horas semanais, 28,4% até 40 horas semanais e 33,3% acima de 40 horas semanais. Dos pais, 5,9% não possuíam jornada de trabalho fora de casa, 3,9% trabalhavam até 30 horas semanais, 50% possuíam jornada de até 40 horas semanais e 38,2% acima de 40 horas semanais. Em dois casos não foi possível precisar a carga horária de trabalho do pai, em virtude das variações semanais. O teste qui-quadrado revelou que o pai possui maior jornada de trabalho fora de casa do que a mãe ( $\chi^2=95,22$ ;  $p<0,01$ , com força  $C=0,70$ ;  $p<0,01$ ).

No que diz respeito à renda familiar total auferida durante um mês, constatou-se que a faixa mais prevalente foi acima de R\$ 4.000,00, como pode ser notado na Tabela 1. Em termos de rendimento dos cônjuges, a remuneração média do pai foi aproximadamente 57% maior do que a remuneração média da mãe, sendo essa diferença estatisticamente significativa, com base no teste Mann-Whitney ( $U=2505,00$ ;  $Z=5,28$ ;  $p<0,01$ ).

Em relação à composição familiar, em mais de 85% dos casos as famílias se caracterizavam como originais ou intactas, isto é, famílias nucleares compostas por pais biológicos de todos os filhos (Wagner & Féres-Carneiro, 2000). O tempo de união do casal variou de um ano a 27 anos, sendo a média 10,74 (DP=5,45). No que diz respeito ao número de filhos, a faixa mais prevalente se referiu às famílias com dois filhos no momento da coleta de dados. No concernente à criança focal, foram entrevistadas 57 famílias de crianças do sexo masculino e 47 famílias de crianças do sexo feminino. A faixa etária mais prevalente dessas crianças foi cinco anos no momento da coleta de dados.

A maior parte das crianças (53,8%) frequentava a escola em período integral. Somente 8,7% das famílias declararam ter babá para cuidar da criança. A responsabilidade pelo cuidado da criança focal, quando ela não está na escola, é exclusivamente atribuída a 23,1% das mães e a 6,7% dos pais. O cuidado conjunto por pai e por mãe é realizado em 14,4% das famílias, por avós em 11,5% e por irmãos mais velhos em 6,7% das famílias.

A seguir, a Tabela 2 apresenta correlações entre as variáveis sociodemográficas das famílias no que se refere à idade, escolaridade

(em termos de anos concluídos) e rendimento de pai e de mãe, bem como renda familiar total e número de pessoas residentes no domicílio.

**Tabela 2** - Correlações de Spearman entre as variáveis sociodemográficas das famílias

	Idade da mãe (1)	Idade do pai (2)	Rendimento da mãe (3)	Rendimento do pai (4)	Renda da família (5)	Escolaridade da mãe (6)	Escolaridade do pai (7)	Nº de pessoas na casa (8)
1	-							
2	0,76**	-						
3	0,32**	0,24*	-					
4	0,22*	0,13	0,31**	-				
5	0,31**	0,22*	0,68**	0,86**	-			
6	0,12	0,04	0,57**	0,50**	0,62**	-		
7	0,03	-0,06	0,25*	0,61**	0,55**	0,72**	-	
8	0,21*	0,24*	-0,13	-0,21*	-0,18	-0,38**	-0,32**	-

\*\*  $p < 0,01$  e \*  $p < 0,05$

1: idade da mãe; 2: idade do pai; 3: rendimento da mãe; 4: rendimento do pai; 5: renda da família; 6: escolaridade da mãe; 7: escolaridade do pai; 8: número de pessoas na casa.

O número de pessoas que reside no domicílio familiar se relacionou positivamente à idade da mãe e à idade do pai. Nesse sentido, identificou-se que quanto maior a idade dos pais, maior também o número de pessoas que mora na casa da família. Além disso, constatou-se que quanto menor a escolaridade do pai, a escolaridade da mãe e a renda auferida pelo pai, maior o número de pessoas residentes no domicílio familiar.

A idade da mãe se relaciona ao total de rendimentos da mãe, ao total de rendimentos do pai e ao total de renda familiar mensal. Desse modo, quanto maior a idade da mãe, maior também o total de rendimentos por ela percebido, o total de rendimentos percebido pelo pai e, ainda, a renda familiar mensal. Já a idade do pai se relaciona ao total de rendimentos auferido pela mãe e ao total de renda familiar mensal. Sendo assim, quanto maior a idade do pai, maior a renda da mãe e a renda familiar total.

No que se refere ao grau de instrução formal, quanto maior a escolaridade da mãe, maior também a escolaridade do pai, bem como os rendimentos de pai e de mãe, culminando em uma maior renda familiar mensal. Ademais, quanto maior a escolaridade do pai, maior a renda do

pai, da mãe e a renda familiar mensal. Além disso, o total de rendimentos da mãe se relaciona positivamente ao total de rendimentos do pai, indicando que quanto maior a renda mensal da mãe, maior também a renda mensal do pai.

No tocante às características sociodemográficas das famílias participantes, constatou-se, em suma, que a maioria constituía família nuclear com dois filhos no momento da coleta de dados. Os testes estatísticos mostraram que o pai possui significativamente mais idade e maior renda mensal do que a mãe. A mãe, por sua vez, apresentou maior escolaridade em níveis e em termos de anos concluídos quando em comparação ao pai. Além disso, a maior parte das crianças focais frequentava a escola em período integral; no período em que a criança não estava na escola, a mãe era a sua principal cuidadora. Ademais, um maior número de pessoas residentes na habitação familiar esteve relacionado à menor escolaridade de pai e de mãe, bem como à menor renda percebida pelo pai. A remuneração individual auferida por pai e por mãe está relacionada à maior idade e à maior escolaridade dos cônjuges.

Destaca-se, após essa breve exposição dos aspectos sociodemográficos das famílias participantes, que a apresentação dos resultados obedecerá à seguinte ordem: características do relacionamento conjugal; relações entre conjugalidade e variáveis sociodemográficas; características do temperamento das crianças focais; relações entre variáveis sociodemográficas e temperamento das crianças focais; e, por fim, relações entre conjugalidade e temperamento das crianças focais.

## ***5.2 Caracterização do relacionamento conjugal dos participantes***

Para caracterizar o relacionamento conjugal foram utilizados dois instrumentos: o QRC e o FLOREAL. O QRC se refere a uma escala de cinco pontos, cujas questões componentes versam sobre *qualidade do relacionamento conjugal*, *satisfação conjugal* e *conflito conjugal* (sendo essa última com escore invertido). Para caracterizar o relacionamento conjugal com base no QRC, calculou-se a média geral e a média obtida em cada um dos itens que o compõem. A Tabela 3 apresenta os resultados das médias e desvios-padrão obtidos no escore geral e nos itens do QRC, de acordo com as respostas de pai e de mãe ao instrumento.

**Tabela 3** - Médias e desvios-padrão do QRC<sup>1</sup> (score geral e itens)

	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>
<b>Escore Geral</b>	M= 4,09 (DP= ±0,64)	M= 4,01 (DP= ±0,73)
<b>Qualidade da relação conjugal</b>	M= 4,19 (DP= ±0,91)	M= 4,27(DP= ±0,76)
<b>Satisfação conjugal</b>	M= 4,29 (DP= ±0,69)	M= 4,07 (DP= ±0,85)
<b>Conflito conjugal</b>	M= 3,78 (DP= ±0,78)	M= 3,70 (DP= ±0,91)

<sup>1</sup> Os escores do QRC variam de 1 a 5.

O escore geral obtido com base nas respostas dos homens ao QRC foi maior do que o escore geral obtido com base nas respostas das mulheres. No concernente às médias dos itens do QRC, a mãe avalia a qualidade do seu relacionamento conjugal de modo mais favorável que o pai, assim como menos conflituoso do que ele. Contudo, o pai se considera mais satisfeito no relacionamento de casal do que a mãe. O teste estatístico Mann-Whitney foi aplicado às médias de pai e de mãe obtidas em cada um dos itens e no escore geral, revelando que não existem diferenças significativas entre as respostas de homens e de mulheres ao QRC.

Em termos de frequência, as respostas mais prevalentes no tocante à *qualidade da relação conjugal* para as mães foram *muito feliz* (43,3%) ou *feliz* (43,3%), ao passo que para os pais foi *feliz* (45,2%). No que diz respeito à *satisfação conjugal*, 52,9% das mulheres e 47,1% dos homens se consideraram *satisfeitos(as)*. Em termos de conflitos conjugais, referentes às brigas e discussões entre o casal, 44,2% das mães e 55,8% dos pais indicaram que a sua relação se caracteriza como *pouco conflituosa*.

O segundo instrumento utilizado para avaliar o relacionamento conjugal foi o FLOREAL, que investiga cinco dimensões da relação entre o casal: *harmonia conjugal*, *reciprocidade negativa*, *evitação*, *reciprocidade* e *ciúme*. Para as três primeiras dimensões, o pai e a mãe respondiam a um questionário que abrange uma escala de seis pontos, na qual 1 corresponde a *discordo totalmente* e 6 a *concordo totalmente*. A dimensão *reciprocidade* foi respondida através de duas questões de múltipla escolha. A dimensão *ciúme* incluiu escalas e questões de múltipla escolha. O FLOREAL também avalia as principais fontes de conflito entre os casais e a ocorrência dos mesmos na presença dos filhos, utilizando uma escala de cinco pontos.

A Tabela 4 apresenta as médias e os desvios-padrão das dimensões *harmonia conjugal*, *reciprocidade negativa* e *evitação*,

referentes a características do relacionamento de casal. Das dimensões *reciprocidade* e *ciúme*, apresentar-se-á a estatística descritiva mais a frente.

**Tabela 4** - Médias e desvios-padrão das dimensões do relacionamento conjugal<sup>1</sup> do FLOREAL

	<b>Harmonia Conjugal</b>	<b>Reciprocidade Negativa</b>	<b>Evitação</b>
<b>Pai</b>	M= 5,05 (DP= ±0,55)	M= 2,61 (DP= ±0,73)	M= 2,85 (DP= ±0,71)
<b>Mãe</b>	M= 5,09 (DP= ±0,55)	M= 2,90 (DP= ±0,90)	M= 2,81 (DP= ±0,76)

<sup>1</sup> Os escores das dimensões variam de 1 a 6.

A dimensão que obteve médias mais altas foi a *harmonia conjugal* (> 5), tanto para os homens quanto para as mulheres. Sendo assim, os cônjuges participantes indicaram, em sua maioria, que costumam agradecer e satisfazer o companheiro, sendo gentis e praticando concessões em casos de conflitos. Apesar da diferença entre as médias, sendo a média da mãe mais alta que a média do pai, o teste estatístico Mann-Whitney revelou que essa diferença não é significativa.

No que tange à *reciprocidade negativa*, a mãe apresenta média mais alta do que o pai, sendo essa diferença estatisticamente significativa ( $U=4431,500$ ;  $Z=2,15$ ;  $p<0,05$ ). Dessa maneira, a mãe tende a indicar, de modo mais prevalente que o pai, que costuma fazer concessões e favores ao companheiro, tendo a impressão de que isso não é recíproco. Ainda assim, considerando que as médias de pai e de mãe abrangeram valores entre 2 e 3, os cônjuges apontam que discordam (2) ou discordam parcialmente (3) sobre exercerem atitudes que se caracterizam por *reciprocidade negativa*.

No concernente à *evitação*, há indicativos de que, em média, pai e mãe discordam (2) ou discordam parcialmente (3) no que diz respeito a valer-se de estratégias de *evitação* nas suas relações conjugais. Nessa dimensão não foi identificada diferença significativa entre as médias das respostas de homens e de mulheres.

Os resultados das dimensões *harmonia conjugal*, *reciprocidade negativa* e *evitação* do FLOREAL foram correlacionados, conforme demonstra a Tabela 5.

**Tabela 5** - Correlações de Spearman entre as dimensões *harmonia conjugal*, *reciprocidade negativa* e *evitação* do FLOREAL

<b>Dimensões do FLOREAL</b>	<b>Dimensões correlacionadas</b>	<b>Coefficiente de correlação de Spearman</b>
Harmonia mãe	Reciprocidade negativa mãe	-0,41**
	Evitação mãe	-0,20*
	Reciprocidade negativa pai	-0,21*
Reciprocidade negativa mãe	Evitação mãe	0,57**
	Reciprocidade negativa pai	0,27**
	Evitação pai	0,25**
Evitação mãe	Evitação pai	0,24*
Harmonia pai	Reciprocidade negativa pai	-0,22*
	Evitação pai	-0,21*
Reciprocidade negativa pai	Evitação pai	0,29**

\*\*p<0,01 e \*p<0,05

Com base na Tabela 5, constata-se que quanto maior a *harmonia conjugal* evidenciada pela mãe, menor é a sua retração com o intuito de evitar desavenças conjugais (*evitação*) e também brigas, acusações e sentimentos de desigualdade na relação conjugal (*reciprocidade negativa*), tanto referidos pelos homens quanto pelas mulheres. Em contrapartida, quanto mais o pai julga o seu casamento como harmônico, menos tende a apresentar comportamentos evitativos e de *reciprocidade negativa*.

Quanto mais a mãe diz ter comportamentos relativos à *reciprocidade negativa*, maior também se apresenta a *reciprocidade negativa* do pai, e mais ambos evitam expor sentimentos objetivando prevenir a ocorrência de discussões e de desavenças conjugais. No tocante ao pai, quanto maior a *reciprocidade negativa* dele, maior também tende a ser a sua *evitação*. Além disso, quanto mais a mãe refere exercer *evitação*, mais o pai cita também apresentar tais atitudes.

No tocante à *reciprocidade* entre o casal, 84,6% das mulheres responderam considerar a sua relação conjugal justa, na qual ambos os cônjuges ganham igualmente por estar juntos, enquanto 14,4% a consideram mais favorável para o companheiro. Dos homens, 87,5% indicaram que a sua relação de casal é justa, ao passo que 7,7%

afirmaram que ela é mais favorável para si, ou seja, que eles ganham mais do que as suas companheiras por estar juntos. Nesse sentido, a categoria mais citada pelos participantes diz respeito à equidade na relação conjugal, enquanto a segunda categoria mais prevalente de respostas se refere ao casamento como mais favorável aos homens, o que foi relatado tanto pelos homens quanto pelas mulheres<sup>30</sup>.

No que diz respeito a *ciúmes*, a auto-definição mais presente nas mães foi *raramente ciumenta* (33,7%)<sup>31</sup>. As mulheres informaram ainda que nunca (42,3%) ou raramente (31,7%) pensam que o seu companheiro está interessado sexualmente por outras pessoas. A maior parte delas (62,5%) indicou ainda que ficaria mais incomodada ao imaginar que seu companheiro está apegado emocionalmente a outra pessoa, em contraposição a imaginar que seu companheiro tem relações sexuais apaixonadas com outrem (37,5%).

Os pais definiram-se como *pouco ciumentos* (40,4%) e indicaram que nunca (68,3%) ou raramente (20,2%) pensam que sua companheira está interessada sexualmente por outras pessoas. De modo oposto às mães, os pais informaram que ficariam mais incomodados ao imaginar que suas companheiras desfrutam de relações sexuais apaixonadas com outra pessoa (58,7%), a imaginar que a companheira está apegada emocionalmente a outrem (41,3%).

Além das dimensões *harmonia conjugal*, *reciprocidade negativa*, *evitação*, *reciprocidade* e *ciúme*, referentes a características do relacionamento conjugal, o FLOREAL avalia também as principais fontes de conflito entre os casais e a ocorrência desses conflitos na presença dos filhos. A Tabela 6 contempla as médias e desvios-padrão concernentes às interações conflitivas.

**Tabela 6** - Médias e desvios-padrão das dimensões referentes às interações conflitivas<sup>1</sup> do FLOREAL

	<b>Fontes de conflito entre o casal</b>	<b>Conflito na presença da criança</b>
<b>Pai</b>	M= 1,76 (DP= ±0,40)	M= 1,50 (DP= ±0,39)
<b>Mãe</b>	M= 1,85 (DP= ±0,45)	M= 1,53 (DP= ±0,39)

<sup>1</sup> Os escores das dimensões variam de 1 a 5.

<sup>30</sup> O Apêndice 4 contempla uma tabela que apresenta as porcentagens das respostas de mulheres e de homens à dimensão *reciprocidade* do FLOREAL.

<sup>31</sup> O Apêndice 4 contempla uma tabela que apresenta as porcentagens das respostas de mulheres e de homens à dimensão *ciúmes* do FLOREAL.

As principais *fontes de conflito entre o casal* (quais sejam, questões familiares, religiosas ou as que envolvam amigos, dinheiro, educação dos filhos, sexualidade, entre outras) são avaliadas pelo FLOREAL por meio de uma escala de cinco pontos, na qual 1 corresponde a *nunca* e 5 a  *muito*. No tocante aos conflitos por conta das questões supracitadas, tanto os homens quanto as mulheres informaram que, em média, raramente (2) ou nunca (1) entram em conflitos. As discussões acerca das principais *fontes de conflito entre o casal* também são raramente (2) ou nunca (1) presenciadas pelos filhos, de acordo com as respostas dos cônjuges. Aplicando-se o teste Mann-Whitney às médias de pai e de mãe obtidas com base nessas duas dimensões, não foi identificada diferença estatisticamente significativa, o que indica que homens e mulheres concordam com relação à frequência de ocorrência das interações conflituosas entre o casal e na presença da criança.

Os resultados do FLOREAL e do QRC também foram correlacionados, conforme mostra a Tabela 7.

**Tabela 7** - Correlações entre o QRC (escore geral) e o FLOREAL (dimensões) de mãe e de pai

FLOREAL	QRC mãe	QRC pai
Harmonia mãe	0,42**	0,24*
Reciprocidade negativa mãe	-0,58**	-0,23*
Evitação mãe	-0,36**	-0,12
Fontes de conflito entre o casal mãe	-0,59**	-0,46**
Conflitos na presença da criança mãe	-0,38**	-0,28**
Harmonia pai	0,15	0,26**
Reciprocidade negativa pai	-0,38**	-0,44**
Evitação pai	-0,15	-0,19*
Fontes de conflito entre o casal pai	-0,21*	-0,42**
Conflitos na presença da criança pai	-0,15	-0,35**

\*\*p<0,01; \*p<0,05

Com base na Tabela 7, nota-se que quanto maior a *qualidade do relacionamento conjugal* de pai e de mãe, maior tende a ser a *harmonia conjugal* referida pela mãe. A *harmonia conjugal* referida pelo pai esteve relacionada ao escore geral do QRC por ele respondido; desse modo, quanto mais o pai refere ter uma relação harmoniosa com a mãe (FLOREAL), mais alta a qualidade da sua relação conjugal no QRC.

Além disso, quanto maior a *qualidade do relacionamento conjugal* para o pai e para a mãe, menores tendem a ser as *fontes de conflito entre o casal*, segundo a percepção de ambos os cônjuges,

menores são as *fontes de conflito na presença da criança*, de acordo com as respostas das mães, e menor é a *reciprocidade negativa* do pai e da mãe. Outrossim, quanto menor a *qualidade da relação conjugal* atribuída pelo pai, mais ele refere apresentar *evitação* e mais indica situações de desavenças entre o casal nas quais a criança é expectadora. Do mesmo modo que ocorreu com o pai, o QRC da mãe também se relacionou a atitudes evitativas nas mulheres; ou seja, quanto menor a *qualidade da relação conjugal* para as mães, mais elas referem valer-se da *evitação* com intuito de prevenir a emergência de conflitos entre o casal.

Em suma, o relacionamento conjugal dos participantes se caracterizou pela concordância entre as repostas dos cônjuges no que diz respeito à qualidade, à satisfação e aos conflitos na vida de casal. A *harmonia conjugal* recebeu altos escores médios ( $> 5$ ), ao passo que as questões referentes às interações conflitivas entre o casal e na presença da criança receberam baixos escores médios ( $< 2$ ), o que indica a prevalência de relacionamento conjugal harmônico, com intercâmbios satisfatórios entre os cônjuges, segundo as respostas de pai e de mãe. O teste Mann-Whitney foi aplicado a todas as médias obtidas com base nas respostas dos homens e das mulheres, revelando que houve diferença estatisticamente significativa apenas no que tange à *reciprocidade negativa* – a mãe aponta, de modo mais prevalente que o pai, que se sente injustiçada na relação, considerando-a desigual e permeada por troca de acusações. A *harmonia conjugal* se mostrou negativamente relacionada aos comportamentos evitativos e à *reciprocidade negativa* em ambos os cônjuges. Por fim, quanto maior a *satisfação* e a *qualidade* que os cônjuges atribuem à relação de casal, menores as *fontes de conflito entre o casal* e os *conflitos na presença da criança*, a *evitação*, a *reciprocidade negativa* e maior tende a ser a *harmonia conjugal*.

### **5.3 Relações entre as variáveis sociodemográficas e o relacionamento conjugal dos participantes**

Com o objetivo de verificar as relações entre as características sociodemográficas das famílias e o relacionamento conjugal dos casais participantes da pesquisa, o Questionário Sociodemográfico, o QRC e o FLOREAL foram analisados. Investigou-se, inicialmente, se o tempo de união do casal, o número de filhos e o sexo da criança focal interferiam nos resultados do QRC de homens e de mulheres. O tempo de união não esteve relacionado ao escore geral e nem às outras três variáveis que compõem o instrumento, indicando que a *qualidade da relação*, a

*satisfação* e o *conflito conjugal* não se relacionam ao tempo de vigência do casamento dos participantes. O teste Mann-Whitney revelou que o QRC materno apresenta resultados significativos no que tange ao número de filhos, enquanto o QRC paterno apresenta resultados significativos no tocante ao sexo da criança focal. As mulheres tendem a avaliar seu relacionamento conjugal mais positivamente quando tem somente um filho ( $U=880,00$ ;  $Z=2,77$ ;  $p<0,01$ ), ao passo que os homens o avaliam mais positivamente quando a criança focal é do sexo masculino ( $U=116,00$ ;  $Z=2,54$ ;  $p<0,01$ ).

A Tabela 8 apresenta as correlações entre o relacionamento conjugal e as variáveis sociodemográficas das famílias participantes.

**Tabela 8** - Correlações entre o relacionamento conjugal e as variáveis sociodemográficas das famílias

<b>Relacionamento Conjugal</b>	<b>Variáveis sociodemográficas</b>	<b>Coefficiente de correlação de Spearman</b>
QRC mãe	Nº de pessoas na casa	-0,26**
	Escolaridade da mãe	0,31**
	Escolaridade do pai	0,37**
	Rendimento da mãe	0,23*
	Rendimento do pai	0,22*
	Renda familiar total	0,23*
Harmonia mãe	Idade da mãe	-0,27**
	Idade do pai	-0,23*
Reciprocidade negativa mãe	Nº de pessoas na casa	0,29**
	Escolaridade da mãe	-0,28**
	Escolaridade do pai	-0,32**
	Rendimento da mãe	-0,22*
	Rendimento do pai	-0,38**
	Renda familiar total	-0,36**
Evitação mãe	Nº de pessoas na casa	0,23*
	Escolaridade da mãe	-0,28**
	Escolaridade do pai	-0,29**
	Rendimento do pai	-0,34**
	Renda familiar total	-0,32**
Fontes de conflito entre o casal mãe	Escolaridade do pai	-0,21*
	Rendimento do pai	-0,26**
	Renda familiar total	-0,24*
Reciprocidade negativa pai	Rendimento do pai	-0,21*
	Renda familiar total	-0,20*
Evitação pai	Escolaridade da mãe	-0,40**
	Escolaridade do pai	-0,44**
	Rendimento da mãe	-0,20*
	Rendimento do pai	-0,34**
	Renda familiar total	-0,39**

\*\*p<0,01 e \*p<0,05

Mediante a Tabela 8, é possível identificar que quanto maior a escolaridade de pai e de mãe, o rendimento de pai e de mãe e o total de

renda familiar mensal, mais a mãe tende a avaliar positivamente a sua relação conjugal. Em contrapartida, quanto maior o número de pessoas que vive na residência, menos favoravelmente a mãe considera a sua relação de casal.

No que tange aos resultados do FLOREAL, quanto maior a idade de cada um dos cônjuges, menos harmônica a mulher tende a considerar a sua relação de casal. Outrossim, ainda segundo as afirmações da mãe, a emergência de brigas, discussões, troca de acusações e sentimentos de desigualdade (*reciprocidade negativa*) entre o casal parece ser mais prevalente quanto maior for o número de pessoas que vive na casa da família e menor for a escolaridade e os rendimentos percebidos mensalmente pelos cônjuges, bem como a renda familiar total.

Igualmente, a retração da mãe com o intento de evitar conflitos conjugais (*evitação*) tende a ser maior quando há mais pessoas residindo no domicílio e quanto menor for a escolaridade dos cônjuges, os rendimentos do pai e os rendimentos familiares. Ademais, as *fontes de conflito entre o casal* referidas pela mãe tendem a ser mais prevalentes quanto menor for a escolaridade do pai, o rendimento auferido pelo pai e a renda familiar mensal.

No concernente às correlações acerca do FLOREAL do pai e os dados sociodemográficos das famílias, os resultados indicam que quanto mais o pai refere atitudes vinculadas à *reciprocidade negativa*, menor tende a ser a sua renda e a renda familiar. Da mesma forma, quanto mais o pai relata comportamentos evitativos, menor é a escolaridade e a renda mensal de pai e de mãe, bem como o rendimento familiar mensal.

Por fim, as concepções da mãe acerca do relacionamento conjugal parecem mais sensíveis às variáveis sociodemográficas do que as concepções do pai, uma vez que, para ele, apenas a *reciprocidade negativa* e a *evitação* se correlacionam às características sociais e demográficas das famílias. Para as mulheres, em contrapartida, as correlações ficam evidenciadas também no tocante ao escore geral do seu QRC, à *harmonia conjugal*, à *reciprocidade negativa*, à *evitação* e às *fontes de conflito conjugal*.

#### ***5.4 Caracterização do temperamento das crianças focais***

Para caracterizar o temperamento das crianças focais, aplicou-se o *very short CBQ* aos pais e às mães participantes. Esse instrumento consiste em uma escala do tipo *likert* de sete pontos, na qual 1 corresponde a *totalmente falsa* e 7 a *totalmente verdadeira* para a

criança focal. A Tabela 9 apresenta as médias e os desvios-padrão obtidos nos fatores do temperamento do grupo de crianças.

**Tabela 9** - Indicadores do temperamento da criança avaliados pelas respostas de pai e de mãe ao CBQ<sup>1</sup>

Fatores do Temperamento	Pai	Mãe
Extroversão	M= 4,82 (DP= ±0,73)	M= 4,74 (DP= ±0,95)
Afeto negativo	M= 4,98 (DP= ±0,91)	M= 4,98 (DP= ±0,91)
Controle com esforço	M= 5,63 (DP= ±0,63)	M= 5,74 (DP= ±0,67)

<sup>1</sup> Escores do CBQ variam de 1 a 7.

A Tabela 9 revela que o grupo de crianças avaliadas apresentou altos escores médios (> 5) no fator *controle com esforço*, com base nas respostas de pai e de mãe. Esse fator, que obteve as mais altas médias dentre os três fatores do temperamento abordados pelo *very short* CBQ, consiste nas dimensões focalização de atenção, controle inibitório, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual. Desse modo, os pais e as mães consideram como razoavelmente verdadeiro (5) e bastante verdadeiro (6) que sua criança fica muito concentrada quando está desenhando ou pintando em um livro, que ela é boa em seguir instruções, que gosta de atividades rítmicas suaves (como se balançar) e que comenta quando um dos pais muda a aparência, por exemplo.

No fator *extroversão*, os pais e as mães apontam como nem verdadeira nem falsa (4), ou razoavelmente verdadeira (5) para o seu filho, situações tais quais: parece estar sempre com muita pressa para ir de um lugar ao outro (dimensão nível de atividade); gosta de descer em escorregadores altos ou de outras atividades de aventura (dimensão prazer de alta intensidade); parece estar à vontade com quase todas as pessoas (dimensão timidez); frequentemente entra rapidamente em novas situações (dimensão impulsividade).

O *afeto negativo*, terceiro e último fator avaliado pelo CBQ – *very short form*, é constituído pelas dimensões raiva, desconforto, tristeza, medo e capacidade de se acalmar. Ao utilizar duas casas após a vírgula, as médias de pai e de mãe foram as mesmas para o referido fator. Contudo, empregando-se os valores inteiros, ou seja, sem a restrição de duas casas após a vírgula, constata-se que houve diferença nas médias e desvios-padrão de pai (M=4,9832; DP=0,91553) e de mãe (M=4,9860; DP=0,91284). Nesse sentido, embora tenham se aproximado de altos escores médios (> 5), pais e mães apontam como nem verdadeira nem falsa (4), ou como razoavelmente verdadeira (5) para o seu filho, as seguintes reações: fica muito frustrado quando não

lhe deixam fazer algo que ele quer; fica muito incomodado com um machucado ou com um corte pequeno; tende a ficar triste se os planos da família não dão certo; tem medo de ladrões ou do “bicho-papão”; quando está zangado com alguma coisa, tende a ficar aborrecido por dez minutos ou mais.

O teste Mann-Whitney foi aplicado às médias obtidas com base nas respostas de pai e de mãe aos três fatores do CBQ, revelando que não há diferença significativa entre as respostas dos cônjuges, o que indica que eles concordam com relação às características de *controle com esforço*, *extroversão* e *afeto negativo* da sua criança.

Em síntese, os maiores escores médios do grupo de crianças se referiram ao fator do temperamento *controle com esforço*. Os fatores *extroversão* e *afeto negativo* se caracterizam como nem verdadeiros nem falsos (4), ou razoavelmente verdadeiros (5) para a criança focal. Não foram identificadas diferenças significativas entre as médias dos três fatores respondidos pelos homens e pelas mulheres, o que sugere que os cônjuges concordam quanto ao temperamento do seu filho.

### **5.5 Relações entre as variáveis sociodemográficas e o temperamento das crianças**

Buscando identificar associações entre as variáveis sociodemográficas das famílias e o temperamento das crianças, o Questionário Sociodemográfico e o *very short* CBQ foram analisados. O teste estatístico Mann-Whitney revelou que as mães que têm apenas um filho tendem a considerar menos prevalentes as reações referentes ao fator *afeto negativo* em sua criança, em comparação às mães que têm mais de um filho (U=788,50; Z=2,01; p<0,05). Sendo assim, mães de dois ou mais filhos referem mais *afeto negativo* para a criança focal do que mães de somente um filho.

Considerando os indicativos constantes na literatura sobre as diferenças na forma de apresentação das características do temperamento de acordo com o gênero da criança, aplicou-se o teste estatístico Mann-Whitney com o objetivo de verificar a existência de tais diferenças no grupo de crianças participantes. Identificou-se que, tanto o pai (U=818,50; Z=2,11; p<0,05), quanto a mãe (U=720,50; Z=2,99; p<0,01), referem observar mais reações de *afeto negativo* nas crianças do sexo feminino, sendo esse o único fator que apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os gêneros. Isto é, as médias dos fatores *extroversão* e *controle com esforço*, segundo as

respostas de pai e de mãe, não diferiram de maneira significativa entre as crianças do sexo masculino e as crianças do sexo feminino.

Além disso, com o objetivo de investigar diferenças nos fatores do temperamento em virtude das distintas idades das crianças, utilizou-se o teste Kruskal-Wallis, um equivalente não-paramétrico da ANOVA que busca identificar diferença significativa entre médias de algumas condições, sendo adotado quando há mais de dois grupos para a comparação de médias (Dancey & Reidy, 2006). Assim, as crianças foram divididas em três grupos de análise por faixa etária (quatro, cinco e seis anos). Com base na análise das médias pelo teste Kruskal-Wallis, constata-se que houve diferenças nas respostas das mães sobre o *controle com esforço* ( $\chi^2=10,99$ ;  $p<0,01$ ). As médias obtidas por intermédio das respostas maternas ao fator *controle com esforço* foram progressivamente maiores, de acordo com a idade das crianças. Assim, a média do referido fator foi 5,51 (DP=0,65) nas crianças com quatro anos; 5,86 (DP=0,61) nas crianças com cinco anos; e 6,13 (DP=0,76) nas crianças com seis anos.

Partindo desses resultados, optou-se por aplicar o teste Mann-Whitney para comparações das médias maternas de *controle com esforço*, buscando identificar diferenças significativas entre dois grupos de crianças com idades distintas. Para tanto, foram comparadas crianças com as seguintes idades: (a) quatro anos e cinco anos; (b) quatro anos e seis anos; (c) cinco anos e seis anos. Através das comparações dois a dois realizadas por intermédio da aplicação do Mann-Whitney, constata-se que o *controle com esforço* das crianças de cinco anos é significativamente maior que o *controle com esforço* das crianças de quatro anos ( $U=599,00$ ;  $Z=2,65$ ;  $p<0,01$ ), bem como o *controle com esforço* das crianças de seis anos é significativamente maior que o *controle com esforço* das crianças de quatro anos ( $U=108,50$ ;  $Z=2,56$ ;  $p=0,01$ ), de acordo com as respostas das mães. Apesar de a média materna de *controle com esforço* ser maior nas crianças de seis anos ( $M=6,13$ ;  $DP=0,79$ ) em comparação às crianças de cinco anos ( $M=5,86$ ;  $DP=0,61$ ), essa diferença não foi significativa, com base no resultado do teste Mann-Whitney. Sendo assim, verifica-se que o *controle com esforço* aumenta significativamente dos quatro para os cinco anos e dos quatro para os seis anos nas crianças focais, mas não dos cinco para os seis anos de idade. Nesse sentido, crianças com cinco anos apresentaram maior *controle com esforço* do que crianças com quatro anos, bem como crianças com seis anos apresentaram maior *controle com esforço* do que crianças com quatro anos, segundo as respostas das mães ao CBQ.

A Tabela 10 contempla os demais resultados estatisticamente significativos das análises entre o Questionário Sociodemográfico e o CBQ.

**Tabela 10** - Correlações entre as variáveis sociodemográficas das famílias e o temperamento das crianças

Variáveis sociodemográficas	Afeto negativo mãe	Afeto negativo pai
Nº de pessoas na casa	0,20*	0,17
Escolaridade da mãe	-0,25*	-0,12
Escolaridade do pai	-0,26*	-0,18
Rendimentos da mãe	-0,26*	-0,16
Rendimentos do pai	-0,40**	-0,28**
Renda familiar total	-0,38**	-0,21*

\*\*p<0,01 e \*p<0,05

Constata-se, com base na Tabela 10, que o único fator do CBQ que apresentou correlações estatisticamente significativas com as variáveis sociodemográficas das famílias foi o *afeto negativo*, tanto o referido por pai, quanto o referido por mãe. Verifica-se que quanto maior o número de habitantes na residência familiar e quanto menor a escolaridade de pai e de mãe, a renda de pai e de mãe e a renda mensal da família, mais a mãe tende a avaliar que a criança apresenta reações de raiva, medo, tristeza, desconforto e baixa capacidade de se acalmar.

É possível averiguar que o resultado da correlação de Spearman entre o número de pessoas vivendo na residência familiar e o *afeto negativo* identificado pela mãe, coaduna com o resultado do teste Mann-Whitney apresentado anteriormente. Esse teste revelou que mães de dois ou mais filhos referem mais *afeto negativo* na criança focal do que mães de apenas um filho (U=788,50; Z=2,01; p<0,05). Esses resultados apresentam conformidade, haja vista que um maior número de filhos se associa a um maior número de pessoas vivendo na residência da família.

Com relação ao fator *afeto negativo* aludido pelo pai, identificou-se que quanto menor a renda do pai e a renda familiar, mais o pai afirma que sua criança é muito difícil de acalmar quando está aborrecida, costuma ficar bastante frustrada quando não lhe deixam fazer o que quer, incomoda-se muito com um pequeno corte ou ferimento ou sente-se deprimida quando não consegue finalizar alguma tarefa.

### ***5.6 Relações entre o temperamento das crianças e o relacionamento conjugal dos pais***

Os resultados obtidos no FLOREAL e no QRC foram correlacionados aos resultados do CBQ, visando a identificar possíveis relações entre características do relacionamento conjugal dos pais e características do temperamento dos filhos. A Tabela 11 apresenta as correlações estatisticamente significativas entre as dimensões do QRC e do FLOREAL e os fatores do CBQ, bem como os respectivos coeficientes de correlação de Spearman.

**Tabela 11** - Correlações entre o relacionamento conjugal dos casais de pais e o temperamento das crianças

<b>Relacionamento Conjugal</b>	<b>Temperamento</b>	<b>Coefficiente de correlação de Spearman</b>
<b>QRC Mãe</b>		
Escore geral QRC	Afeto negativo pai	-0,26*
Qualidade do RC	Afeto negativo pai	-0,21*
Conflito conjugal	Extroversão pai	0,22*
Satisfação conjugal	Afeto negativo pai	-0,31**
<b>QRC Pai</b>		
Escore geral QRC	Controle com esforço pai	0,21*
Conflito conjugal	Afeto negativo pai	0,20*
<b>FLOREAL Mãe</b>		
Reciprocidade negativa	Afeto negativo mãe	0,43**
	Afeto negativo pai	0,27*
Evitação	Afeto negativo mãe	0,23*
	Afeto negativo pai	0,25*
Fontes de conflito entre o casal	Afeto negativo mãe	0,33**
	Extroversão pai	0,26**
	Afeto negativo pai	0,28**
<b>FLOREAL Pai</b>		
Reciprocidade negativa	Afeto negativo mãe	0,22*
	Afeto negativo pai	0,28**
Evitação	Afeto negativo mãe	0,23*
Fontes de conflito entre o casal	Afeto negativo pai	0,27**

\*\*p<0,01 e \*p<0,05

Por intermédio da Tabela 11 é possível averiguar que quanto mais a mãe menciona disposições tocantes ao *afeto negativo* em sua criança, mais também ela indica que sua relação de casal é permeada por acusações e brigas (*reciprocidade negativa*), que se utiliza de estratégias de retração em situações de desavenças conjugais, visando a evitar a amplificação dos conflitos (*evitação*), e que os desentendimentos com o seu companheiro giram em torno de questões familiares, religiosas,

financeiras ou referentes à educação dos filhos, hábitos pessoais, sexuais, agressões físicas e verbais (*fontes de conflito entre do casal*).

As características do temperamento atinentes ao *afeto negativo* constatado pela mãe em sua criança (isto é, reações de medo, tristeza, desconforto, raiva e baixa capacidade de se acalmar), parecem mais prevalentes quando o pai refere que sua relação conjugal é permeada por brigas, desavenças e sentimentos de injustiça (*reciprocidade negativa*), e que emprega comportamentos evitativos em situações de conflito com a consorte (*evitação*).

O *afeto negativo* constatado pelo pai em sua criança também apresentou correlação com as variáveis do relacionamento conjugal mencionadas pelos cônjuges no QRC. Nesse sentido, quanto mais a mãe destaca a sua *satisfação conjugal* e melhor qualifica a relação de casal vivenciada, menos o pai indica observar reações relativas ao *afeto negativo* em sua criança. Ademais, há indicativos de que quanto mais conflituosa e turbulenta a relação de casal para o pai, mais o pai caracteriza a sua criança por reações de medo, tristeza, desconforto, raiva e baixa capacidade de se acalmar.

Além do QRC, o *afeto negativo* referido pelo pai se correlacionou ainda ao FLOREAL da mãe. Desse modo, quanto mais a mãe se considera injustiçada em sua relação de casal, indica vivenciar desavenças e discussões relativas a questões financeiras, religiosas, sexuais, de educação dos filhos, entre outras, e afirma que se vale de comportamentos evitativos para não majorar as situações de conflito conjugal, mais o pai refere observar reações de *afeto negativo* em sua criança.

O *afeto negativo* indicado pelo pai, por fim, relacionou-se positivamente às dimensões *reciprocidade negativa* e *fontes de conflito entre o casal* do FLOREAL paterno. Desse modo, quanto mais o pai observa reações de medo, tristeza, desconforto, raiva e baixa capacidade de se acalmar no seu filho, mais também ele afirma que vivencia situações de conflitos entre o casal por motivos diversos, refere agressões, troca de acusações e sente-se injustiçado na relação conjugal.

O fator *extroversão* do CBQ aludido pelo pai apresentou correlação positiva com as dimensões *conflito conjugal* do QRC e *fontes de conflito entre o casal* do FLOREAL, ambas respondidas pela mãe. Tais resultados sugerem que quanto mais o pai caracteriza as reações de sua criança por impulsividade, prazer de alta intensidade e baixa timidez, mais a mãe afirma que o casal vivencia desavenças e conflitos conjugais.

Além disso, quanto mais satisfatória e menos conflituosa o pai considera a sua relação de casal (escore geral do QRC do pai), mais a criança tende a apresentar controle inibitório, focalização de atenção, sensibilidade perceptual e prazer de baixa intensidade (*controle com esforço*), de acordo com a percepção do pai.

Em síntese, as principais correlações entre o temperamento dos filhos e o relacionamento conjugal dos pais foram tocantes ao fator *afeto negativo*. Tal constatação sugere que quanto maiores as reações de raiva, desconforto, tristeza, medo e baixa capacidade de se acalmar das crianças, também mais caracterizado por interações conflitivas, *evitação* e *reciprocidade negativa* demonstra ser o relacionamento de casal. Igualmente, quanto menores a *reciprocidade negativa*, os comportamentos evitativos e as interações conjugais conflitivas, menores as demonstrações de *afeto negativo* infantil. Ressalta-se, por fim, que não é possível indicar a direção dessa relação, uma vez que as análises realizadas não permitem esse grau de inferência, podendo tal fato ser considerado como uma das limitações do trabalho.

## 6. DISCUSSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo geral verificar a relação entre o relacionamento conjugal de pais e o temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos. Em adição a isso, dentre os objetivos específicos, buscou-se identificar as características sociodemográficas das famílias, além verificar se tais características se relacionam tanto ao temperamento das crianças focais, quanto ao relacionamento conjugal dos seus pais. Por se tratar de um estudo cujo método envolveu análise estatística descritiva e inferencial, os resultados obtidos compreenderam distribuições de frequências, porcentagens, médias e desvios-padrão, bem como correlações entre variáveis que, na sequência, serão discutidas, obedecendo à seguinte ordem: aspectos sociodemográficos das famílias; características do relacionamento conjugal e suas relações com as variáveis sociodemográficas; características do temperamento das crianças e suas relações com as variáveis sociodemográficas; relacionamento conjugal e suas relações com o temperamento das crianças.

### *6.1 Caracterização sociodemográfica das famílias*

A maioria das famílias participantes do estudo (85,6%) caracterizava-se como original ou intacta (Wagner & Féres-Carneiro, 2000), ou seja, família nuclear composta por pais biológicos de todos os filhos. As famílias recasadas ou reconstituídas representaram 12,5% da amostra. Embora o número de famílias reconstituídas no Brasil não supere o número de famílias intactas, uma vez que os recasamentos constituem em torno de 18% do total de uniões (IBGE, 2011f), o fenômeno da reconstituição familiar vem crescendo entre a população brasileira, segundo dados do censo demográfico 2010, em função do aumento na quantidade de divórcios e de recasamentos nas últimas décadas (IBGE, 2011c). A regulamentação do divórcio no Brasil ocorreu em 1977, possibilitando, desde então, a postulação de novo matrimônio após a dissolução de uma união conjugal (Cano & cols., 2009).

Na lei do divórcio de 1977, a guarda dos filhos era atribuída ao cônjuge que não houvesse provocado a separação ou, em caso de desacordo, à mãe (Wagner & Levandowski, 2008). Atualmente, com base no novo Código Civil – Lei 1.0406/02, a guarda dos filhos pode ser unilateral (atribuída ao genitor ou ao responsável que apresentar melhores condições de exercê-la) ou compartilhada (isto é,

responsabilização conjunta por pai e por mãe que não vivam sob o mesmo teto). Apesar da possibilidade legal de a guarda ser concedida ao pai, à mãe ou ainda compartilhada entre ambos, as estatísticas brasileiras mostram a hegemonia das mulheres nesse processo: em 89,5% dos divórcios, a responsabilidade pela prole foi concedida às mães (IBGE, 2007). Essa tendência também foi constatada nas famílias participantes do presente estudo. Dos seis casos de famílias recasadas nos quais a criança focal não era filha biológica de ambos os cônjuges, o padrasto foi entrevistado em cinco casos e a madrasta apenas em um deles. Esses resultados indicam que as mulheres, de modo mais prevalente, permanecem com a guarda dos filhos, levando-os sob sua responsabilidade para a nova união conjugal.

Os pais e as mães que participaram da pesquisa apresentaram diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à idade, renda, jornada de trabalho e escolaridade. Os pais apresentaram média de idade de 36 anos no momento da coleta de dados, sendo mais velhos do que as mães, as quais a média de idade foi de 33 anos. Tal resultado coaduna com dados do IBGE (2007; 2011f), referentes ao fato de que a idade ao casar para homens e para mulheres é diferente, uma vez que a mulher, em média, casa-se mais cedo do que o homem, sendo mais jovem do que ele, portanto.

O rendimento mensal auferido por cada cônjuge também variou de acordo com o sexo: a renda média do pai foi de R\$ 2.112,45 e a da mãe foi de R\$ 1.341,49. O censo demográfico 2010 mostra que os homens recebem, em média, 42% a mais do que as mulheres (IBGE, 2011d). Na população pesquisada, essa diferença foi ainda mais acentuada, uma vez que a remuneração do pai foi, em média, 57% maior do que a remuneração da mãe. Contudo, no que diz respeito à participação no mercado de trabalho, constatou-se também que a jornada de trabalho do pai é maior do que a jornada de trabalho da mãe, em termos de horas semanais, o que pode contribuir para o maior rendimento auferido pelos homens mensalmente. Apesar de a jornada de trabalho da mãe ser menor que a do pai, vale ressaltar que a divisão de atividades domésticas dentro dos lares brasileiros ainda é desigual. A saída maciça das mulheres para o mercado de trabalho não significou deixar de realizar os afazeres do lar, uma vez que a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2006 constatou que apenas a metade dos homens brasileiros (51,4%) responderam que realizam atividades domésticas, ao passo que 9 em cada 10 mulheres indicaram tal atribuição (IBGE, 2007).

Por fim, a escolaridade também variou entre os sexos. As mulheres apresentaram maior tempo de escolaridade em termos de anos concluídos e, também, nos níveis médio, superior e pós-graduação, em comparação aos homens. O aumento da qualificação feminina tem se intensificado nas últimas décadas. Da população que frequentava instituições de ensino superior no ano de 1996, 55,3% era composta por mulheres. Em 2006 esse índice majorou, culminando na proporção de 57,5%, o que revela que os homens, no tocante à formação superior, estão perdendo espaço para as mulheres (IBGE, 2007).

No que tange à renda familiar, as faixas mais prevalentes se referiram aos valores brutos de R\$ 2.001,00 a 3.000,00 (21,2%), R\$ 3.001,00 a 4.000,00 (16,3%) e acima de R\$ 4.000,00 (26,9%). Nesse sentido, a maior parte das famílias pesquisadas pode ser considerada pertencente às classes econômicas B2 e B1, que apresentam, respectivamente, valores médios de renda familiar de R\$ 2.656,00 e R\$ 4.754,00, de acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasileira (CCEB) da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2011). Cabe ressaltar, também, que 19,2% dos participantes residiam em Florianópolis, sendo essa a cidade que apresentou o melhor nível de renda familiar *per capita* brasileiro (R\$ 1.573,00), de acordo com o censo demográfico 2010 (IBGE, 2011d).

Ainda com relação às características das famílias, a maioria delas era composta por um (38,5%) ou dois filhos (42,3%) no momento da coleta de dados. Esse resultado coaduna com os dados censitários, à medida que foi constatada a taxa de fecundidade de 1,86 filho por mulher brasileira (IBGE, 2011b). No mesmo sentido, três ou quatro pessoas foi o número de moradores por domicílio familiar participante que prevaleceu no presente estudo, o que também apresenta conformidade com os resultados do último censo, haja vista que a densidade domiciliar apresentou média de 3,3 moradores em 2010, em contraposição aos 3,8 constatados em 2000 (IBGE, 2011a).

Finalmente, outro resultado obtido foi o referente à correlação negativa entre o número de pessoas residentes na habitação e a renda familiar. Dessa forma, constatou-se que quanto menor a renda, maior o número de pessoas que vive na casa da família, seguindo a tendência descrita nos dados censitários. O IBGE (2011e) indica que o aumento do rendimento domiciliar *per capita* nos domicílios brasileiros está associado à redução do número de moradores dos mesmos, uma vez que na população com renda até 10 salários mínimos, o número de moradores atingiu 2,1, ao passo que o número médio de moradores foi

de 4,9 nas famílias que percebem mensalmente até 1/8 do salário mínimo.

## **6.2 Características do relacionamento conjugal e suas relações com as variáveis sociodemográficas das famílias**

A maior parte dos homens e das mulheres caracterizou o seu casamento como satisfatório e pouco conflituoso, considerando-se feliz nessa relação. Sendo assim, os participantes referiram, em média, viver em *harmonia conjugal*, que diz respeito aos sentimentos de empatia, acolhimento e respeito mútuo, os quais estão ligados à maior satisfação no casamento (Bolze, 2011; Oliveira, Falcone, & Ribas, 2009). Tais variáveis concernentes à conjugalidade (*qualidade do relacionamento de casal, satisfação e harmonia conjugal*), associam-se à saúde física e mental, em um interjogo de influências recíprocas (Burman & Margolin, 1992; Wood & cols., 2011). Desse modo, os relacionamentos conjugais de boa qualidade predizem melhores níveis de saúde nos cônjuges longitudinalmente, sendo considerados, portanto, fatores de proteção ao desenvolvimento dos membros do casal (Narciso & Ribeiro, 2009; Wood & cols., 2011).

No que diz respeito a tais considerações, vale ressaltar que uma relação conjugal caracterizada como harmônica não se refere, necessariamente, a uma relação conjugal sem conflitos. Isso porque o conflito é inerente a todos os relacionamentos humanos, ou seja, é um fenômeno característico da vida e que pode resultar em novas oportunidades e transformações aos envolvidos (Bolze, Schmidt, Crepaldi & Vieira, 2011; Müller, 2007). Assim, há de se prever que os cônjuges, mesmo em relacionamentos considerados felizes, enfrentarão conflitos conjugais (Bolze & cols., 2011; Narciso & Ribeiro, 2009).

Nesse sentido, apesar de a maioria dos participantes indicar que vivencia uma relação conjugal satisfatória e harmônica, constatou-se a ocorrência de conflitos entre o casal, tanto na presença quanto na ausência dos filhos, mesmo que raramente. Muito embora a literatura sobre a temática contemple que o conflito conjugal se associa ao desenvolvimento de problemas comportamentais e orgânicos, tanto nos cônjuges, quanto nos seus filhos (Humbad, Donnellan, Klump & Burt, 2011; Lindahl & Malik, 2011; Wood & cols., 2011), é importante destacar que a maneira como os conflitos são solucionados é um dos principais fatores relacionados ao aumento ou à diminuição da probabilidade de ocorrência dos referidos desfechos. De tal forma, considera-se como o melhor preditor do sucesso do casamento em longo

prazo, o modo como a díade conjugal lida com os seus conflitos (Narciso & Ribeiro, 2009).

Os casais participantes indicaram, em média, que discordam ou discordam parcialmente sobre a utilização de *evitação* e de *reciprocidade negativa* no processo de resolução de conflitos conjugais. Desse modo, casais que solucionam suas desavenças de maneira harmônica (isto é, valendo-se da exposição verbal de sentimentos, bem como da realização de concessões e de acordos, por exemplo) podem oferecer bons modelos de resolução de conflitos para os filhos, contribuindo no processo de desenvolvimento de habilidades sociais (Benetti, 2006) e fazendo com que as crianças não se sintam ameaçadas ou culpadas pela rusga entre os pais, percebendo-a de maneira mais positiva do que os filhos de casais que se utilizam de hostilidade física ou verbal nessas situações (Lindahl & Malik, 2011). Isso quer dizer que nem todos os conflitos são destrutivos; contudo, algumas maneiras de resolvê-los são mais prejudiciais aos relacionamentos e ao desenvolvimento dos membros da família do que outras.

Além de afirmarem que raramente se engajam em interações conjugais conflitivas e apontarem que, quando tais interações ocorrem, a *evitação* e a *reciprocidade negativa* são pouco adotadas, os homens e as mulheres participantes também indicaram ser pouco ou raramente ciumentos na relação de casal. De acordo com Almeida e cols. (2008), o ciúme romântico, isto é, aquele vivenciado nos relacionamentos afetivos, é um fenômeno inevitável, haja vista que todas as pessoas estão sujeitas a ele, em menor ou maior grau. Torna-se patológico ou prejudicial à relação quando manifestado de modo frequente e intenso, produzindo angústia e sofrimento aos envolvidos – o que não coaduna com as respostas à dimensão *ciúme* oferecidas pela maioria dos casais pesquisados.

Ainda no tocante à dimensão *ciúme*, constatou-se que as mulheres declararam maior incômodo ao imaginar que o companheiro está apegado emocionalmente a outra pessoa. De modo contrário, o incômodo maior para os homens seria em função de imaginar que a companheira desfruta de relações sexuais apaixonadas com outrem. Os indicativos de que a infidelidade sexual é mais dolorosa para os homens, ao passo que as mulheres sofreriam mais com a infidelidade sentimental, estão presentes também em outros estudos (Buss, Larsen, Westen & Semmelroth, 1992; Tagler, 2010; Wiederman & Allgeier, 1993). A explicação da teoria evolucionista, em termos de causação última (valor de sobrevivência para a espécie) está relacionada com a certeza da paternidade (Harris & Christenfeld, 1996). Ou seja, por sermos

mamíferos, a mãe saberia que o filho é seu, pois passa por todo processo de gravidez, parto e nascimento do bebê. Por sua vez, o pai nem sempre tem indicadores precisos sobre o grau de certeza sobre o filho ou filha. No entanto, os resultados das pesquisas sobre atitudes frente à infidelidade são controversos, vez que há trabalhos indicando que tanto o homem quanto a mulher sofrem mais com a infidelidade sexual, enquanto outros estudos não encontraram quaisquer diferenças entre os sexos, conforme advertem Poeschl, Múrias e Ribeiro (2003).

Em consonância à expectativa apresentada no racional da presente pesquisa, quanto mais o pai e a mãe consideravam sua relação conjugal satisfatória, menos referiam se engajar em interações conflitivas com o cônjuge, sendo essas presenciadas ou não pelos filhos. No que diz respeito aos conflitos conjugais presenciados pelas crianças, Lindahl e Malik (2011), em um estudo cujo objetivo foi verificar se os tipos de resolução de conflitos conjugais se relacionavam às percepções das crianças sobre conflito conjugal, sentimentos de ameaça e de culpa, identificaram que no grupo caracterizado pela relação de casal harmoniosa, as situações de discórdia entre os cônjuges foram caracterizadas como pouco frequentes, de baixa intensidade e com resolução efetiva. Constatou-se exatamente o oposto no grupo caracterizado pela hostilidade: maior frequência e intensidade de interações adversas entre o casal, bem como menor nível de resolução de conflitos (Lindahl & Malik, 2011). De tal modo, as estratégias de resolução de conflitos parecem diferir entre casais satisfeitos e insatisfeitos com a relação conjugal: os primeiros buscam a facilitação da compreensão mútua, procurando não expressar menosprezo e fúria, ao passo que os segundos se utilizam de estratégias aversivas, tendendo a rejeitar e a culpabilizar o parceiro (Narciso & Ribeiro, 2009).

Ademais, com base nas asserções dos 104 casais participantes do estudo ora discutido, identificou-se que a *satisfação conjugal* esteve negativamente relacionada à *evitação* e à *reciprocidade negativa*, tanto para o pai quanto para a mãe; ou seja, quanto menor a *satisfação conjugal*, mais prevalentes se apresentaram os comportamentos evitativos e de *reciprocidade negativa*. Esses resultados coadunam com Humbad e cols. (2011), que indicam que as relações conjugais caracterizadas por um padrão de retraimento ou por comportamentos evitativos dos cônjuges estão consistentemente associadas à insatisfação no casamento. Nesse sentido, casais que evitam o conflito aberto, ou a exposição dos problemas e das insatisfações, podem vir a intensificar tal conflito, uma vez que não entram na fase de resolução (Narciso & Ribeiro, 2009). Além disso, a *reciprocidade negativa*, que diz respeito

aos sentimentos de desigualdade na relação, troca de críticas, cobranças e acusações entre os membros do casal, bem como pelo tom áspero e hostil utilizado na comunicação verbal, associa-se à afetividade negativa e à insatisfação no casamento, o que, de acordo com Humbad e cols. (2011), está relacionado a um aumento nas chances de ocorrência de divórcio.

Ainda no tocante à *reciprocidade negativa*, constatou-se que a média das mulheres na referida dimensão é significativamente maior do que a média dos homens. Nesse sentido, há indicativos de que a mãe refere, de modo mais importante que o pai, que faz concessões e favores ao companheiro (tendo a impressão de que isso não é recíproco), considerando sua relação de casal desigual e permeada por discussões marcadas por cobranças e acusações. Esse resultado é reforçado também pelos dados obtidos na dimensão *reciprocidade*. Nessa dimensão, a categoria mais prevalente de respostas dos participantes de ambos os sexos dizia respeito à equidade na relação – 87,5% dos homens e 84,6% das mulheres responderam considerar a sua relação conjugal justa, na qual ambos ganham igualmente por estar juntos. A categoria classificada em segundo lugar se referia ao casamento como sendo mais favorável aos homens, o que foi relatado tanto pelas mulheres (14,4%), quanto pelos próprios homens (7,7%).

Assim, apesar de a maioria dos participantes de ambos os sexos considerar equânime a sua relação de casal – o que coaduna com o fato de a amostra se caracterizar pelos altos escores médios em *harmonia conjugal* ( $> 5$ ) –, constatou-se que o relacionamento marital é considerado de modo mais favorável ao sexo masculino, como segunda categoria mais prevalente de respostas sobre *reciprocidade*. No concernente a tal situação, Narciso e Ribeiro (2009) salientam que o casamento parece trazer mais benefícios para os homens do que para as mulheres. Carter e McGoldrick (1995) também indicam que, apesar de as mulheres anteciparem de maneira mais entusiasmada do que os homens o casamento, estatisticamente, ele não tem sido muito saudável para elas. Um dos elementos associados a tal entendimento diz respeito ao fato de as mulheres contemporâneas, de modo geral, acumularem a jornada de trabalho fora do lar e as atividades domésticas, conforme já discutido anteriormente. Nas participantes da presente pesquisa, especificamente, 16,7% não trabalhavam fora de casa no momento da coleta de dados, sendo classificadas como do lar ou desempregadas, ao passo que 83,3% estavam inseridas no mercado formal de trabalho.

Dessa maneira, tem-se a impressão de que as mulheres referem maior *reciprocidade negativa*<sup>32</sup>, ou seja, desigualdade na relação, tendendo a fazer cobranças aos seus companheiros, em virtude de se sentirem injustiçadas e sobrecarregadas com o acúmulo das atividades profissionais formais, de cuidado com os filhos e com o domicílio familiar. Nesse sentido, as significativas mudanças no papel social da mulher, caracterizadas pelo seu ingresso no mercado de trabalho, sua independência financeira, uso de métodos contraceptivos e maior liberdade sexual (Bolze, 2011; Carter & McGoldrick, 1995; McGoldrick, 1995), fizeram aumentar também a incidência de conflitos de gênero decorrentes da busca pela igualdade de direitos, bem como a necessidade de o homem alterar o seu modo de participação no contexto domiciliar (Jablonski, 2011). Quando isso não ocorre, parece haver um aumento da probabilidade de eclosão de conflitos conjugais, estando a mulher mais vulnerável ao estresse, em virtude da sobrecarga. Destaca-se que a inserção feminina no mercado de trabalho não esteve associada à diminuição das suas atividades dentro do lar ou à divisão mais equânime dos afazeres domésticos entre os cônjuges (muito embora existam indicativos de que o pai está mais engajado nas tarefas de cuidado com os filhos); de tal modo, essa assimetria parece tornar os homens coadjuvantes das responsabilidades domésticas (Jablonski, 2010). Coadunam com essas asserções os resultados da PNAD de 2006, que identificou que 9 mulheres de cada 10 realizam atividades domésticas, enquanto apenas a metade dos homens entrevistados referiu desempenhar tais atribuições (IBGE, 2007).

Tanto o conflito conjugal quanto a satisfação no casamento são reconhecidos, na atualidade, como fenômenos complexos, nos quais diferentes variáveis podem acarretar interferências, como é o caso das características individuais dos membros do casal e das variáveis sociodemográficas, como grau de escolaridade, renda, número e presença de filhos na residência (Epstein, Baucom & LaTaillade, 2006; Norgren & cols., 2004; Rauer & cols., 2008; Wagner & Falcke, 2001). Essas considerações são congruentes com a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. Isso porque as características de pessoa (como é o caso da herança genética, do temperamento e da personalidade) e as características do contexto (incluindo-se aí tanto o contexto imediato como o mais remoto), interferem no conteúdo, na

---

<sup>32</sup> Lembrando que é estatisticamente significativa, com base no teste Mann-Whitney, a diferença das médias masculina e feminina na dimensão *reciprocidade negativa*.

direção, no poder e na forma de estabelecimento dos processos proximais, os quais fomentam o desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011; Bronfenbrenner & Evans, 2000). Desse modo, com base na teoria bioecológica, é possível afirmar que os atributos de pessoa e as variáveis contextuais ou ambientais influenciam o processo de desenvolvimento dos cônjuges e, por conseguinte, o casamento e a família.

Assim, considera-se que o conflito marital e a satisfação no casamento sofrem interferências das variáveis sociodemográficas das famílias, como grau de escolaridade do casal, renda, número e presença de filhos na residência (Epstein & cols., 2006; Norgren & cols., 2004; Rauer & cols., 2008; Wagner & Falcke, 2001). Nesse sentido, no que diz respeito às características socioeconômicas familiares, Conger, Conger e Martin (2010) identificaram, em um trabalho de revisão da literatura, que elas estiveram relacionadas não somente à satisfação e ao conflito conjugal, mas também à qualidade das interações pais-filhos, assim como a uma série de desfechos desenvolvimentais para adultos e para crianças.

Diferentes estudos mostram que o baixo nível socioeconômico familiar está associado ao aumento das situações de estresse conjugal e à diminuição da satisfação no relacionamento de casal (Dakin & Wampler, 2008; Epstein & cols., 2006; Falconier & Epstein 2010; Karney & Bradbury, 2005; Vinokur, Price & Caplan, 1996). No que concerne ao presente estudo, confirmando a expectativa referida no racional da pesquisa e em concordância com os achados da literatura revisada, foram identificadas associações entre a conjugalidade e as variáveis do contexto sociodemográfico das famílias.

De tal maneira, constatou-se que os rendimentos do pai, da mãe e da família estiveram positivamente relacionados ao escore geral do QRC das mulheres (ou seja, quanto maior a renda, mais satisfatória a mulher considera a sua relação conjugal) e negativamente relacionados à *reciprocidade negativa* da mãe e à *evitação* do pai (isto é, quanto menor a renda, mais a mãe se sente injustiçada na relação de casal, referindo a ocorrência de brigas, acusações e agressões, e mais o pai indica adotar comportamentos de retração, com o intuito de evitar desavenças, exposição de sentimentos e de fraquezas pessoais). Outrossim, as *fontes de conflito entre o casal* e a *evitação* da mãe, bem como a *reciprocidade negativa* do pai, relacionaram-se à renda do pai e à renda familiar total (mas não se relacionaram à renda da mãe).

No tocante a tais achados, verifica-se, em primeiro lugar, que as concepções das mulheres sobre o relacionamento conjugal parecem mais sensíveis à variável renda do que as concepções dos homens. Isso

porque, das seis variáveis acerca do relacionamento conjugal que se relacionaram significativamente à renda do casal e/ou da família, quatro diziam respeito às respostas da mãe (escore geral do QRC, *reciprocidade negativa*, *evitação* e *conflito entre o casal*), ao passo que duas eram concernentes às respostas do pai (*reciprocidade negativa* e *evitação*). Em segundo lugar, a renda do pai e a renda familiar mensal estão relacionadas de maneira mais prevalente às variáveis do relacionamento conjugal do que a renda da mãe, diretamente, uma vez que a renda do pai e a renda mensal familiar estiveram presentes nas seis correlações, enquanto a renda da mãe foi constatada apenas em três delas. Ademais, os coeficientes de correlação entre as variáveis vinculadas ao relacionamento conjugal e à renda da mãe, caracterizaram-se, de modo geral, como mais fracos do que os coeficientes de correlação entre as variáveis vinculadas ao relacionamento conjugal e os rendimentos do pai e da família.

Esses resultados são compatíveis com os obtidos por Falconier e Epstein (2010), em uma pesquisa sobre satisfação conjugal e dificuldades econômicas (*economic strain*) junto 144 casais argentinos. Os referidos autores também identificaram diferenças de gênero na amostra: quando um homem passa por dificuldades econômicas, ambos os parceiros tendem a ser mais agressivos em relação um ao outro, demonstrando menos comportamentos positivos nas interações conjugais; esses comportamentos, por sua vez, associam-se à menor satisfação conjugal para as mulheres. Sendo assim, uma menor remuneração masculina está associada à maior insatisfação feminina na vida de casal. Falconier e Epstein (2010) discutem também que as mulheres concebem a instabilidade financeira do cônjuge como mais ameaçadora do que a sua própria. Isso reflete a maior participação do homem nas finanças familiares, em virtude da maior renda por ele percebida, especialmente em sociedades nas quais ainda é proeminente a divisão tradicional de papéis de gênero no casamento. Corroborando com tais apontamentos, destaca-se que a diferença na remuneração dos cônjuges foi significativa nas famílias participantes desta pesquisa: conforme já afirmado anteriormente, a remuneração do pai foi, em média, 57% maior do que a remuneração da mãe, perfazendo um importante volume da renda familiar mensal (lembrando que o coeficiente de correlação entre renda paterna e renda familiar nessa pesquisa de dissertação é .86).

No presente estudo, cônjuges e famílias com menor renda, em comparação àqueles com maior renda, apresentaram significativamente menor escolaridade, sendo esse resultado compatível com a literatura

(Dakin & Wampler, 2008). De tal modo, era esperado que o grau de instrução dos cônjuges também estivesse relacionado à conjugalidade. Nesse sentido, acompanhando a tendência da remuneração, identificou-se que quanto menor a escolaridade, mais prevalentes são as interações adversas entre o casal e menor a *qualidade do relacionamento conjugal*. Esse resultado também é congruente com dados obtidos em outros estudos, que apontam o grau de instrução formal dos cônjuges como uma das múltiplas variáveis que interferem na satisfação conjugal (Conger & cols., 2010; Norgren & cols., 2004; Rauer & cols., 2008; Wagner & Falcke, 2001). Desse modo, um maior nível de escolaridade associa-se positivamente à satisfação conjugal (Conger & cols., 2010; Dakin & Wampler, 2008).

Apresentaram-se também relacionadas ao relacionamento conjugal, as variáveis referentes à quantidade de filhos do casal, bem como à quantidade de pessoas que reside no domicílio familiar. Identificou-se que quanto maior o número de filhos e o número de pessoas vivendo na residência, menor a qualidade da relação de casal referida pela mulher. Wendorf, Lucas, Imamoğlu, Weisfeld e Weisfeld (2011), com o objetivo de examinar o impacto do número de filhos na satisfação conjugal em diferentes culturas, realizaram uma pesquisa com mais de 2.000 casais dos seguintes países: Estados Unidos, Reino Unido e Turquia. Os autores constataram que, nas três nacionalidades investigadas, o número de crianças tem um impacto negativo sobre a satisfação conjugal (Wendorf & cols., 2011).

Ainda de acordo com os autores supracitados, em alguns casais a satisfação conjugal declina com o aumento da idade dos homens e das mulheres, sendo esse fenômeno parcialmente explicado pelo maior número de filhos, uma vez que o número de crianças é altamente correlacionado à idade dos cônjuges (Wendorf & cols., 2011). Na presente pesquisa, um processo semelhante ao descrito por esses autores foi identificado: constatou-se que a *harmonia conjugal* relatada pelas mães se correlacionou negativamente às idades de pai e de mãe. Desse modo, quanto maior a idade dos membros do casal, menos harmoniosa a mãe considera a sua relação conjugal.

Corroborando com esse resultado, Orathinkal e Vansteenwegen (2007) também identificaram que a satisfação conjugal tende a declinar com o aumento da idade e o maior número de filhos do casal. Ao se considerar as associações descritas na literatura e o fato de a *harmonia conjugal* referida apenas pela mãe estar relacionada negativamente à idade dos cônjuges, tem-se a impressão de que, em virtude de as mulheres acumularem maiores responsabilidades e funções no cuidado

com os filhos e com o domicílio, elas se tornam mais sensíveis a essas variáveis. Vale ressaltar que a maior idade dos cônjuges esteve significativamente relacionada ao maior número de filhos por família participante. Sendo assim, supõe-se que quanto maior a idade dos pais, mais filhos tende a ter o casal, acarretando em um aumento da carga de trabalho e do estresse da mãe, o que contribui para a diminuição da *harmonia conjugal* por ela referida.

As análises mostraram a relação significativa entre o gênero da criança e a *satisfação conjugal* do pai: os homens tendem a avaliar mais positivamente o relacionamento de casal quando a criança é do sexo masculino. A literatura contempla achados interessantes no que diz respeito a esse resultado. Diferentes estudos obtiveram que pai e mãe de crianças do sexo feminino têm maior risco de divórcio em comparação a pai e mãe de crianças do sexo masculino (Ananat & Michaels, 2007; Bedard & Deschenes, 2005; Morgan, Lye & Condran, 1988). No tocante a essa constatação, Morgan e cols. (1988) argumentam que a parentalidade cria uma nova base para a estabilidade do relacionamento conjugal, e que essa base é notadamente forte se o pai está envolvido no processo de cuidado à criança. Sendo assim, há uma relação positiva entre engajamento paterno e qualidade do relacionamento conjugal. Contudo, as normas sociais parecem incentivar uma maior participação do pai na criação de crianças do sexo masculino (Morgan & cols., 1988). Bolze (2011) e Bossardi (2011) também identificaram uma tendência de o homem se engajar mais com o filho do que com a filha, havendo indicativos de que o pai se envolve mais com crianças do sexo masculino por se sentir mais preparado para lidar com elas (Bolze, 2011; Turcotte & Gaudet, 2009). Desse modo, se a participação paterna é mais proeminente junto aos meninos e se o engajamento do pai está ligado à percepção de maior qualidade conjugal, a identificação de que os homens avaliam mais positivamente o relacionamento conjugal quando o filho é do sexo masculino coaduna com os dados da literatura.

Constatou-se ainda que a variável tempo de união do casal não esteve significativamente relacionada a nenhuma outra variável referente ao relacionamento conjugal. Esse resultado, que já era esperado e havia sido explicitado no racional da pesquisa, também é congruente com achados da literatura acerca da temática. Conforme indicam Norgren e cols. (2004), um casamento duradouro não necessariamente se caracteriza como um casamento satisfatório. Isso porque existem diferenças entre estabilidade conjugal e satisfação conjugal, uma vez que um casamento, mesmo que insatisfatório para os cônjuges, pode se manter por diferentes motivos, tais quais o medo de

ficar sozinho, razões religiosas e patrimoniais, dentre outras (Norgren & cols., 2004).

Por fim, com base na análise dos resultados da presente pesquisa, identificou-se ainda que os pais e as mães participantes concordam quanto à caracterização do seu relacionamento conjugal como harmônico e pouco conflituoso. No que diz respeito a tal conformidade, Lacharite, Frenière e Bigras (1991) discutem a interdependência entre os membros de uma díade, que pode ser compreendida como a influência comportamental recíproca entre os cônjuges, a qual afeta os pensamentos, emoções e percepções de cada um deles. Tal interdependência se vincula, portanto, a concepções semelhantes acerca da relação conjugal, o que foi constatado nos casais que responderam aos instrumentos dessa pesquisa.

### ***6.3 Características do temperamento das crianças e suas relações com as variáveis sociodemográficas das famílias***

A análise do *very short* CBQ revelou que o fator o qual obteve os mais altos escores médios no grupo de crianças avaliado foi o *controle com esforço*, de acordo com as respostas de pai e de mãe. Outrossim, identificou-se ainda que as médias de *controle com esforço* foram progressivamente maiores de acordo com a idade das crianças focais, segundo as respostas maternas, sendo essa diferença estatisticamente significativa na comparação entre as crianças de quatro anos com as crianças de cinco anos e entre as crianças de quatro anos com as crianças de seis anos. Assim, embora não tenha sido identificada diferença estatisticamente significativa na comparação entre as crianças de cinco anos com as crianças de seis anos no que se refere ao fator *controle com esforço*<sup>33</sup>, aos quatro anos de idade as crianças focais apresentam significativamente menor *controle com esforço*, ou seja, focalização de atenção, controle inibitório, prazer de baixa intensidade e sensibilidade perceptual, do que as crianças aos cinco e aos seis anos de idade, conforme as respostas das mães ao CBQ.

Esse dado é compatível com os resultados esperados na pesquisa. A literatura sobre a temática indica que, embora o temperamento seja relativamente estável ao longo do tempo, o processo

---

<sup>33</sup> É possível pensar que o pequeno número de crianças focais com idade de seis anos (11 crianças ao todo, perfazendo 10,6% do total) pode ter relação com esse resultado, uma vez que as médias das mães no fator *controle com esforço* foram progressivamente maiores de acordo com a idade das crianças.

de desenvolvimento influencia o modo como ele se apresenta (Else-Quest & cols., 2006). Nesse sentido, é natural que o *controle com esforço* seja maior em crianças de seis anos em comparação às crianças com menor idade. Isso porque o *controle com esforço* surge em torno do primeiro ano de vida e tende a ficar mais sofisticado e organizado à medida que a criança se aproxima do período pré-escolar (Hill-Soderlund & Braungart-Rieker, 2008; Klein, 2009; Zentner & Bates, 2008). Nesse sentido, o referido fator do temperamento é o que aparece mais tardiamente no desenvolvimento, uma vez que a *extroversão* e o *afeto negativo* podem ser observados com clareza já nos primeiros meses de idade, por meio de reações de esquivas e de frustração ou, ainda, através do sorriso, por exemplo (Klein, 2009; Rothbart, 2007; Rothbart & Bates, 1998). Apesar da origem constitucional do *controle com esforço*, o desenvolvimento desse fator faz parte do processo de socialização, durante o qual as crianças podem aprender a controlar seus impulsos comportamentais e emocionais, apresentando reações e comportamentos mais aceitos socialmente (Karreman, van Tuijl, van Aken & Dekovic, 2008).

O *controle com esforço* se relaciona à habilidade de autorregulação voluntária, sendo definido como a capacidade de inibir uma resposta dominante em favor de uma subdominante (Hill-Soderlund & Braungart-Rieker, 2008; Karreman & cols., 2008; Zentner & Bates, 2008). Gunnar e cols. (2003), em estudo desenvolvido junto a 82 pré-escolares, identificaram que a agressividade nas crianças esteve positivamente relacionada ao pobre *controle com esforço* e, por conseguinte, à maior rejeição por pares. Além disso, de acordo com Crawford e cols. (2011), crianças com altos níveis de *controle com esforço* apresentam estratégias de enfrentamento mais adaptativas em situações ansiogênicas, demonstrando um sofisticado nível de regulação emocional. Além dos desfechos desenvolvimentais positivos em pré-escolares, o *controle com esforço* se associa ainda a bons resultados educacionais em crianças em idade escolar, como é o caso de uma melhor habilidade para a leitura (Deater-Deckard, Mullineaux, Petrill & Thompson, 2009). Nesse sentido, conforme indicam Klein e Linhares (2010), altos escores nesse fator estão associados à supressão de tendências motivacionais e comportamentais dirigidas pelo afeto, o que possibilita a reprogramação do comportamento em situações de interesses conflitantes, relacionando-se a um melhor desenvolvimento afetivo e social.

Na presente pesquisa, os pais indicaram, em média, como nem verdadeiras nem falsas ou como razoavelmente verdadeiras para as suas

crianças as reações vinculadas ao prazer de alta intensidade, à impulsividade e ao nível de atividade. Essas dimensões, componentes do fator *extroversão*, quando em níveis excessivos, estão associadas a desfechos desenvolvimentais negativos. Sendo assim, altos escores em *extroversão* e em *afeto negativo* se relacionam a manifestações de agressividade em crianças (Rothbart & cols., 2001). Dos três fatores componentes do temperamento, os estudos tangentes à *extroversão* têm recebido menor atenção do que os trabalhos referentes ao *afeto negativo* e ao *controle com esforço* (Crawford & cols., 2011).

No que diz respeito ao *afeto negativo*, embora bastante próximas de altos escores médios, as respostas de pai e de mãe apontam esse fator como nem verdadeiro nem falso ou como razoavelmente verdadeiro para o seu filho. Os traços vinculados ao *afeto negativo* se referem à frequência e à intensidade das experiências de medo, desconforto, tristeza, raiva e capacidade de se acalmar. Eles são descritos como um padrão de reatividade motora, afetiva e sensorial (Rothbart, 2004) que pode incluir respostas de evitação, movimentos corporais e expressões faciais negativas, além de inibição à aproximação (Crawford & cols., 2011). Vinculando-se o temperamento à teoria bioecológica, é possível supor que altos escores no fator *afeto negativo* prejudicam o desenvolvimento dos *atributos de pessoa*, estimulando as disposições comportamentais *desorganizadoras*, isto é, aquelas que envolvem características como apatia, timidez excessiva e insegurança (Narvaz & Koller, 2004). Além disso, no estudo desenvolvido por Crawford e cols. (2011), constatou-se que altos escores de *afeto negativo* em pré-escolares predizem sintomas de internalização longitudinalmente, em especial quando associados a baixos escores de *controle com esforço*.

Conforme esperado, o teste estatístico Mann-Whitney não apontou diferenças significativas entre as respostas do pai e da mãe aos fatores do CBQ, indicando que, em média, eles concebem as manifestações das características de temperamento da sua criança de modo semelhante. Tais achados são congruentes com Putnam e Rothbart (2006), uma vez que esses autores, no artigo que aborda o processo de desenvolvimento da *very short form* do CBQ, apontam para o bom grau de concordância entre pais e mães respondentes no que concerne ao temperamento da criança focal.

Os fatores do CBQ foram também analisados no tocante ao gênero, com o intuito de verificar se a *extroversão*, o *afeto negativo* e o *controle com esforço* diferiram em função do sexo da criança. Os resultados mostram que pai e mãe referem observar mais reações de

*afeto negativo* (medo, desconforto, tristeza, raiva e baixa capacidade de se acalmar) nas crianças do sexo feminino, sendo esse o único fator que apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os gêneros. Os achados da literatura são contraditórios no concernente às diferenças de gênero no temperamento infantil. Else-Quest e cols. (2006), em uma revisão da literatura que envolveu estudos junto a crianças de três meses a 13 anos, constataram que, apesar da pequena diferença de gênero no que diz respeito aos maiores escores na dimensão *medo* demonstrados por crianças do sexo feminino, o fator *afeto negativo*, de modo geral, não apresentou diferença significativa de acordo com o gênero. Entretanto, Chaplin, Cole e Zahn-Waxler (2005) indicam que nas crianças em idade pré-escolar, especificamente, diferenças de gênero na expressão emocional têm sido identificadas, sendo as garotas mais propensas a demonstrar tristeza e menos propensas a demonstrar raiva do que os garotos.

Igualmente, é importante destacar ainda o viés dos estereótipos de gênero no que diz respeito à afetividade das crianças. De acordo com Else-Quest e cols. (2006), as garotas são estereotipadas como apresentando maiores reações de medo e de tristeza e menores reações de raiva do que os garotos<sup>34</sup>. Essas estereotipias podem influenciar o processo de desenvolvimento infantil, uma vez que os pais tendem a encorajar ou a reforçar que seus filhos apresentem comportamentos e reações aceitas socialmente com base nos estereótipos de gênero. Além disso, é possível levantar a hipótese de que as próprias respostas de pai e de mãe ao CBQ, durante o processo de coleta de dados, podem ter sido influenciadas por esses estereótipos de gênero, caracterizando-se então pela desejabilidade social.

Os fatores do CBQ foram ainda correlacionados às variáveis sociodemográficas das famílias participantes. Verificou-se que o único fator que apresenta correlações estatisticamente significativas com as variáveis sociodemográficas das famílias é o *afeto negativo*, tanto o referido pelo pai, quanto o referido pela mãe. Nesse sentido, identificou-se que a escolaridade do pai e da mãe, assim como os rendimentos do

---

<sup>34</sup> Considerando que a literatura aborda as diferenças de gênero com base nas dimensões do fator *afeto negativo* (por exemplo, *medo*, *tristeza* e *raiva*), é importante destacar que a comparação dos resultados dessa pesquisa com achados de outros estudos no que se refere a essas dimensões, isoladamente, não pôde ser realizada. Isso ocorreu em virtude de a *very short form* do CBQ ter sido criada para capturar unicamente os três fatores do temperamento, e não de maneira específica as dimensões que os compõem (Putnam & Rorhbart, 2006).

pai, da mãe e a renda familiar total estiveram inversamente relacionados ao *afeto negativo* da criança, segundo as respostas maternas. Sendo assim, quanto menor a renda e a escolaridade dos pais, maior o *afeto negativo* infantil, de acordo com as mulheres. Igualmente, o *afeto negativo* referido pelo pai também se relacionou de maneira negativa à renda familiar total e à renda paterna.

Esses resultados coadunam com os achados de Jansen e cols. (2009), em um estudo que visou a investigar as associações entre características socioeconômicas familiares e temperamento na infância, desenvolvido junto a mais de quatro mil crianças com seis meses de idade. Jansen e cols. (2009) identificaram que as iniquidades socioeconômicas estão associadas ao temperamento desde um período bastante precoce do processo de desenvolvimento infantil. No que diz respeito ao *afeto negativo*, especificamente, foi constatado que maiores escores na dimensão *medo* estiveram associados à menor escolaridade materna, ao menor status profissional da mãe (*maternal occupational status*) e à menor renda familiar. Em adição a isso, identificou-se ainda que a menor escolaridade paterna também se associou a escores mais altos na dimensão *medo*. Desse modo, os achados de Jansen e cols. (2009) são compatíveis aos da presente pesquisa, tendo em vista a constatação de relações entre características socioeconômicas das famílias e *afeto negativo* das crianças.

Ademais, mães que têm dois ou mais filhos referem maiores reações de raiva, desconforto, medo, tristeza e menor capacidade de se acalmar na criança focal em comparação às mães de apenas um filho. Do mesmo modo, quanto maior o número de pessoas residindo no domicílio familiar, mais as mulheres constataam *afeto negativo* na criança focal. Destaca-se, nesse sentido, que um dos fatores de risco ao desenvolvimento infantil se refere a características sociodemográficas, como o número de crianças e o número total de pessoas residindo no domicílio familiar (Mills & cols., 2011). O maior número de crianças e o maior tamanho familiar estão associados à menor atenção individual aos filhos, à parentalidade menos positiva e à utilização de disciplina mais autocrática pelos pais, conforme apontam Mills e cols. (2011). Nesse sentido, há indicativos de que o estresse familiar e a maior sobrecarga de trabalho materno em famílias numerosas têm efeitos sobre a qualidade da parentalidade, tornando as mães mais críticas quanto às reações de *afeto negativo* do seu filho. Por outro lado, parece também que tanto a parentalidade menos positiva, mais crítica e/ou punitiva, quanto a menor atenção individual recebida pela criança no ambiente familiar, favorecem as manifestações de raiva, tristeza, desconforto,

medo e baixa capacidade de se acalmar, estando relacionadas, portanto, ao *afeto negativo*.

Cabe ressaltar, por fim, que se constatou a relação entre número de filhos e número de pessoas na residência com o *afeto negativo* das crianças apenas para a mãe. Nesse sentido, Leve e cols. (2001) apontam que diferenças entre a forma que homens e mulheres caracterizam o temperamento do seu filho em relação às variáveis ambientais já foram identificadas em estudos anteriores. Como mães e pais interagem de maneiras distintas com os filhos, essas diferenças acerca das percepções do temperamento infantil são esperadas. De modo específico, a mãe tende, de maneira mais prevalente que o pai, a caracterizar a criança por “temperamento difícil” (Leve e cols., 2001).

#### **6.4 O relacionamento conjugal e suas relações com o temperamento das crianças**

O objetivo geral do presente trabalho foi verificar a relação entre relacionamento conjugal dos pais e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos. Nesse sentido, análises de correlação foram realizadas entre os resultados obtidos por meio dos instrumentos de medida do relacionamento conjugal (FLOREAL e QRC) e do instrumento de medida do temperamento (CBQ – *very short form*). Constatou-se que o *afeto negativo* foi o fator do temperamento cujas correlações apresentaram maior força e maior prevalência.

Os resultados mostraram que, tanto no FLOREAL paterno como no materno, quanto maior a *reciprocidade negativa*, a *evitação* e as *fontes de conflito entre o casal*, mais ambos os pais referem *afeto negativo* para a criança focal. Além disso, no que diz respeito ao QRC do pai, a dimensão *conflito conjugal* também se relacionou positivamente ao *afeto negativo* referido no CBQ paterno. Outrossim, o QRC materno, no tocante ao escore geral e às dimensões *qualidade do relacionamento conjugal* e *satisfação conjugal*, esteve negativamente relacionado ao *afeto negativo* referido pelo pai, indicando que quanto mais positiva a mulher julga a sua relação de casal, menos o homem indica *afeto negativo* na criança.

Em síntese, esses resultados sugerem que a menor *qualidade do relacionamento conjugal*, o *conflito conjugal*, a *evitação* e a *reciprocidade negativa* entre os cônjuges estão relacionados a maiores escores no fator *afeto negativo* do temperamento infantil. Desse modo, tais constatações coadunam com os resultados esperados, conforme explicitado no racional da pesquisa, vez que havia a expectativa de que a

baixa qualidade da conjugalidade e as interações conflitivas entre o casal estariam associadas a maiores escores no fator *afeto negativo*.

Esses resultados são concernentes a outros achados da literatura, que apontam para a relação entre *afeto negativo* e relacionamento conjugal (Crockenberg & cols., 2007; Leve & cols., 2001; Mehall & cols., 2009). No que tange a essa temática, há indicativos de que crianças com características de temperamento ligadas à afetividade negativa podem acarretar maiores níveis de estresse à relação conjugal, prejudicando-a (Leve & cols., 2001). De tal forma, enfatiza-se a influência do temperamento dos filhos na conjugalidade dos pais.

Por outro lado, há também pesquisas que assinalam a sensibilidade das crianças aos aspectos emocionais do contexto, sugerindo que filhos expostos a frequentes e intensas interações conflitivas entre o casal apresentam mais fortemente *afeto negativo*, incluindo reações de raiva, medo e tristeza (Crockenberg & cols., 2007; Davies, Sturge-Apple, Cicchetti, Manning & Zale, 2009; El-Sheikh, 1997). Especificamente nesse sentido, Crockenberg e cols. (2007) postulam que a direção da influência parece ser primariamente dos pais para os filhos, e não o contrário, uma vez que as medidas de agressão conjugal da pesquisa desenvolvida por essas autoras foram obtidas no período pré-natal, não podendo ser consideradas, portanto, como uma resposta às disposições do temperamento infantil.

Embora estejam descritas na literatura as relações entre conjugalidade satisfatória ou insatisfatória e temperamento de crianças no que diz respeito ao *afeto negativo*, há indicativos de que tal relação nem sempre ocorre de maneira direta. Cook e cols. (2009) identificaram que a conjugalidade modera as relações entre crianças com *afeto negativo* e comportamento de apoio na coparentalidade de seus pais. Sendo assim, verificou-se que o *afeto negativo* da criança é um significativo preditor de fraca coparentalidade de apoio, de modo que filhos com temperamento difícil tendem a acarretar maiores níveis de estresse aos pais, impactando significativamente a qualidade do relacionamento conjugal. Isso porque o comportamento de coparentalidade mais fraco está associado a desdobramentos no relacionamento conjugal (Burney & Leerks, 2010). Nesse sentido, considerando a relação positiva entre engajamento no processo de cuidado aos filhos e relacionamento conjugal (Morgan & cols., 1988), é esperado que crianças com intensas reações de *afeto negativo* se caracterizem como mais difíceis de serem cuidadas, acarretando estresse aos pais, prejuízos à coparentalidade de apoio e, por conseguinte, à

conjugalidade. Sendo assim, casais que apresentam maiores dificuldades na parentalidade tendem a experienciar menor satisfação com a conjugalidade (Mehall & cols., 2009).

Ainda no tocante aos resultados obtidos na presente pesquisa no que se refere à relação entre o *afeto negativo* das crianças e as características do relacionamento conjugal, bem como das interações conflitivas vivenciadas pelo casal, vale ressaltar que a maneira como o conflito é solucionado pelos pais também influencia as reações apresentadas pelos filhos. Nesse sentido, Schudlich, White, Fleischhauer e Fitzgerald (2011), em um trabalho cujo objetivo foi examinar as associações entre conflito interparental e reações infantis, identificaram que estilos negativos de resolução de conflitos conjugais, nos quais o casal adota estratégias destrutivas (incluindo atitudes defensivas, desprezo, cobrança e raiva entre os cônjuges) ou depressivas (caracterizadas por evitação ou afastamento, bem como por sentimentos de tristeza e desesperança), estão associadas a manifestações de afetividade negativa na criança, relacionando-se à menor segurança emocional nos filhos. Desse modo, com base na descrição sobre os estilos de resolução de conflitos oferecida por Schudlich e cols. (2011), é possível vincular a *reciprocidade negativa* do FLOREAL às estratégias destrutivas, enquanto a *evitação* estaria vinculada às estratégias depressivas, sendo as duas modalidades relacionadas ao *afeto negativo* infantil.

Em contrapartida, as estratégias construtivas de resolução das desavenças conjugais, que incluem a validação dos pontos de vista do cônjuge e as boas habilidades de comunicação entre o casal, podem apresentar efeitos benéficos para as crianças, favorecendo a menor emergência de reações negativas e maior segurança emocional (Schudlich & cols., 2011). Nesse sentido, destaca-se que o escore geral e os itens do QRC referentes à *qualidade* e à *satisfação conjugal*, apresentaram-se inversamente relacionados ao *afeto negativo*. Desse modo, há indicativos de que o relacionamento conjugal positivamente valorado pelos cônjuges, no qual há uma maior probabilidade de utilização de estratégias construtivas de resolução de conflitos, está relacionado ao menor *afeto negativo* das crianças.

Em adição ao *afeto negativo*, esteve ainda relacionado ao *conflito conjugal* (tanto no QRC, quanto no FLOREAL da mãe), o fator do temperamento *extroversão* mencionado pelo pai. Dessa maneira, constata-se que quanto mais o pai caracteriza as reações de sua criança por impulsividade, maior nível de atividade, prazer de alta intensidade e baixa timidez, mais a mãe afirma que o casal vivencia situações de

desavenças conjugais. Sobre as características referentes esse fator, Gunnar e cols. (2003) indicam que crianças as quais apresentam altos escores em *extroversão* têm aumentada a probabilidade de se engajar em conflitos e em interações adversas, tanto com adultos quanto com pares em idade. Assim, com base nas asserções desses autores, há indicativos de que a alta *extroversão* da criança acarreta estresse aos pais, podendo se relacionar à emergência de conflitos entre o casal.

Contudo, é importante ressaltar que Rubin, Coplan, Fox e Calkins (1995) concebem a *extroversão* como uma “faca de dois gumes”: crianças com acentuadas características desse fator e pobre autorregulação foram classificadas como apresentando maiores problemas de externalização do que aquelas com boa autorregulação. Nesse sentido, parece que os desfechos desadaptativos estão associados à interação entre os dois fatores, e não somente à *extroversão*. Confirmando tal indicação, Gunnar e cols. (2003) assinalam que, em pré-escolares, a alta *extroversão* e o baixo *controle com esforço* (isto é, aspecto autorregulatório do temperamento) estão associados positivamente à agressividade e, por consequência, à rejeição por pares em idade. Vale ressaltar que nas crianças que compuseram a amostra da presente pesquisa, o fator *controle com esforço* recebeu altos escores médios, o que sugere a diminuição do risco de possíveis desfechos negativos na interação com o fator *extroversão*, levando em conta as indicações dos autores supracitados.

Ainda no que diz respeito ao *controle com esforço*, constatou-se a relação desse fator do CBQ ao escore geral do QRC, ambos respondidos pelo pai. Sendo assim, quanto menor controle inibitório, focalização de atenção, sensibilidade perceptual e prazer de baixa intensidade apresenta a criança, também menos favoravelmente o pai tende a qualificar o seu relacionamento de casal, em termos de *qualidade, satisfação e conflito conjugal*. Esse resultado coaduna com as expectativas descritas no racional da pesquisa e com os achados de Porter, Wouden-Miller, Silva e Porter (2003), em um estudo sobre autorregulação na infância e qualidade conjugal (conflito e harmonia). Os referidos autores identificaram que o *conflito conjugal* acarreta baixos níveis de regulação emocional na criança, o que está ligado, portanto, ao pobre *controle com esforço*. Ademais, a associação positiva entre *qualidade do relacionamento conjugal* e *controle com esforço* também foi verificada por Mehall e cols. (2009), em um estudo longitudinal desenvolvido junto a pais e mães de bebês aos sete aos 14 meses de idade.

Nesse sentido, as disposições temperamentais referentes ao fator supracitado parecem se relacionar à conjugalidade, como foi identificado no presente trabalho. Ressalta-se, ainda, que o *controle com esforço* está associado a um nível mais sofisticado de regulação emocional e comportamental, sendo que crianças caracterizadas por altos escores nesse fator se utilizam de estratégias de enfrentamento mais adaptativas em situações ansiogênicas (Crawford & cols., 2011). Dessa forma, é possível considerar que quando os filhos apresentam como disposição temperamental maiores níveis de *controle com esforço* – o que se vincula a melhores resultados desenvolvimentais nos âmbitos afetivo e social (Karreman & cols., 2008; Klein & Linhares, 2010) – a rotina de cuidados maternos e paternos tende a ser mais prazerosa e menos estressante, relacionando-se, por consequência, à qualidade conjugal.

Destaca-se, por fim, que a literatura contempla as relações entre o temperamento infantil e o relacionamento conjugal dos pais, conforme também foi identificado no estudo ora discutido. Os trabalhos revisados apresentam resultados conflitantes no que diz respeito à direção dessa relação; ou seja, se o sentido da influência é prioritariamente do temperamento dos filhos para o relacionamento conjugal dos pais, ou ao contrário. No presente estudo não foi possível identificar a direção da referida relação, haja vista a dificuldade para fazê-lo em uma pesquisa cuja distribuição não se constitui como normal em todas as variáveis, tendo sido necessária a utilização de estatística não-paramétrica no processo de análise de dados, o que dificulta a realização de análises de regressão<sup>35</sup>. Isso porque, conforme afirmam Sampieri e cols. (2006), a regressão linear é um modelo matemático para estimar o efeito de uma variável sobre a outra que se associa ao coeficiente de Pearson e, portanto, à estatística paramétrica.

É fundamental ressaltar, contudo, que os efeitos da relação entre pais e filhos podem ocorrer simultaneamente, de modo bidirecional, de tal forma que as características dos pais modulam as características das crianças que, por sua vez, também modulam as características dos pais, por meio de um processo de trocas recíprocas (Leve & cols., 2001). Tal idéia é congruente com a perspectiva

---

<sup>35</sup> A análise de regressão se refere a uma extensão da análise de correlação, sendo também caracterizada como estatística inferencial. A regressão linear permite identificar o efeito de uma variável sobre a outra, concluindo a força da relação entre duas variáveis, no sentido de magnitude e direção (Dancey & Reidy, 2006).

sistêmica, a qual considera que os subsistemas familiares se relacionam e se influenciam mutuamente (Minuchin & cols., 1999), sendo considerados como circuitos de retroalimentação, à medida que o comportamento de cada pessoa é interdependente do comportamento das demais (Cerveny, 2000).

Ademais, pondera-se ainda que mesmo sendo identificadas relações entre a conjugalidade e o temperamento infantil, as pessoas em desenvolvimento estão expostas a outros contextos além do domiciliar (no qual são estabelecidas as relações conjugais e parentais). Assim, no que diz respeito ao que Bronfenbrenner (1994; 1996) denomina como *microsistema*, isto é, aos ambientes imediatos nos quais a pessoa em desenvolvimento se encontra e interage face a face, é possível citar, em adição à família, a escola para as crianças e o local de trabalho para os pais, por exemplo. De tal modo, para a teoria bioecológica, o desenvolvimento humano ocorre mediante a interação de um conjunto de sistemas, sendo que as características de pessoa – como o temperamento – influenciam o contexto e são também por ele influenciadas (Krebs & cols., 2008).



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 7.1 Principais conclusões e contribuições da Dissertação de Mestrado

A presente pesquisa permitiu compreender as características do relacionamento conjugal dos casais participantes, relacionando-as às dimensões do temperamento dos seus filhos. Contribui com a literatura, no sentido de que estabelece discussões sobre estudos concernentes às associações entre relações familiares e temperamento infantil, cujo foco de interesse é recente por parte de estudiosos do desenvolvimento humano (Putnam & cols., 2002; Wachs, 2002). Outrossim, investiga as características do temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos, período do desenvolvimento menos abordado nos trabalhos científicos sobre o tema, uma vez que a maior parte das pesquisas tem priorizado crianças menores (Klein & Linhares, 2010; Schmidt & cols., 2011).

Foi possível concluir que a relação de casal dos participantes se caracterizou, em média, pela *harmonia conjugal*, sendo que os membros da díade consideram o seu relacionamento marital satisfatório e pouco conflituoso. Tais características são consideradas como importantes recursos dos participantes, haja vista as associações descritas na literatura entre variáveis concernentes à conjugalidade (tal qual a *harmonia* e a *satisfação conjugal*) e níveis de saúde dos membros da família. Quanto ao temperamento infantil, o fator *controle com esforço* foi o que recebeu os maiores escores médios de acordo com as respostas de pai e de mãe. Identificou-se, ainda, que existem relações entre os fatores do temperamento da criança, notadamente o *afeto negativo*, e o relacionamento conjugal dos pais, especialmente nas variáveis ligadas à *qualidade do relacionamento conjugal*, ao *conflito conjugal*, à *reciprocidade negativa* e à *evitação*. De tal forma, há indicativos de que quanto maiores as reações de raiva, desconforto, tristeza, medo e baixa capacidade de se acalmar dos filhos, também mais caracterizado por interações conflitivas, *evitação* e *reciprocidade negativa* demonstra ser o relacionamento de casal.

Ademais, foram identificadas ainda relações entre variáveis sociodemográficas das famílias, relacionamento conjugal e temperamento infantil, tal como descrito nos estudos revisados. Desse modo, conclui-se que a escolaridade e os rendimentos dos cônjuges, bem como o número de pessoas que reside no domicílio familiar, estão relacionados às reações de raiva, desconforto, tristeza, medo e baixa capacidade de se acalmar, isto é, ao fator *afeto negativo* do

temperamento das crianças. Além disso, as variáveis sociodemográficas também se correlacionam a aspectos da conjugalidade dos pais, sugerindo que um maior número de moradores da residência familiar e uma menor escolaridade e renda dos cônjuges se associam à maior prevalência de interações conflitivas entre o casal, *reciprocidade negativa* e *evitação*, bem como à menor *qualidade conjugal*. Ao mesmo tempo, constatou-se também que as mulheres parecem mais sensíveis às relações entre as variáveis sociodemográficas e a conjugalidade do que os homens.

Participaram da pesquisa famílias biparentais, sendo os questionários sobre relacionamento conjugal (QRC e FLOREAL) e temperamento (CBQ) aplicados a ambos os cônjuges. De acordo com Karreman e cols. (2008), a maior parte dos estudos que abordam conjugalidade e parentalidade enfoca somente as mães; isto é, as mulheres são priorizadas para responder aos instrumentos de medida, em detrimento aos homens. Em adição a isso, há ainda indicações de que nas pesquisas que avaliam o temperamento infantil, os questionários também são aplicados predominantemente às mães (Klein & Linhares, 2010; Leve & cols., 2001).

Nesse sentido, destaca-se a relevância do presente estudo, por abranger as percepções dos homens e das mulheres sobre o relacionamento conjugal e o temperamento dos filhos. Assim, as medidas foram obtidas por meio do relato de dois informantes diferentes, sendo possível a comparação das repostas de pai e de mãe, e a identificação de semelhanças e de diferenças entre elas. No que diz respeito especificamente à conjugalidade, contar com as percepções de ambos os membros da díade é importante, haja vista que nas interações conjugais conflitivas há sempre duas realidades subjetivas, e não apenas uma realidade absoluta (Gottman & Silver, 2000). Outrossim, concepções de pai e de mãe sobre o temperamento infantil também são significativas. Isso porque, considerando-se que homens e mulheres interagem de formas diferentes com os filhos, percepções distintas acerca do temperamento das crianças também podem ser esperadas (Leve e cols., 2001).

Assim, apesar de os cônjuges concordarem com relação à maior parte das variáveis concernentes ao relacionamento conjugal, verificou-se diferença estatisticamente significativa no que diz respeito à *reciprocidade negativa*. De tal maneira, constatou-se que a mulher considera, mais prevalentemente que o homem, a sua relação de casal desigual e permeada por interações conflitivas com troca de cobranças e de acusações. No que tange aos fatores do temperamento, não foram

identificadas diferenças estatisticamente significativas com base nas médias das respostas de pai e de mãe, indicando que eles concordam com relação às características de *controle com esforço*, *extroversão* e *afeto negativo* da sua criança.

Acredita-se que a presente pesquisa pode também ser considerada relevante por abranger uma amostra não-clínica, isto é, composta por famílias (tanto os casais, quanto as crianças) que não haviam sido previamente identificadas por apresentar problemas de desenvolvimento ou potencial de risco para tanto. Assim, ressalta-se a intenção de se compreender o relacionamento conjugal e o temperamento infantil em relação aos processos de desenvolvimento normativo ou típico.

Por fim, merece destaque ainda a seguinte consideração: relatos dos respondentes sobre o efeito terapêutico gerado por participar da pesquisa. Alguns participantes indicaram que foi possível refletir sobre a relação conjugal e a relação parental, após a aplicação dos instrumentos referentes ao projeto de pesquisa maior (TIV), informando aos pesquisadores que pretendiam conversar com o cônjuge sobre questões suscitadas por intermédio dos itens respondidos. Em determinados casos, houve a afirmação de que os questionários serviram de estímulo para abordar aspectos referentes ao relacionamento familiar que ainda não haviam sido discutidos pelo casal, ou mesmo aqueles considerados tabus pelos cônjuges, o que leva a crer que a participação na pesquisa contribui para que os casais pensem a respeito das relações familiares estabelecidas.

## ***7.2 Considerações metodológicas e limitações***

Em síntese, a relação conjugal dos 208 participantes (104 casais) se caracterizou como harmônica e pouco conflituosa. Desse modo, tanto os homens quanto as mulheres avaliam como satisfatórios os seus intercâmbios conjugais. Com relação a tal resultado, cabe destacar que foi investigada uma amostra não-clínica, na qual as famílias voluntariamente consentiram em fazer parte do estudo. Considerando-se o título do projeto do qual faz parte essa dissertação, qual seja, “*A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos*”, é importante ressaltar que a equipe de pesquisadores tomou conhecimento, por intermédio de relatos de alguns responsáveis pelas IEI, que as famílias as quais os diretores concebiam como permeadas por proeminentes interações conflituosas e violentas,

de modo geral, não retornaram às cartas-convite enviadas, não se mostrando disponíveis a participar do estudo, portanto. Sendo assim, aponta-se tal situação como um possível viés da amostra, consistindo, então, em uma das limitações do presente trabalho.

Igualmente, indica-se ainda como outra limitação da pesquisa a utilização de uma escala do tipo likert de pontos para avaliação da conjugalidade, a qual permite o enviesamento pela desejabilidade social. Conforme postulam Narciso e Ribeiro (2009), esse enviesamento consiste em uma tendência inconsciente de descrever a relação conjugal e o cônjuge de forma positivamente irreal. Isso porque a adoção de instrumentos de medida de tal tipo prejudica a avaliação da relação conjugal em uma perspectiva dialética, ou seja, como um processo complexo no qual podem coexistir a satisfação e a insatisfação, haja vista a dificuldade para se atingir permanentemente estados satisfatórios e excluir interações conjugais adversas e insatisfatórias entre a díade (Erbert & Duck, 1997). Nesse sentido, mesmo os casais globalmente satisfeitos com a conjugalidade apresentam conflitos, problemas não resolvidos, divergências, afetividade negativa ou momentos de menor satisfação e, até mesmo, de insatisfação com a relação conjugal (Narciso & Ribeiro, 2009).

De tal modo, questionários cuja resposta é oferecida por intermédio de escolha forçada (como os questionários do tipo likert), são concebidos com base na avaliação dualista da conjugalidade, com pontos extremos de positividade e de negatividade, impossibilitando a compreensão dinâmica da satisfação e da insatisfação conjugal (Fincham, Beach & Kemp-Fincham, 1997). Assim, seria interessante dar continuidade à pesquisa, complementando-a por meio da abordagem qualitativa, a qual permitiria a análise do fenômeno de maneira mais aprofundada. Dessa forma, ao invés de considerar a satisfação e a insatisfação como pólos opostos, as características específicas de cada díade poderiam ser abordadas detalhadamente, seguindo as recomendações de Epstein e cols. (2006).

Além das limitações referentes ao QRC e ao FLOREAL, enfatizam-se também aquelas concernentes ao instrumento de medida do temperamento. Em virtude da opção pela versão muito compacta do CBQ (isto é, a *very short form*, composta por 36 itens), foi possível avaliar unicamente os três fatores gerais derivados teoricamente e empiricamente do temperamento, mas não as dimensões que os compõem (Putnam & Rothbart, 2006). A opção por tal versão – embora necessária, em virtude da longa bateria de instrumentos respondida pelos participantes do TIV no momento da coleta de dados – prejudicou

a comparação dos resultados da presente pesquisa àqueles disponíveis na literatura. Tal prejuízo ocorreu à medida que grande parte dos estudos revisados utilizou a versão *standard* (195 itens) e a *short* CBQ (94 itens), as quais são compostas pelas quinze dimensões do temperamento. Contudo, apesar do prejuízo, acredita-se que tal condição não inviabilizou ou mesmo invalidou os resultados do estudo, que acompanharam tendências previstas na literatura sobre a temática, conforme apresentado na seção de *Discussão*.

Além disso, o temperamento infantil foi avaliado com base nos relatos de pai e de mãe, ou seja, nas concepções dos membros da díade conjugal sobre reações apresentadas pela criança em diferentes situações. Por um lado, o relato dos pais é importante, uma vez que eles vêem a criança por um longo período de tempo e em ocasiões diversas. Todavia, essa técnica também apresenta desvantagens, desatacando-se, dentre elas, o fato de as respostas de pai e de mãe estarem sujeitas a erros ou a desvios perceptuais (como falhas na memória sobre determinada reação da criança em evento ou situação específica), desejabilidade social, interpretações parentais enviesadas pelas próprias características dos respondentes ou pelo estado emocional vigente no momento da entrevista (por exemplo, ansiedade frente à inquirição) e dificuldades de compreensão das instruções quanto à forma de responder ao instrumento (Rorhbart & Bates, 1998). Assim, como uma medida para minimizar tais desvantagens, é possível associar questionários respondidos pelos pais a observações sistemáticas, o que não pôde ser realizado na presente pesquisa.

Faz-se necessário, também, mencionar que os instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa ainda não estão validados nacionalmente. Contudo, tal fato parece não ter prejudicado os resultados obtidos, haja vista que os *alphas* de Cronbach foram aceitáveis para a maioria das dimensões componentes dos questionários. Além disso, tanto o QRC quanto o FLOREAL, em versão idêntica à da presente pesquisa, já foram adotados em trabalhos anteriores (Bolze, 2011; Bossardi, 2011; Vieira, 2012). No que diz respeito ao FLOREAL, especificamente, é importante referir que a estrutura do instrumento foi inspirada em questionários validados no Canadá que abrangem dimensões da relação conjugal. Ademais, há a intenção de se realizar o procedimento de validação do FLOREAL, mediante os resultados obtidos junto às amostras brasileira e canadense do TIV.

Muito embora não tenham sido identificados outros estudos que adotaram a versão em português do *very short* CBQ, tal instrumento foi adaptado para ser utilizado no Brasil por pesquisadoras vinculadas à

Universidade de São Paulo (Klein & Linhares, 2005). Outrossim, além da versão original em língua inglesa (Putnam & Rothbart, 2006), estão também disponíveis, no site *Mary Rothbart's Temperament Questionnaires*<sup>36</sup>, versões adaptadas para as línguas francesa, alemã, grega, holandesa, espanhola, norueguesa e hebraica da *very short form* do CBQ. Tais versões têm sido adotadas por pesquisadores internacionais, em pesquisas recentes que abordam, por exemplo, temperamento de crianças com idade entre três e sete anos e suas associações com o enfrentamento e o ajustamento no câncer infantil (Miller & cols., 2009), comportamento agressivo em pré-escolares (Helmsen, Koglin & Petermann, 2011) e mal-ajustamento em crianças com autismo (De Pauw, Mervielde, Van Leeuwen & De Clercq, 2011).

Considerando que o temperamento apresenta diferentes abordagens teórico-metodológicas (Guzzo & cols., 2004; Janson & Mathiesen, 2008; Rothbart, 1986), optou-se pela utilização da abordagem de Rothbart no TIV. Tal opção foi realizada em virtude de o temperamento ser compreendido, nessa perspectiva, como passível de evolução no decorrer do processo de desenvolvimento, sendo influenciado ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência (Rothbart, 2004; Rothbart, Evans & Ahadi, 2000). Além disso, alguns estudos de revisão da literatura têm constatado que os instrumentos componentes do *Mary Rothbart's Temperament Questionnaires* e, por conseguinte, o seu referencial teórico, vêm se destacando em pesquisas sobre temperamento infantil (Else-Quest & cols., 2006; Klein & Linhares, 2010; Schmidt & cols., 2011).

É importante ponderar, ainda, que no âmbito do TIV, bem como no LABSFAC-UFSC, essa é a primeira produção a abordar o temperamento infantil, muito embora outros estudos envolvendo relacionamento conjugal tenham sido anteriormente desenvolvidos pela equipe de pesquisadores (Bolze, 2011; Bossardi, 2011). De tal modo, destaca-se o interesse do grupo em continuar a investigar e a se aprofundar na temática, dando prosseguimento à pesquisa por meio de um estudo longitudinal, no qual o temperamento infantil será (re)avaliado quando os participantes dessa amostra alcançarem o período escolar do desenvolvimento. Para tanto, pretende-se utilizar o *Temperament in Middle Children Questionnaire* (TMCQ), instrumento componente do *Mary Rothbart's Temperament Questionnaires*, destinado a crianças com idade entre sete e dez anos.

---

<sup>36</sup> Levantamento realizado no site *Mary Rothbart's Temperament Questionnaires* em dezembro de 2011.

Por fim, ressalta-se a importância de se considerar com prudência os resultados obtidos na pesquisa. Tal cautela é necessária, em virtude de se tratar de um estudo cujo delineamento é correlacional, ou seja, que não permite a inferência de relações causais. Isso seria possível por meio da análise de regressão linear<sup>37</sup> ou de regressão múltipla<sup>38</sup>. Ademais, o grau de relacionamento, isto é, o coeficiente de correlação entre as variáveis, caracterizou-se como fraco (de  $\pm 0,1$  a  $\pm 0,3$ ) ou moderado (de  $\pm 0,4$  a  $\pm 0,6$ ) na maior parte dos casos, de acordo com os graus de intensidade propostos por Dancey e Reidy (2006). Destarte, não é viável falar de uma relação direta entre duas variáveis, podendo-se apenas sugerir tendências.

### ***7.3 Desdobramentos para a prática***

Em primeiro lugar, ressalta-se como relevante a abordagem dos relacionamentos conjugais, do ponto de vista prático, em função dos seus impactos no desenvolvimento de indivíduos e de famílias (Dessen & Braz, 2005a; Rauer & cols., 2008). Assim, a *qualidade conjugal* é fator protetivo do ambiente familiar e da saúde dos seus membros (Mosmann & cols., 2011), ao mesmo tempo em que a satisfação no casamento se constitui como um importante preditor de satisfação com a vida para os cônjuges (Narciso & Ribeiro, 2009).

Com o objetivo de articular os resultados do presente estudo a intervenções dos profissionais que atuam junto a crianças, casais e/ou famílias (como profissionais de saúde ou de educação), enfatiza-se, inicialmente, a importância de se fomentar espaços que permitam à díade reflexões sobre a sua relação de casal, o que na pesquisa foi possibilitado por intermédio da aplicação de instrumentos de medida. Desse modo, pensar e falar sobre a própria conjugalidade contribuiu no processo de auto-avaliação, de avaliação do cônjuge e da relação conjugal, o que é importante para o desenvolvimento individual e relacional (Perlin, 2006).

---

<sup>37</sup> A regressão linear possibilita a identificação do efeito de uma variável sobre a outra, fornecendo a força da relação, no sentido de magnitude e de direção (Dancey & Reidy, 2006).

<sup>38</sup> A regressão múltipla, que visa a avaliar o efeito de uma ou mais variáveis independentes sobre uma variável dependente, sendo considerada uma extensão da regressão linear, porém, com um número maior de variáveis independentes (Sampieri & cols., 2006).

Além disso, ao se considerar que (1) as situações de conflito estarão presentes em todas as relações humanas; e (2) casais que buscam auxílio junto a psicólogos e a outros profissionais de saúde enfrentam, de modo geral, proeminentes interações conflituosas, é fundamental a preparação profissional para lidar com tais demandas. Assim, destaca-se a relevância de se abordar, junto aos cônjuges, estratégias harmônicas de resolução de conflitos, ou seja, aquelas caracterizadas pela exposição de sentimentos, realização de acordos e de concessões, por exemplo. Tais estratégias são favoráveis ainda aos filhos do casal, os quais poderão ter contato com modelos satisfatórios de resolução de desavenças, contribuindo para o processo de desenvolvimento de habilidades sociais nas crianças (Lindahl & Malik, 2011).

No que diz respeito ao temperamento, são fatores que o influenciam ao longo do tempo, conforme afirmado anteriormente: a hereditariedade, a maturação e a experiência (Rothbart & cols., 2000). Nesse sentido, os pais da criança são considerados uma importante variável no processo de desenvolvimento do temperamento (Klein & cols., 2011). De acordo com Putnam e cols. (2002), os pais passam a perceber com maior facilidade as diferenças individuais de cada criança após o nascimento do segundo filho. Isso porque estratégias de alimentação, de sono e de contato com pessoas estranhas e com situações novas que funcionaram bem com o primeiro filho, podem se dar de maneira diferente com o segundo filho. Tais diferenças individuais atinentes ao temperamento têm importantes implicações para as interações pais-criança (Putnam & cols., 2002).

Sendo assim, por intermédio da identificação das disposições temperamentais infantis, o profissional pode intervir preventivamente, assumindo um papel de orientação aos pais, auxiliando-os no processo de compreensão das diferenças individuais e dando suporte para que aprendam como manejá-las (Klein, 2009). Intervenções desse tipo são importantes, haja vista que a literatura contempla associações entre parentalidade e temperamento: crianças adaptáveis, sociáveis e fáceis de acalmar estimulam a responsividade e a sensibilidade parental, ao passo que crianças irritadiças ou extremamente demandantes podem provocar o afastamento ou menores índices de estimulação por parte dos pais. Por outro lado, o comportamento parental próximo, responsivo e afetuoso pode diminuir expressões de *afeto negativo* na criança, enquanto pais distantes podem aumentá-las (Putnam & cols., 2002).

Espera-se, com base nessas orientações aos pais, um aumento da responsividade e da sensibilidade parental no processo de interação com os filhos, o que atua como fator de proteção à saúde mental das

crianças (Klein, 2009), levando-se em consideração que as características do temperamento evocam reações em outras pessoas, fazendo aumentar ou diminuir o risco para a psicopatologia (Rothbart, 2004). Nesse sentido, destaca-se a importância de se considerar as diferenças individuais do temperamento na prática profissional, haja vista que pesquisas sobre temperamento e psicopatologia são recentes, entretanto, apontam para uma correlação positiva entre os dois fenômenos (Putnam & Rothbart, 2006).

#### ***7.4 Desdobramentos para a pesquisa – questões futuras***

A presente pesquisa visibilizou algumas relações entre aspectos da conjugalidade e características do temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos. Contudo, algumas questões necessitam ser mais bem exploradas em estudos futuros. Destacam-se, dentre elas:

1. É possível afirmar que a relação entre as variáveis estudadas é prioritariamente mais forte em alguma direção, ou seja, da conjugalidade para o temperamento infantil, ou do temperamento infantil para a conjugalidade?
2. Considerando as relações obtidas nesse estudo sobre interações conjugais conflitivas e *afeto negativo* nas crianças, existiria diferença no que diz respeito às disposições do temperamento de crianças pertencentes a famílias biparentais (nas quais o *conflito conjugal* é vivenciado) em comparação a crianças pertencentes a famílias monoparentais (especificamente àquelas cuja criança não presencia conflitos entre os pais)?
3. As tendências constatadas no presente estudo, realizado junto a uma amostra populacional, seriam confirmadas em uma amostra clínica?
4. A combinação das abordagens quantitativa e qualitativa traria à baila mais prevalentemente dados vinculados a interações conjugais adversas e insatisfatórias entre a díade conjugal?
5. A observação do casal, em laboratório, em situação de discussão de temática vinculada a problemas comumente vivenciados pelos cônjuges (ou seja, a utilização de estratégia observacional para coleta de dados), permitiria novos subsídios para avaliar a relação conjugal e as características do processo de resolução de conflitos entre o casal?
6. A adoção de um instrumento mais completo para a avaliação do temperamento, isto é, que contemple as suas 15

dimensões (tal qual a versão *standard* ou a *short form* do CBQ), ao invés dos três grandes fatores (abordados por intermédio da *very short form* do CBQ), traria novas contribuições às relações entre conjugalidade e diferenças individuais do temperamento de crianças em idade pré-escolar?

7. Acompanhando-se longitudinalmente as famílias participantes do estudo, é possível identificar associação entre baixa *qualidade conjugal* (com prevalência de interações conjugais conflitivas, permeadas por *reciprocidade negativa e evitação*), *afeto negativo* nos filhos e desenvolvimento de problemas de comportamento futuros?

## 8. REFERÊNCIAS

- Ablow, J. C., Measelle, J. R., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2009). Linking marital conflict and children's adjustment: the role of young children's perceptions. *Journal of Family Psychology*, 23(4), 485-499.
- Almeida, T., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 83-90.
- Alvarenga, P. (2004). *Problemas de externalização e competência social na infância: o impacto do temperamento infantil, da responsabilidade e das práticas educativas maternas*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto do temperamento infantil, da responsabilidade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 314-323.
- Ananat, E., & Michaels, G. (2007). *The effect of marital breakup on the income distribution of women with children*. Discussion Paper. Centre for Economic Policy Research, London, UK. Recuperado em 23 novembro, 2011, de <http://eprints.lse.ac.uk/3273/>.
- Andrada, E. G. C. (2007). *Treinamento de Suporte Parental (TSP) como fator de promoção do suporte parental e do desempenho escolar de crianças na primeira série*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Andrade, A. L., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156.
- Andreani, G. (2006). *Satisfação e responsabilidade: o envolvimento do pai na gravidez durante a transição para a parentalidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Angelo, C. (1995). A escolha do parceiro. In M. Andolfi, C. Angelo, & C. Saccu (Eds.). *O casal em crise* (pp. 47-56). São Paulo: Summus.

- Antoni, C.; Barone, L. R.; & Koller, S. H. (2007). Indicadores de risco e proteção em famílias fisicamente abusivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(2), 125-132.
- Associação Brasileira de Pesquisa e Mercado (2011). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Recuperado em 10 dezembro, 2011, de [www.abep.org](http://www.abep.org).
- Aun, J. G. (2006). Contextualização dos atendimentos de famílias e redes sociais. In J. G. Aun, M. J. E. Vasconcellos, & S. V. Coelho (Ed.). *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais* (pp. 11-69). Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa.
- Barnett, M. A., Deng, M., Mills-Koonce, W. R., Willoughby, M., & Cox, M. (2008). Interdependence of parenting of mothers and fathers of infants. *Journal of Family Psychology*, 22(4), 561-573.
- Bates, J. E., Freeland, C. A., & Lounsbury, M. L. (1979). Measurement of infant difficultness. *Child Development*, 50(3), 794-803.
- Bedard, K., & Deschênes, O. (2005). Sex preferences, marital dissolution, and the economic status of women. *The Journal of Human Resources*, XL(2), 411-433.
- Belsky, J. (1981). Early human experience: a family perspective. *Developmental Psychology*, 17(1), 3-23.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268.
- Bigras, M. (2010). Desenvolvimento do questionário FLOREAL. Manuscrito não publicado. Universidade do Québec em Montreal, Montreal, Canadá.
- Böing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, 18(40), 251-266.
- Bolze, S. D. A. (2011). *A relação entre engajamento paterno e conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Bolze, S. D. A., Schmidt, B., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2011). Conflito conjugal: uma revisão da produção científica brasileira. *Pensando Famílias*, 15(2), 51-69.

- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In B. Carter, & M. McGoldrick (Ed.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 206-221). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman, & T. D. Wachs (Ed.). *Measuring environments across the life span: emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association Press.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychological Review*, 101(4), 568-586.
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9(1), 115-125.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In *International Encyclopedia of Education*, 3(2), 37-43.
- Burman, B., & Margolin, G. (1992). Analysis of the association between marital relationships and health problems: an interactional perspective. *Psychological Bulletin*, 112(1), 39-63.

- Burney, R. V., & Leerkes, E. M. (2010). Links between mothers' and fathers' perceptions of infant temperament and coparenting. *Infant Behavior & Development, 33*(2), 125-135.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science, 3*, 251-255.
- Calil, V. L. L. (1987). *Terapia familiar e de casal: introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica*. São Paulo: Summus.
- Cano, D. S., Gabarra, L. M., Moré, C. L. O. O., Crepaldi, M. A. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 22*(2), 214-222.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter, & M. McGoldrick (Ed.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 07-29). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cervený, C. M. O. (2000). *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. Campinas: Editora Livro Pleno.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. In L. C. Osório, & M. E. P. Valle (Ed.). *Manual de terapia familiar* (pp. 25-37). Porto Alegre: Artmed.
- Chaplin, T. M., Cole, P. M., & Zahn-Waxler, C. (2005). Parental socialization of emotion expression: gender differences and relations to child adjustment. *Emotion, 5*(1), 80-88.
- Coelho, S. V. (2006). Abordagens psicossociais da família. In J. G. Aun, M. J. E. Vasconcellos & S. V. Coelho (Ed.). *Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais* (pp. 143-234). Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Martin, M. J. (2010). Socioeconomic status, family processes, and individual development. *Journal of Marriage and Family, 72*, 685-704.
- Cook, J. C., Schoppe-Sullivan, S. J., Buckley, C. K., & Davis, E. F. (2009). Are some children harder to coparent than others? Children's negative emotionality and coparenting relationship quality. *Journal of Family Psychology 23*(4), 606-610.
- Copetti, F., & Krebs, R. J. (2004). As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In S. Koller (Ed.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 71-93). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22(2), 83-106.
- Crawford, N. A., Schrock, M., & Woodruff-Borden, J. (2011). Child internalizing symptoms: contributions of child temperament, maternal negative affect, and family functioning. *Child Psychiatry Hum Dev*, 42, 53–64.
- Crockenberg, S. C., Leerkes, E. M., & Lekka, S. K. (2007). Pathways from marital aggression to infant emotion regulation: the development of withdrawal in infancy. *Infant Behavior & Development*, 30(1), 97-113.
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental psychopathology and family process: theory, research, and clinical implications*. New York: Guilford Publications.
- Cummings, E. M., Kouros, C. D., & Papp, L. M. (2007). Marital aggression and children’s responses to everyday interparental conflict. *European Psychologist*, 12(1), 17-28.
- Dakin, J., & Wampler, R. (2008). Money doesn’t buy happiness, but it helps: marital satisfaction, psychological distress, and demographic differences between low- and middle-income clinic couples. *The American Journal of Family Therapy*, 36, 300-311.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1998). Exploring children’s emotional security as a mediator of the link between marital relations and child adjustment. *Child Development*, 69(1), 124-139.
- Davies, P. T., & Windle, M. (2001). Interparental discord and adolescent adjustment trajectories: the potentiating and protective role of intrapersonal attributes. *Child Development*, 72(4), 1163-1178.
- Davies, P. T., Sturge-Apple, M. L., Cicchetti, D., Manning, L. G., & Zale, E. (2009). Children’s patterns of emotional reactivity to conflict as explanatory mechanisms in links between interpartner aggression and child physiological functioning. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(11), 1384-1391.

- Davies, P., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: an emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, *116*(3), 387-411.
- De Pauw, S. S. W., Mervielde, I., Van Leeuwen, K. G., & De Clercq, B. J. (2011). How temperament and personality contribute to the maladjustment of children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, *41*, 196-212.
- Deater-Deckard, K., Mullineaux, P. Y., Petrill, S. A., & Thompson, L. A. (2009). Effortful control, surgency, and reading skills in middle childhood. *Read Writ*, *22*, 107-116.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005a). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Ed.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 113-131). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005b). As relações maritais e suas influências nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Ed.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 132-151). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Dessen, M. A., & Silva Neto, N. A. (2000). Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *16*(3), 191-192.
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: an eight-year prospective study. *J Pers Soc Psychol*, *96*(3), 601-619.
- Dyson, M. W., Olino, T. M., Durbin, C. E., Goldsmith, H. H., & Klein, D. N. (2012). The structure of temperament in preschoolers: a two-stage factor analytic approach. *Emotion*, *12*(1), 44-57.
- Ellis, L. K., & Rothbart, M. K. (2001). Revision of the Early Adolescent Temperament Questionnaire. In *Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development* [pôster apresentado]. Minneapolis: Minnesota. Recuperado em 14 agosto, 2011, de <http://www.bowdoin.edu/~sputnam/rothbart-temperament-questionnaires/pdf/lesa-ellis-srcd-poster-reprint.pdf>.
- Else-Quest, N. M., Hyde, J. S., Goldsmith, H. H., & Van Hulle, C. A. (2006). Gender differences in temperament: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, *1*, 33-72.

- El-Sheikh, M. (1997). Children's response to adult and mother-child arguments: the role of parental marital conflict and distress. *Journal of Family Psychology, 11*, 165-175.
- Epstein, N. B., Baucom, D. H., & LaTaillade, J. J. (2006). Marital Problems. *Practitioner's guide to evidence-based Psychotherapy*. (pp. 396-407). New York: Springer.
- Erbert, L. A., Duck, S. W. (1997). Rethinking satisfaction in personal relationships. In R. J. Sternberg, & M. Hojjat (Ed.). *Satisfaction in close relationships* (pp. 190-218). New York: Guilford Press.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108-132.
- Falcke, D., & Zordan, E. (2010). Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62*(2), 143-155.
- Falconier, M. K., & Epstein, N. B. (2010). Relationship satisfaction in Argentinean couples under economic strain: gender differences in a dyadic stress model. *Journal of Social and Personal Relationships, 27*(6), 781-799.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11*(2), 379-395.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia, 8*(3), 367-374.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010) Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia, 20*(6), 269-278.
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict: correlates, structure and context. *Current Directions in Psychological Sciences, 12*(1), 23-27.
- Fincham, F. D., Beach, S. R., & Kemp-Fincham, S. I. (1997). Marital quality: a new theoretical perspective. In R. J. Sternberg, & M. Hojjat (Ed.). *Satisfaction in close relationships* (pp. 275-304). New York: Guilford Press.
- Fleith, D. S., & Costa Junior., A. L. (2005). Métodos de pesquisa em psicologia: o que é relevante considerar? In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Ed.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 37-49). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Flykt, M., Lindblom, J., Punamäki, R. L., Poikkeus, P., Repokari, L., Unkila-Kallio, L., Vilksa, S., Sinkkonen, J., Tiitinen, A., Almqvist, F., & Tulppala, M. (2011). Prenatal expectations in

- transition to parenthood: former infertility and family dynamic considerations. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 1(S), 31-44.
- Fosco, G. M., & Grych, J. H. (2007). Emotional expression in the family as a context for children's appraisals of interparental conflict. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 248-258.
- Freitas, A. L. P., & Rodrigues, S. G. (2005). *A avaliação da confiabilidade de questionário: uma análise utilizando o coeficiente alfa de Cronbach*. Recuperado em 10 maio, 2010, de [www.simpep.feb.unesp.br](http://www.simpep.feb.unesp.br).
- Frizzo, G. B., & Piccinini, C. (2005). Interação mãe-bebê em contexto de depressão materna: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 47-55.
- Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. A. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 84-94.
- Gartstein, M. A., & Rothbart, M. K. (2003). Studying infant temperament via the Revised Infant Behavior Questionnaire. *Infant Behavior and Development*, 26(1), 64-86.
- Gasparido, C. M. (2010). *Alívio de dor em neonatos pré-termo: avaliação da eficácia do uso continuado de sacarose*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Gharehbaghy, F., & Aguilar-Vafaie, M. E. (2009). Marital conflict and the role of child temperament. *Journal of Iranian Psychologists*, 5(18), 137-148.
- Goldberg, W. A., & Easterbrooks, M. A. (1984). The role of marital quality in toddler development. *Developmental Psychology*, 20(3), 504-514.
- Gomes, L. B. (2011). Engajamento paterno e agressividade em crianças de quatro a seis anos. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Gottman, J. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology*, 49, 169-197.
- Gottman, J., & Silver, N. (2000). *Sete princípios para o casamento dar certo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: a cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267-290.

- Gunnar, M. R., Sebanc, A. M., Tout, K., Donzella, B., & Van Dulmen, M. M. H. (2003). Peer rejection, temperament and cortisol activity in preschoolers. *Dev Psychobiol*, *43*, 346-358.
- Gutman, L. M., Sameroff, A. J., & Cole, R. (2003). Academic growth curve trajectories from 1st grade to 12th grade: effects of multiple social risk factors and preschool child factors. *Developmental Psychology*, *39*(4), 777-790.
- Guzzo, R. S. L., Riello, I. C., Primi, R., Serrano, M., Ito, P. C. P., & Pinho, C. C. M. (2004). Temperamento: onze anos de levantamento no psychological abstracts. *Revista Estudos de Psicologia (PUC-Campinas)*, *21*(1), 25-32.
- Ha, T., Overbeek, G., Vermulst, A. A., Rutger, C. M. E. E. (2009). Marital quality, parenting, and adolescent internalizing problems: a three-wave longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, *23*(2), 263-267.
- Hall, C. S., Lindsey, G., & Campbell, J. B. (2000). *Teorias da Personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Harris, C., & Christenfeld, N. (1996). Gender, jealousy, and reason. *Psychological Science* (7), 364-366.
- Helmsen, J., Koglin, U., & Petermann, F. (2011). Emotion regulation and aggressive behavior in preschoolers: the mediating role of social information processing. *Child Psychiatry & Human Development*, *43*(1), 87-101.
- Henriques, C. R., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2005). A "geração canguru": algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, *35* (2), 195-205.
- Hill-Soderlund, A. L., & Braungart-Reiker, J. M. (2008). Early individual differences in temperamental reactivity and regulation: implications for effortful control in early childhood. *Infant Behavior & Development*, *31*, 386-397.
- Humbad, M. N, Donnellan, M. B., Klump, K. L., & Burt, S. A. (2011). Development of the brief romantic relationship interaction coding scheme (BRRICS). *Journal of Family Psychology*, *25*(5), 759-769.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2007*. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Estatísticas da população nos Municípios de Santa Catarina – Dados do Censo 2010 publicados no Diário Oficial da União do dia*

04/11/2010. Recuperado em 09 novembro, 2011, de [http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=42](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=42).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011a). *Primeiros resultados definitivos do Censo 2010*. Recuperado em 31 outubro, 2011, de [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visua\\_liza.php?id\\_noticia=1866&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visua_liza.php?id_noticia=1866&id_pagina=1).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011b). *Censo 2010: País tem declínio de fecundidade e migração e aumentos na escolarização, ocupação e posse de bens duráveis*. Recuperado em 17 novembro, 2011, de [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visua\\_liza.php?id\\_noticia=2018&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visua_liza.php?id_noticia=2018&id_pagina=1).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011c). *Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2010*. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011d). *Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do censo demográfico*. Recuperado em 18 novembro, 2011, de [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores\\_sociais\\_municipais/default\\_indicadores\\_sociais\\_municipais.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/default_indicadores_sociais_municipais.shtm).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011e). *Censo demográfico: características da população e dos domicílios - resultados do universo*. Recuperado em 18 novembro, 2011, de [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao/default\\_caracteristicas\\_da\\_populacao.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/default_caracteristicas_da_populacao.shtm).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011f). *Estatísticas do Registro Civil 2010*. Recuperado em 03 dezembro, 2011, de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2010/default.shtm>.

Ito, P. C. P., & Guzzo, R. S. L. (2002). Diferenças individuais: temperamento e personalidade; importância da teoria. *Revista Estudos de Psicologia (PUC-Campinas)*, 19(1), 91-100.

Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.

- Jablonski, B. (2011). O país do casamento segundo seus futuros habitantes: pesquisando atitudes e expectativas de jovens solteiros. In T. Féres-Carneiro (Ed.). *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 27-42). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jansen, P. W., Raat, H., Mackenbach, J. P., Jaddoe, V. W., Hofman, A., Verhulst, F. C., Tiemeier, H. (2009). Socioeconomic inequalities in infant temperament: the Generation R Study. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 44 (2), 87-95.
- Janson, H., & Mathiesen, K. S. (2008). Temperament profiles from infancy to middle childhood: development and associations with behavior problems. *Developmental Psychology*, 44(5), 1314–1328.
- Jouriles, E. N., Brown, A. S., McDonald, R., Rosenfield, D., Leahy, M. M., & Silver, C. (2008). Intimate partner violence and preschoolers' explicit memory functioning. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 420–428.
- Jouriles, E. N., McDonald, R., Rosenfield, D., Stephens, N., Corbitt-Shindler, D., & Miller, P. C. (2009). Reducing conduct problems among children exposed to intimate partner violence: a randomized clinical trial examining effects of project support. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 77(4), 705-717.
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). Assessing longitudinal change in marriage: an introduction to the analysis of growth curves. *Journal of Marriage and the Family*, 57, 1091-1108.
- Karreman, A., van Tuijl, C., van Aken, M. A. G., & Dekovic, M. (2008). Parenting, coparenting, and effortful control in preschoolers. *Journal of Family Psychology*, 22(1), 30-40.
- Kelly, R. J., & El-Sheikh, M. (2011). Marital conflict and children's sleep: reciprocal relations and socioeconomic effects. *Journal of Family Psychology*, 25(3), 412-422.
- Klein, V. C. (2009). *Reatividade à dor, temperamento e comportamento na trajetória de desenvolvimento de neonatos pré-termo até a fase pré-escolar*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Klein, V. C., Gasparido, C. M., & Linhares, M. B. (2011). Dor, autorregulação e temperamento em recém-nascidos pré-termo de alto risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (3), 504-512.
- Klein, V. C., Putnam, S. P., & Linhares, M. B. M. (2009). Assessment of temperament in children: translation of instruments to

- Portuguese (Brazil) Language. *Interamerican Journal of Psychology*, 43(3), 442-447.
- Klein, V. C. & Linhares, M. B. M. (2005). Tradução do *Children's Behavior Questionnaire – very short form*. Recuperado em 02 setembro, 2011, de <http://www.bowdoin.edu/~sputnam/rothbart-temperament-questionnaires/>.
- Klein, V. C. & Linhares, M. B. M. (2006). Procedimento de pontuação do *Children's Behavior Questionnaire – very short form*. Recuperado em 02 setembro, 2011, de <http://www.bowdoin.edu/~sputnam/rothbart-temperament-questionnaires/>.
- Klein, V. C. & Linhares, M. B. M. (2007). Temperamento, comportamento e experiência dolorosa na trajetória de desenvolvimento da criança. *Paidéia*, 17(36), 33-44.
- Klein, V. C. & Linhares, M. B. M. (2010). Temperamento e desenvolvimento da criança: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 821-829.
- Krebs, R. J. (2003). A criança e o esporte: reflexões sustentadas pela teoria dos sistemas ecológicos. In R. J. Krebs (Ed.). *Os processos desenvolvimentais na infância* (pp. 91-104). Belém: GTR.
- Krebs, R. J., Copetti, F., & Beltrame, T. S. (1997). Uma releitura da obra de Urie Bronfenbrenner: a teoria dos sistemas ecológicos. In R. J. Krebs (Ed.). *Teoria dos sistemas ecológicos: um paradigma para o desenvolvimento infantil* (pp. 13-39). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria.
- Krebs, R. J., Copetti, F., Serpa, S., & Araújo, D. (2008). Disposições pessoais de tenistas jovens: um estudo fundamentado na teoria bioecológica de Bronfenbrenner. *Rev. Bras. Psicol. Esporte*, 2(2), 1-24.
- Lacharite, C., Frenière, P. J., & Bigras, M. (1991). L'elaboration et la validation concomitante du Q-Sort sur la relation conjugale. *Revue canadienne des Sciences du comportement*, 23(2), 159-173.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.
- Laurent, H. K., Kim, H. K., & Capaldi, D. M. (2009). Longitudinal effects of conflict behaviors on depressive symptoms in young couples. *Journal of Family Psychology*, 23(4), 569-605.

- Leidy, M. S., Guerra, N. G., & Toro, R. I. (2010). Positive parenting, family cohesion, and child social competence among immigrant latino families. *Journal of Family Psychology, 24*(3), 252-260.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2009). Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. *Psicologia em Estudo, 14*(4), 679-687.
- Leve, L. D., Scaramella, L. V., & Fagot, B. I. (2001). Infant temperament, pleasure in parenting, and marital happiness in adoptive families. *Infant Mental Health Journal, 22*(5), 545-558.
- Levendosky, A. A., Huth-Bocks, A. C., Shapiro, D. L., & Semel, M. A. (2003). The impact of domestic violence on the maternal-child relationship and preschool-age children's functioning. *Journal of Family Psychology, 17*(3), 275-287.
- Lima, R. A. (2010). *O Teste do Desenho do Casal no diagnóstico da satisfação conjugal*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict typology and children's appraisals: the moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology, 25*(2), 194-201.
- Lindsey, E. W., Caldera, Y. M., & Tankersley, L. (2009). Marital conflict and the quality of young children's peer play behavior: the mediating and moderating role of parent-child emotional reciprocity and attachment security. *Journal of Family Psychology, 23*(2), 130-145.
- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2011). Em busca da conjugalidade perdida: quando a parentalidade prevalece. In T. Féres-Carneiro (Ed.). *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 161-172). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- McDonald, R., & Grych, J. H. (2006). Young children's appraisals of interparental conflict: measurement and links with adjustment problems. *Journal of Family Psychology, 20*(1), 88-99.
- McGoldrick, M. (1995). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In B. Carter, & M. McGoldrick (Ed.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 184-205). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mehall, K. G., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Gaertner, B. M. (2009). Examining the relations of infant temperament and couples'

- marital satisfaction to mother and father involvement: a longitudinal study. *Fathering*, 7(1), 23-48.
- Melchiori, L. B., & Biasoli Alves, Z. M. (2001). Crenças de educadores de creche sobre temperamento e desenvolvimento de bebês. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 285-292.
- Mesman, J., Stoel, R., Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., Juffer, F., Koot, H. M., Alink, L. R. A. (2009). Predicting growth curves of early childhood externalizing problems: differential susceptibility of children with difficult temperament. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 625-636.
- Miller & cols. (2009). The role of coping and temperament in the adjustment of children with cancer. *Journal of Pediatric Psychology*, 34(10), 1135-1143.
- Mills, R. S. L., Hastings, P. D., Helm, J., Serbin, L. A., Etezadi, J., Stack, D. M., Schwartzman, A. E., & Li, H. H. (2011). Temperamental, parental, and contextual contributors to early-emerging internalizing problems: a new integrative analysis approach. *Social Development*, 1-25. DOI: 10.1111/j.1467-9507.2011.00629.x
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com famílias pobres*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minze, L. C., McDonald, R., Rosentraub, E., Jouriles, E. N. (2010). Making sense of family conflict: intimate partner violence and preschoolers' externalizing problems. *Journal of Family Psychology*, 24(1), 5-11.
- Morais, N. A. (2009). *Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: entre o risco e a proteção*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Morgan, P. S., Lye, D. N., & Condran, G. A. (1988). Sons, daughters, and the risk of marital disruption. *American Journal of Sociology*, 94(1), 110-29.
- Mosmann, C. P., Lomando, E., & Wagner, A. (2010). Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais. *Barbarói*, 33, 135-152.
- Mosmann, C. P., Zordan, E. P., & Wagner, A. (2011). A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente família. In A.

- Wagner & cols. (Ed.). *Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos* (pp. 58-71). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Müller, F. G. (2007). *Competências profissionais do mediador de conflitos familiares*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Mundstock, E. C., Fachel, J. M. G., Camey, S. A., Agranonik, M. (2006). *Introdução à Análise Estatística utilizando o SPSS 13.0*. Cadernos de Matemática e Estatística. Série B: Trabalho de Apoio Didático. Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado em 06 setembro, 2011, de [http://www.mat.ufrgs.br/~camey/SPSS/Introdu%20%20An%20%20Estat%20%20utilizando%20%20SPSS%2013\\_0.pdf](http://www.mat.ufrgs.br/~camey/SPSS/Introdu%20%20An%20%20Estat%20%20utilizando%20%20SPSS%2013_0.pdf).
- Muris, P., & Ollendick, T. H. (2005). The role of temperament in the etiology of child psychopathology. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 8(4), 271-289.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Editora Coisas de Ler.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In S. Koller (Ed.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 55-69). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Oliveira, M. G. S. de, Falcone, E. M. de O., & Ribas Jr, R. de C. (2009). A avaliação das relações entre a empatia e a satisfação conjugal: um estudo preliminar. *Interação em Psicologia*, 13(2), 287-298.
- Orathinkal, J., & Vansteenwegen, A. (2007). Do demographics affect marital satisfaction? *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33, 73-85.
- Papp, L. M., Cummings, E. M., & Goeke-Morey, M. C. (2002). Marital conflicts in the home when children are present versus absent. *Developmental Psychology*, 38(5), 774-783.

- Patterson, G. R., DeGarmo, D. S., & Knutson, N. (2000). Hyperactive and antisocial behaviors: comorbid or two points in the same process? *Development and Psychopathology, 12*, 91-107.
- Pauli-Pott, U., & Beckmann, D. (2007). On the association of interparental conflict with developing behavioral inhibition and behavioral problems in early childhood. *Journal of Family Psychology, 21*(3), 529-532.
- Perlin, G. D. B. (2006). *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Pesce, R. (2009). Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva, 14*(2), 507-518.
- Poeschl, G., Múrias, C., & Ribeiro, R. (2003). As diferenças entre os sexos: mito ou realidade? *Análise Psicológica, 21*(2), 213-228.
- Polônia, A. C., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Junior (Ed.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp.71-89). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Porter, C. L., Wouden-Miller, M., Silva, S. S., & Porter, A. E. (2003). Marital harmony and conflict: links to infants' emotional regulation and cardiac vagal tone. *Infancy, 4*(2), 297-307.
- Prati, L. E., & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: perspectiva da psicologia positiva. *Psicologia Clínica, 23*(1), 103-118.
- Prati, L. E., Couto, M. C. P. P., Moura, A., Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 21*(1), 160-169.
- Putnam, S. P., & Rothbart, M. K. (2006). Development of short and very short forms of the children's behavior questionnaire. *Journal of Personality Assessment, 87*(1), 103-113.
- Putnam, S. P., Sanson, A., & Rothbart, M. K. (2002). Child temperament and parenting. In M. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting* (pp. 255-278). Mahwah: Erlbaum.
- Rabello, P. M., & Caldas Junior A. F. (2007). Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. *Revista de Saúde Pública, 41*(6), 970-978.

- Rauer, A. J., Karney, B. R., Garvan, C. W., & Hou, W. (2008). Relationship risks in context: a cumulative risk approach to understanding relationship satisfaction. *J. Marriage Fam., 70*(2), 1122-1135.
- Ribeiro, E. M. (2004). As várias abordagens da família no cenário do programa/estratégia de saúde da família (PSF). *Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2*(4), 658-64.
- Richardson, R. J. (2009). *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rothbart, M. K. (1981). Measurement of temperament in infancy. *Child Development, 52*, 569-578.
- Rothbart, M. K. (1986). Longitudinal observation of infant temperament. *Developmental Psychology, 22*(3), 356-365.
- Rothbart, M. K., & Ahadi, S. A. (1994). Temperament and the development of personality. *Journal of Abnormal Psychology, 103*(1), 55-66.
- Rothbart, M. K., & Bates, J. E. (1998). Temperament. In W. Damon, & N. Eisenberg (Ed.). *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (pp. 105–176). New York: Wiley.
- Rothbart, M. K., & Hwang, J. (2002). Measuring infant temperament. *Infant Behavior and Development, 25*(1), 113-116.
- Rothbart, M. K., & Putnam, S (2002). Temperament and socialization. In L. Pulkinem, & A. Caspi (Ed.). *Paths to successful development: personality in the life course* (pp. 19-45). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rothbart, M. K., (2004). Commentary: differentiated measures of temperament an multiple pathways to child disorders. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 33*(1), 82-87.
- Rothbart, M. K., (2007). Temperament, development, and personality. *Current Directions in Psychological Science, 16*(4), 207-212.
- Rothbart, M. K., Ahadi, S. A., Hershey, K., & Fisher, P. (2001). Investigations of temperament at three to seven years: the Children's Behavior Questionnaire. *Child Development, 72*(5), 1394-1408.
- Rothbart, M. K., Elis, L. K, & Posner, M. I. (2004). Temperament and self-regulation. In R. F. Baumeister, & K. D. Vohs (Ed.). *Handbook of self-regulation: research, theory and applications* (pp. 357-370). New York/London: The Guilford Press.

- Rothbart, M. K., Evans, D. E., & Ahadi, S. A. (2000). Temperament and personality: origins and outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(1), 122-135.
- Rubin, K. H., Coplan, R. J., Fox, N. A., & Calkins, S. D. (1995). Emotionality, emotion regulation, and preschoolers' social adaptation. *Development and Psychopathology*, 7, 49-62.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Vieira, M. L., & Moré, C. L. O. O. (2011). Relacionamento conjugal e temperamento de crianças: uma revisão da literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(3), 89-106.
- Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., & Sokolowski, M. S. (2007). Goodness-of-fit in family context: infant temperament, marital quality, and early coparenting behavior. *Infant Behavior & Development*, 30(1), 82-96.
- Schudlich, T. D. R., White, C. R., Fleischhauer, E. A., & Fitzgerald, K. A. (2011). Observed infant reactions during live interparental conflict. *Journal of Marriage and Family*, 73, 221-235.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(3), 439-447.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010a). Satisfação com a vida e satisfação diádica: correlações entre construtos de bem-estar. *Psico-USF*, 15(2), 249-256.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010b). Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531.
- Silva Neto, J. A., Strey, M. N., & Magalhães, A. S. (2011). Sobre as motivações para a conjugalidade. In A. Wagner & cols. (Ed.). *Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos* (pp. 39-57). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Silva, I. M. (2009). *A relação conjugal durante a gravidez no contexto da reprodução assistida*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Silvares, E. F. M., & Souza, C. L. (2008). Discórdia conjugal: distúrbios psicológicos infantis e avaliação diagnóstica comportamental-cognitiva. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 200-213.

- Silveira, P. G. & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos em Psicologia*, 23(4), 441-453.
- Souza, N. H. S., Wagner, A., Branco, B. M., & Reichert, C. B. (2007). Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar: estudo de casos. *Aletheia*, 26, 109-121.
- Stoneman, Z., Brody, G. H., & Burke, M. (1989). Sibling temperaments and maternal and paternal perceptions of marital, family, and personal functioning. *Journal of Marriage & the Family*, 51(1), 99-113.
- Szelbracikowski, A. C., & Dessen, M. A. (2007). Problemas de comportamento exteriorizado e as relações familiares: revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 33-40.
- Tagler, M. J. (2010). Sex Differences in jealousy: comparing the influence of previous infidelity among college students and adults. *Social Psychological and Personality Science*, 1, 353-360.
- Tolan, P. H., Gorman-Smith, D., Huesmann, L. R., & Zelli, A. (1997). Assessment of family relationship characteristics: a measure to explain risk for antisocial behavior and depression among urban youth. *Psychological Assessment*, 9(3), 212-223.
- Tremblay, R. E., Nagin, D. S., Séguin, J. R., Zoccolillo, M., Zelazo, P. D., Boivin, M., Pérusse, D., & Japel, C. (2004). Physical aggression during early childhood: trajectories and predictors. *Pediatrics*, 114, 43-50.
- Troxel, W. M., & Mathews, K. A. (2004). What are the costs of marital conflict and dissolution to children's physical health? *Clinical Child and Family Psychology Review*, 7(1), 29-57.
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l'engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 39-70). Québec, Canada: Les presses de l'Université Laval.
- Vasconcelos, M., & Albuquerque, P. B. (2006). Dissociações entre tarefas de memória: evidências para uma distinção entre as memórias implícita e explícita. *Análise Psicológica*, 4(24), 519-532.
- Vieira, V. (2012). *Apoio social materno e desenvolvimento infantil: crianças nascidas a termo e pré-termo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,

- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Vinokur, A. D., Price, R. H., & Caplan, R. D. (1996). Hard times and hurtful partners: how financial strain affects depression and relationship satisfaction of unemployed persons and their spouses. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(1), 166-179.
- Wachs, T.D. (2002). "Back to the future": a commentary on Crockenberg and Smith (1982). *Infant Behavior and Behavior Development*, 25, 21-24.
- Wagner, A. & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade. *Psicologia Clínica*, 13(2), 11-24.
- Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2000). O recasamento e a representação gráfica da família. *Temas de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP)*, 7(1), 11-19.
- Wagner, A., & Levandowski, D. C. (2008). Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. *Revista Textos & Contextos Porto Alegre*, 7(1), 88-97.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Introdução. In A. Wagner & cols. (Ed.). *Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos* (pp. 19-35). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Wendorf, C. A., Lucas, T., Imamoğlu, E. O., Weisfeld, C. C., & Weisfeld, G. E. (2011). Marital satisfaction across three cultures: does the number of children have an impact after accounting for other marital demographics? *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42(3), 340-354.
- Wendt, N. (2006). *Fatores de risco e proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Whisman, M. A., Snyder, D. K., & Beach, S. R. H. (2009). Screening for marital and relationship discord. *Journal of Family Psychology*, 23(2), 247-254.
- Whitaker, C. A. (1995). As funções do casal. In M. Andolfi, C. Angelo, & C. Saccu (Ed.). *O casal em crise* (pp. 21-28). São Paulo: Summus.
- Whiteside-Mansell, L., Bradley, R. H., Casey, P. H., Fussell, J. J., & Conners-Burrow, N. A. (2009). Triple risk: do difficult temperament and family conflict increase the likelihood of

- behavioral maladjustment in children born low birth weight and preterm? *Journal of Pediatric Psychology*, 34(4), 396-405.
- Wiederman, M. W., & Allgeier, E. R. (1993). Gender differences in sexual jealousy: adaptionist or social learning explanation? *Ethology and Sociobiology* 14, 115-140.
- Willi, J. (1995). A construção diádica da realidade. In M. Andolfi, C. Angelo, & C. Saccu (Ed.). *O casal em crise* (pp. 38-46). São Paulo: Summus.
- Windle, M. (1992). Revised dimensions of temperament survey (DOTS-R): simultaneous group confirmatory factor analysis for adolescent gender groups. *Psychological Assessment*, 4(2), 228-234.
- Windle, M.; Lerner, R. M. (1986). Reassessing the dimensions of temperamental individuality across the life span: the revised dimensions of temperament survey (DOTS-R). *Journal of Adolescent Research*, 1(2), 213-230.
- Wong, M. S., Brown, G. L., Mangelsdorf, S. C., Neff, C., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2009). Parental beliefs, infant temperament, and marital quality: associations with infant-mother and infant-father attachment. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 828-838.
- Wood, N. D., Crane, D. R., & Keller, P. S. (2011). Tracking marital adjustment, hostility, and physical functioning across time in a therapy population: a biopsychosocial model. *Contemporary Family Therapy*, DOI 10.1007/s10591-011-9164-4.
- Zampieri, M. F. M., Gregório, V. R. P., Custódio, Z. A. O., Regis, M. I., & Brasil, C. (2010). Processo educativo com gestantes e casais grávidos: possibilidade para transformação e reflexão da realidade. *Texto Contexto Enfermagem*, 19(4), 719-727.
- Zentner, M. & Bates, J. (2008). Child temperament: an integrative review of concepts, research programs, and measures. *European Journal of Developmental Science*, 2(1/2), 7-37.
- Zimet, D. M., & Jacob, T. (2001). Influences of marital conflict on child adjustment: review of theory and research. *Clinical Child and Family Psychology Review* 4(4), 319-35.
- Zordan, E. P., & Wagner, A. (2009). Projetos vitais de adultos jovens solteiros: uma reflexão sobre o lugar do casamento. *Contextos Clínicos*, 2(2), 91-96.



## 9. ANEXOS

### ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

CÓDIGO \_\_\_\_\_ DATA \_\_\_\_\_

PARENTESCO COM A CRIANÇA \_\_\_\_\_

#### QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Por favor, responda as seguintes questões que se referem a informações gerais sobre você e sua família.

#### DADOS DA FAMÍLIA

- Informações demográficas

##### 1. Cidade de residência

- Balneário Camboriú.....1  
 Florianópolis.....2  
 Itajaí.....3  
 São José.....4

##### 2. Número de pessoas (informar quem são as pessoas que moram na casa, sem contar os empregados. Incluir o respondente)

**Total:** \_\_\_\_\_ **pessoas**

##### 3. Quem vive na casa (anotar idade)

- Respondente ..... 1 \_\_\_\_ Anos  
 Companheiro(a) ..... 2 \_\_\_\_ Anos  
 Filhos de 0 a 3 anos..... 3 Quantos? \_\_\_\_\_  
 Filhos de 4 a 6 anos..... 4 Quantos? \_\_\_\_\_  
 Filhos de 7 a 16 anos..... 5 Quantos? \_\_\_\_\_  
 Filhos com mais de 16 anos..... 6 Quantos? \_\_\_\_\_  
 Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos) .....7 Quantos? \_\_\_\_\_  
 Outros parentes adultos ..... 8 Quantos? \_\_\_\_\_  
 Amigos adultos ..... 9 Quantos? \_\_\_\_\_

Total de pessoas declaradas na questão 3: \_\_\_\_\_

- Quantos filhos frequentam a escola? \_\_\_\_\_ (contando a criança-alvo)

- Em que período a criança-alvo frequenta a escola?

Manhã ( ); Tarde ( ); Integral ( )

#### 4. Composição familiar:

- Família nuclear pais biológicos de todos os filhos .....1
- Família nuclear pais adotivos da criança alvo .....2
- Família recasada com pais biológicos da criança alvo .....3
- Família recasada com madrastra da criança alvo .....4
- Família recasada com padrasto da criança alvo .....5
- Família recasada com mãe adotiva da criança alvo e padrasto .....6
- Família recasada com pai adotivo da criança alvo e madrastra.....7
- Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos .....8
- Família estendida com madrastra da criança alvo e outros parentes e amigos .....9
- Família estendida com padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos .....10
- Família estendida com pais adotivos das crianças e outros parentes e amigos .....11
- Família estendida com mãe adotiva e padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos.....12
- Família estendida com pai adotivo e madrastra da criança alvo e outros parentes e amigos.....13

#### 5. Escolaridade

A) Qual a sua escolaridade e qual a escolaridade de seu companheiro?  
Quantos anos concluídos? \_\_\_\_\_

	Respondente	Companheiro(a)
Não alfabetizado	1	1
Ensino fundamental incompleto: primário incompleto	2	2
Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto	3	3

Ensino fundamental completo	4	4
Ensino médio incompleto	5	5
Ensino médio completo	6	6
Ensino superior incompleto	7	7
Ensino superior completo	8	8
Pós-graduação	9	9
Não sabe	10	10

### RENDA FAMILIAR

	Respondente	Companheiro (a)
6. Profissão		
7. Atividade atual		
8. Jornada de trabalho		

9. Você tem empregada/babá: ( ) sim ( ) não

10. Quem cuida da criança quando ela não está na escola: \_\_\_\_\_

11. Quem leva a criança para a escola: \_\_\_\_\_

12. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua

( ) sim ( ) não

Quem? \_\_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_

## 13. Renda familiar mensal

Por favor, vamos ver quanto você, seu(sua) companheiro(a) e outras pessoas da casa ganham por mês. Vamos pensar no mês passado...

**(Inclua salários, gorjetas, bicos, pensão, rendas de aluguel e outro capital, ajudas financeiras sistemáticas, etc. Registre sempre com .....,00. Se o respondente não souber, anote NÃO SABE).**

	Salário	Outros Rendimentos	TOTAL (R\$)
<b>Respondente</b>			
<b>Companheiro(a)</b>			
<b>Outro (anote abaixo o parentesco)</b>			
<b>Outro (anote abaixo o parentesco)</b>			
<b>Outro (anote abaixo o parentesco)</b>			
<b>Outro (anote abaixo o parentesco)</b>			

**Renda familiar total do mês passado:**

13. Existe(m) algum(ns) mês(es) do ano no(s) qual(is) a renda total é muito maior ou menor do que a do mês passado?

Sim.....1

Não .....2

Não sei .....3

No mês em que é maior, qual é essa variação?

No mês em que é menor, qual é essa variação?

**Se houver, faça a soma da renda dos diferentes meses, calcule a média e classifique conforme as opções a seguir:**

- Menos de R\$100,00 .....1
- R\$101,00 a R\$200,00 .....2
- R\$201,00 a R\$300,00 .....3
- R\$301,00 a R\$400,00 .....4
- R\$401,00 a R\$500,00 .....5
- R\$501,00 a R\$600,00 .....6
- R\$601,00 a R\$800,00 .....7
- R\$801,00 a R\$1.000,00.....8
- R\$1.001,00 a R\$1.300,00 .....9
- R\$1.301,00 a R\$1.600,00 .....10
- R\$1.601,00 a R\$2.000,00 .....11
- R\$2.001,00 a R\$3.000,00 .....12
- R\$3.001,00 a R\$4.000,00 .....13
- Acima de R\$4.000,00.....14

14. Número de cômodos da residência:

Quantos cômodos tem sua casa? (Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda):\_\_\_\_\_

15. Tipo de Casa:

Casa de alvenaria ( )      Casa de Madeira ( )      Casa Mista ( )

Observações:\_\_\_\_\_

---

---

---

---



## ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO SOBRE RELACIONAMENTO CONJUGAL (QRC)

CÓDIGO \_\_\_\_\_ DATA \_\_\_\_\_

PARENTESCO COM A CRIANÇA \_\_\_\_\_

### QRC

Agora, por favor, responda sobre o relacionamento conjugal entre você e seu(sua) companheiro(a):

1. Qualidade do relacionamento conjugal entre você e seu(sua) companheiro(a):

Como avalia a sua relação com seu(sua) companheiro(a)?

Muito infeliz	Pouco feliz	Mais ou menos feliz	Feliz	Muito feliz
1	2	3	4	5

2. Conflito conjugal entre você e seu(sua) companheiro(a):

Em termos de conflitos (brigas e discussões), como avalia sua relação com seu(sua) companheiro(a)?

Nada conflituosa	Pouco conflituosa	Mais ou menos conflituosa	Conflituosa	Extremamente conflituosa
1	2	3	4	5

3. Satisfação conjugal:

Em termos de satisfação conjugal, como você se considera?

Nada satisfeito/a	Pouco satisfeito/a	Mais ou menos satisfeito/a	Satisfeito/a	Extremamente satisfeito/a
1	2	3	4	5



### ANEXO 3 – EXEMPLOS DE ITENS DO FLOREAL

#### **Dimensão *Harmonia Conjugal***

##### **Exemplos:**

1. Nossos conflitos terminam com concessões de ambas as partes.
2. Meu(minha) companheiro(a) fica feliz quando eu me sinto satisfeito(a).
3. Quando meu(minha) companheiro(a) admite seus erros, tenho tendência a admitir os meus erros.

#### **Dimensão *Reciprocidade Negativa***

##### **Exemplos:**

1. Eu faço muitos favores a meu(minha) companheiro(a), mas tenho a impressão de que isso não é recíproco.
2. Entre nós, uma pequena divergência de opiniões se transforma frequentemente em uma grande discussão.
3. Quando há uma briga entre nós, às vezes gritamos e nos batemos.

#### **Dimensão *Evitação***

##### **Exemplos:**

1. Há desacordos entre nós que são deixados de lado sem que sejam completamente resolvidos.
2. Nós preferimos não revelar muito, um ao outro, nossas fraquezas pessoais quando discutimos.
3. No nosso relacionamento é o tempo que resolve as desavenças.

#### **Grade de Respostas do FLOREAL às dimensões *Harmonia Conjugal, Reciprocidade Negativa e Evitação***

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo	Concordo totalmente

### **Dimensão Reciprocidade**

#### **Exemplo:**

1. Levando em conta todas as vantagens e os inconvenientes que você percebe na sua relação de casal e considerando tudo que você recebe e dá ao seu(sua) companheiro(a), você diria que *(selecionar apenas uma das alternativas)*:
  - a) A relação de casal é muito mais favorável para você do que para o seu companheiro: *“Eu aproveito mais da relação do que ele(ela)”*.
  - b) A relação de vocês é justa: *“Nós dois ganhamos igualmente por estarmos juntos”*.
  - c) A relação de vocês é bem mais favorável para o(a) seu(sua) companheiro(a) do que para você: *“Ele(a) aproveita mais da relação conjugal do que eu”*.

### **Dimensão Ciúme**

#### **Exemplos:**

1. Em geral, até que ponto você é ciumento(a) na relação com teu companheiro(a) atual?

1	2	3	4	5	6
Nada ciumento(a)	Raramente ciumento(a)	Um pouco ciumento(a)	Ciumento (a)	Muito ciumento(a)	Extremamente ciumento(a)

2. Pense em uma relação de casal séria, que seja passada ou atual, ou pense na relação de casal que você gostaria de viver. Imagine que você descubra que a pessoa com a qual você está comprometido(a) está interessada em outra pessoa. O que te incomodaria mais *(selecionar apenas uma das alternativas)*:
  - a) Imaginar que seu(sua) companheiro(a) se apegue emocionalmente a esta outra pessoa.
  - b) Imaginar que seu(sua) companheiro(a) tem relações sexuais apaixonadas com a outra pessoa.

**Dimensão Fontes de conflito entre o casal (FCC) e Conflito na presença da criança (CPC)**

**Exemplos:**

1. (FCC) Questões de dinheiro: os conflitos acontecem por causa da contribuição financeira do meu(minha) companheiro(a).
2. (CPC) Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu(sua) filho(a)?
3. (FCC) A educação de nosso(s) filho(s): os conflitos acontecem pelo fato de que meu(minha) companheiro(a) não se engaja muito seriamente no seu papel de pai(mãe).
4. (CPC) Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu(sua) filho(a)?
5. (FCC) Questões sexuais: os conflitos acontecem porque eu gostaria que meu(minha) companheiro(a) desse mais atenção às minhas necessidades sexuais.
6. (CPC) Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu(sua) filho(a)?
7. (FCC) A falta de fidelidade sexual do(a) meu(minha) companheiro(a) é uma fonte de conflito na nossa relação de casal.
8. (CPC) Com que frequência vocês discutem sobre isso na presença do seu(sua) filho(a)?

**Grade de Respostas do FLOREAL às dimensões Fontes de conflito entre o casal (FCC) e Conflito na presença da criança (CPC)**

1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequente-mente	Muito



## **ANEXO 4 – EXEMPLOS DE ITENS DO *CHILDREN'S BEHAVIOR QUESTIONNAIRE* (CBQ)**

### **Dimensão *Extroversão***

#### **Exemplos:**

Minha criança

1. Gosta de descer em escorregadores altos ou de outras atividades de aventura.
2. Parece estar sempre com muita pressa para ir de um lugar para outro.
3. Frequentemente entra rapidamente em novas situações.
4. Parece estar cheia de energia, mesmo à noite.

### **Dimensão *Afeto Negativo***

#### **Exemplos:**

Minha criança

1. Fica muito frustrada quando não lhe deixam fazer alguma coisa que ela quer.
2. Parece se sentir deprimida quando não consegue completar alguma tarefa.
3. Fica muito incomodada com um corte pequeno ou machucado.
4. É muito difícil de ser consolada quando está aborrecida.

### **Dimensão *Controle com Esforço***

#### **Exemplos:**

Minha criança

1. Quando está desenhando ou pintando um livro, mostra forte concentração.
2. Gosta de atividades rítmicas suaves, como se balançar ou ser acalentada.
3. Comenta quando um dos pais muda a aparência.
4. É boa em seguir instruções.

### **Escala de Respostas do CBQ**

1. Totalmente falsa para a criança
2. Bastante falsa para a criança
3. Razoavelmente falsa para a criança
4. Nem verdadeira nem falsa para a criança
5. Razoavelmente verdadeira para a criança
6. Bastante verdadeira para a criança
7. Totalmente verdadeira para a criança



## ANEXO 5 – CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO PROJETO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (CEPSH/UFSC)

Certificado	Page 1 of 1
	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
	<b>CERTIFICADO</b> Nº 520
	O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA Nº 0584 GR-99 de 04 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o conteúdo no Regimento Interno do CEPSH, <b>CERTIFICA</b> que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.
	<b>APROVADO</b>
	PROCESSO: 520 FR: 305291
	TÍTULO: A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos de idade.
	AUTOR: Maria Aparecida Crepaldi, Professor: Mauro Luis Vieira, Alunos de Pós-Graduação: Simone Azeredo (Mestrado), Lauren Beltrão (Mestrado), Carina Bossardi (Mestrado), Alunos de Graduação: Beatriz Schmidt
	FLORIANÓPOLIS, <u>30</u> de <u>Novembro</u> de <u>2009</u> .
	_____ Coordenador do CEPSH/UFSC
<a href="http://www.cep.ufsc.br/projeto_cep/certificado/certificado.php?id_pesquisa=520">http://www.cep.ufsc.br/projeto_cep/certificado/certificado.php?id_pesquisa=520</a>	30/11/2009



## 10. APÊNDICES

### APÊNDICE 1 – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
 Departamento de Psicologia

#### AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa por meio da instituição: \_\_\_\_\_, bem como a participação consentida dos profissionais aqui vinculados nas entrevistas.

Autorizo, também, a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação do local, nem de seus profissionais.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do responsável pela instituição

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Identificação do responsável pela instituição:

\_\_\_\_\_



## APÊNDICE 2 – FICHA DE CONTATO INICIAL COM AS FAMÍLIAS (CARTA-CONVITE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
 Departamento de Psicologia  
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia

### CARTA-CONVITE

Prezados pai e mãe:

Gostaria de convidá-los a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em sua cidade sobre a transmissão intergeracional: o relacionamento da criança com seus familiares e suas repercussões na interação criança-criança.

Sua participação acontecerá por meio de respostas a questionários que abordam o tema da pesquisa. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. A pesquisa se dará com a participação voluntária de pais e de mães e sua opinião é de extrema importância para o sucesso da mesma.

Caso você aceite participar, por favor, preencha as informações abaixo e devolva esta carta à escola de seu(sua) filho(a), que entraremos em contato com você.

*A ser preenchida pelo participante:*

Nome do participante pai \_\_\_\_\_

Nome da participante mãe \_\_\_\_\_

Número de filhos \_\_\_\_\_

Nome e idade do(s) filho(s)

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Instituição de Educação Infantil da criança de 4 a 6 anos

\_\_\_\_\_

Endereço Residencial \_\_\_\_\_

Telefone Residencial e/ou Celular dos Pais \_\_\_\_\_

E-mail dos pais \_\_\_\_\_



## APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em cidades de Santa Catarina, intitulada: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Essa pesquisa tem como objetivo estabelecer um elo entre o modo de funcionar das famílias e o comportamento das crianças.

**A participação é voluntária.** Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os questionários que por você serão respondidos. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na pesquisa.

Quaisquer informações adicionais ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos junto à pesquisadora pelo telefone (48) 8833-4471, ou pelo e-mail psi.beatriz@gmail.com.

Eu, Sr(a) \_\_\_\_\_, considero-me informado(a) sobre a pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”, e aceito participar da mesma, consentindo que os questionários sejam aplicados e utilizados para a coleta de dados.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_.

---

Assinatura do Entrevistado

---

Pesquisadora Principal: Psicóloga Beatriz Schmidt

---

Pesquisadora Responsável: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Crepaldi



**APÊNDICE 4 – TABELAS DE PORCENTAGENS DAS  
RESPOSTAS ÀS DIMENSÕES *RECIPROCIDADE* E *CIÚMES* DO  
FLOREAL**

**Tabela 12** - Respostas de mulheres e de homens à dimensão *reciprocidade* do FLOREAL

<i>Reciprocidade</i>	Mulheres	Homens
Relação conjugal é mais favorável para si próprio	1%	7,7%
Relação conjugal é mais favorável para o(a) companheiro(a)	14,4%	4,8%
Relação conjugal é justa: os dois ganham igualmente por estar juntos	84,6%	87,5%

**Tabela 13** - Respostas de mulheres e de homens à dimensão *ciúmes* do FLOREAL

<i>Ciúmes</i>	Mulheres	Homens
Nada ciumento	9,6 %	12,5%
Raramente ciumento	33,7%	23,1%
Pouco ciumento	23,1%	40,4%
Ciumento	22,1%	15,4%
Muito ciumento	5,8%	2,9%
Extremamente ciumento	5,8%	5,8%